Alice Aparecida Labarca Puelles

O vestuário e seus acessórios em São Paulo em meados do século
XIX: uma construção de vocabulário para compreender indumentária

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação Interunidades em Museologia
da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Mestre em Museologia.

Área de Concentração: Museologia

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Maria Silveira Barbuy

Linha de Pesquisa: História dos processos museológicos, coleções e acervos

Versão original

São Paulo
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia
da Universidade de São Paulo

Puelles, Alice Aparecida Labarca

O vestuário e seus acessórios em São Paulo em meados do século XIX: uma construção de vocabulário para compreender indumentária / Alice Aparecida Labarca Puelles ; orientadora Heloisa Maria Silveira Barbuy. São Paulo, 2014.
181 fl. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, 2014.

1. Documentação museológica. 2. Moda. 3. Vocabulário. 4. São Paulo. 5. Século XIX. I. Barbuy, Heloisa Maria Silveira. II. Título.

Nome: PUELLES, Alice Aparecida Labarca

Título: O vestuário e seus acessórios em São Paulo em meados do século XIX: uma construção de vocabulário para compreender indumentária

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação Interunidades em Museologia
da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Mestre em Museologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

É difícil saber por onde começar. Foi um longo caminho até aqui; o que começou com um momento de puro encantamento em um museu e está terminando com mais um etapa concretizada, mais uma dentro de um longo caminho (espero!).

Primeiramente, agradeço à Heloisa Barbuy, pois este mestrado não teria sido possível sem a confiança dela em minha pessoa. E eu sei que não foi fácil, uma pessoa estranha, de outro curso, outra unidade, pedindo uma chance... E ela me acolheu. Serei eternamente grata por essa oportunidade e parceria.

Agradeço também à Teresa Cristina Toledo de Paula, pois foi com ela que tive a primeira oportunidade de estudo nessa área. Desde o seu curso no MASP até o Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Têxtil e Moda, da EACH/USP. Através dela que cheguei a este mestrado, descobri todo um universo de bibliografia da área e um caminho a seguir. Sou grata aos funcionários do Museu Paulista/USP, todos sempre muito prestativos, mas em especial ao Helton C. Wanderley, da Biblioteca, e Flávia Urzua, da equipe de Documentação Textual e Iconografia, sempre excepcionais e generosos comigo.

Não posso me esquecer das minhas amigas. Fabiana Hiromi que me aguentou em meus momentos de lamúria (quanto drama por qualquer coisa!), assim como nos momentos de alegria e conversa jogada fora. Patrícia de Mello Silva pelas incontáveis ajudas com a pesquisa, momentos de estudo e leituras, revisões e passeios para xeretar a moda por aí. Agradeço ao Thiago Nóbrega pela grande ajuda nos últimos minutos do segundo tempo. Sei que sempre poderei contar com vocês!

Agradeço demais à minha família. Meus pais, Raul e Ana, que me apoiaram em minhas decisões, mesmo nas mais inconsequentes, e acreditaram nas minhas escolhas. Às minhas irmãs, Marcela e Carolina, sempre com um conselho para dar. Por causa delas que me apaixonei pela moda, cada uma com seu estilo e personalidade, cheias de atitude, com quem aprendi o que é se expressar através da roupa, apesar de nunca ter dito isso antes a elas.

E por último, agradeço ao Luis Manrique, a pessoa que mais me apoiou e me motivou em toda essa jornada. Eu não teria conseguido sem você, Luigi.

*“Vestir á moda! Haverá sonho mais delicioso, flôr mais perfumada, prazer mais
completo?”*

(CABRIÃO, Nº 3)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a elaboração de um vocabulário para compreensão de indumentária do século XIX, inserindo-se no campo da Documentação Museológica. Partindo da análise de anúncios de lojas e comércios de tecidos e vestuário, publicados no jornal **Correio Paulistano**, em São Paulo, em meados do século XIX, visa identificar vestuário e acessórios utilizados na época, a fim de reconhecer a moda usada pela sociedade paulistana naquele período. Moda, aqui, entendida como uma necessidade social, tanto de individualidade do ser, expressando personalidade através de detalhes, como de aceitação em um grupo de pessoas que compartilham dos mesmos anseios. Trata-se, assim, da construção de um instrumento de curadoria museológica a partir do desenvolvimento de conhecimento novo sobre o contexto histórico cultural de São Paulo no período estudado. Há poucas publicações nacionais sobre têxtil e moda, fazendo com que pesquisadores recorram continuamente a publicações estrangeiras, que não retratam fielmente o nosso país e menos ainda a região paulista.

Palavras-chave: documentação museológica, moda, vocabulário, São Paulo, século XIX.

ABSTRACT

The present work has as aim the preparation of a vocabulary to garment comprehension of the nineteenth century, adapting into the Museum Documentation field. From the analysis of shops announcements and fabric and clothing trades, published in **Correio Paulistano** newspaper, in São Paulo around the nineteenth century, aim identify clothing and accessories used at that time, in order to recognize the fashion used by the paulista society in the period. Fashion, here, understood as a social need, such as individuality, expressing personality through details, as approval in a group who share the same anxious. It's about the instrument construction of a museological curatorship since the new knowledge development about the São Paulo cultural and historical contexts in the period studied. There are few national publications about textile and fashion, making researchers appeal continually to foreign publications that not portray faithfully our country and much less the São Paulo region.

Keywords: documentation of museum collections, fashion, vocabulary, São Paulo, nineteenth century.

Sumário

Introdução	9
1. O estudo da história da moda no Brasil.....	15
2. Fotografias, relatos e crônicas como fonte desta pesquisa.....	18
3. Vestuário Feminino	22
4. Vestuário Masculino.....	35
5. Vestuário Infantil	41
6. Construção do vocabulário	46
Vocabulário	50
Referências Bibliográficas e Fontes Impressas.....	111
Anexo	120

Introdução

Este trabalho consiste na construção de um vocabulário para compreensão de indumentária do século XIX, inserindo-se no campo da Documentação Museológica. Algumas palavras usadas naquele período já deixaram de fazer parte do nosso vocabulário atual, caindo em desuso, outras perderam o sentido inicial. Trata-se de uma imersão no guarda-roupa da sociedade paulistana de 150 anos atrás com vistas a auxiliar na identificação e descrição da indumentária do século XIX, tanto em acervos tridimensionais como iconográficos e também na compreensão de acervos textuais que fazem referência a indumentária, como os próprios anúncios de jornal examinados neste trabalho.

Importante notar, ainda, que muitos dos vocábulos aqui tratados provavelmente continuaram a valer também para o final do século XIX e início do século XX. Isto deverá ser verificado futuramente.

Uma compreensão inicial do contexto estudado, São Paulo em meados do século XIX, tomou como ponto de partida alguns autores que buscaram conhecer aspectos materiais da cidade, para compreensão do dia a dia das ruas, do comércio ou das atividades urbanas de imigrantes e que assim, de alguma forma, nos trazem referências sobre os modos de vestir do paulistano naquele período.

Estes modos de vestir é o que chamamos de “moda” neste trabalho. Entendemos que é possível utilizar este termo no sentido de

Imitação de um modelo dado, a moda satisfaz uma necessidade de apoio social, ela leva o singular à via seguida por todos, ela indica uma universalidade que reduz o comportamento de cada um a mero exemplo. Ela também satisfaz, no entanto, a necessidade de distinção, a tendência à diferenciação, à variação, ao destaque.
(SIMMEL, 2008, p. 163)¹

Para a moda, é necessário que haja uma individualidade, assim como a união de um grupo. Cria-se a necessidade de detalhes para criar esse sentimento de único. Assim, a roupa expressa nossa personalidade e atitude, mas ainda nos insere num grupo que, provavelmente, terá os mesmos anseios e comportamentos que nós temos.

Essa ideia também aparece no trabalho de Gilda de Mello e Souza (2005):

¹ De acordo com o tradutor deste ensaio, Antonio Carlos Santos, ele foi publicado pela primeira vez em 1911, mas a primeira versão foi escrita em 1895, com o título Para a psicologia da moda, um estudo sociológico.

Serve à estrutura social, acentuando a divisão em classe; reconcilia o conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós (necessidade de afirmação como pessoa) e o socializador (necessidade de afirmação como membro do grupo); exprime idéias e sentimentos, pois é uma linguagem que se traduz em termos artísticos. (SOUZA, 2005, p. 29)

Como afirma Simmel (2008): “A prova de que a moda é, então, um mero produto de necessidades sociais ou também de necessidades psicológicas formais está no fato de que quase nunca podemos descobrir uma finalidade material, estética ou outra que explique suas criações”. A moda cria necessidades, não havendo uma lógica sobre como isso é feito. Em um momento, há a necessidade de possuir determinada peça e, logo após, ela não é mais necessária, tornando-se um objeto feio e repulsivo. Como afirma Bergamo (2007, p. 65), “a moda envolve experiências sociais que não podem ser reduzidas a um determinismo metodológico e nem a uma forma de imitação social”.

Na São Paulo de 1860, havia uma necessidade de transformação, de crescimento urbano. A cidade que ainda possuía ares de vila colonial, com pouco mais de 25 mil habitantes, não tinha uma importância econômica e cultural, comparada com Rio de Janeiro, Salvador e outras capitais brasileiras, mas a instalação de novas casas de comércio impulsionaria a mudança dessa perspectiva.

A década de 1860 constitui um momento histórico em São Paulo, no qual a cidade mostra ainda traços significativos da antiga vila colonial [...] e ao mesmo tempo vive já a instalação daquelas primeiras casas de comércio que passaram a disponibilizar produtos estrangeiros, mais refinados (cosmopolitas)[...] (BARBUY, 2006, p. 27)

O Brasil, no século XIX, passa por uma fase de “reeuropeização”, termo criado por Gilberto Freyre, para falar das transformações que o país vinha passando desde a chegada da família real, em 1808, com a importação de produtos e costumes europeus. De acordo com Gilberto Freyre (2009), há um maior apreço pela língua francesa no período, vinculando-se à ideia de “atraentes futuros industriais”, assim como a ideia do ser civilizado, que leva a vida das metrópoles europeias, sabendo-se vestir com elegância, se comportar e ser educado, como o povo francês².

“Povo” esse, do qual, paradoxalmente, faziam parte os franceses, porque uma minoria vinha com o *savoir-faire*. Por outro lado, a maioria aproveitava das oportunidades que a influência cultural francesa abria nos âmbitos dos negócios e serviços, e improvisavam seus papéis, adaptavam-se, atrelando-se a essa questão de identificação cultural com a terra natal, mas, sobretudo, para suprir as próprias necessidades de sobrevivência. (BIVAR, 2007, p. 184)³

² BIVAR, 2007, p. 184.

³ Para mais informações, consulte também BARBUY, 2001.

Surgem assim comércios de moda, cabeleireiros, perfumistas, em sua grande maioria franceses⁴. Essas casas concentravam-se no chamado Triângulo, “cujos vértices eram balizados pelos conventos de São Francisco, São Bento e Carmo”⁵, região do centro que compreendia as ruas do Rosário (atual XV de novembro), Direita e São Bento (Fig. 1)⁶.

Figura 1 – Pormenor do Mapa de 1842, no detalhe vemos o Triângulo (Carta da Capital de São Paulo, por José Jaques da Costa).

A moda é importante nesse período, indicando a posição social de quem a exibe e mostrando que o indivíduo está inserido na sociedade, vestindo-se de forma adequada. Era uma moda de classe, em que os mais ricos imprimiam um referencial do que deveria ser utilizado e quando as classes mais baixas tivessem acesso, as descartavam, pois não haveria mais uma distinção entre eles (SIMMEL, 2008). É esse movimento que faz com que a moda esteja constantemente mudando, as buscas pela distinção e imitação⁷.

Pois estar “fora da moda” é, para uma mulher ou um homem moderno, e vem sendo para a mulher e para o homem, através de vários tempos sociais, uma situação herética semelhante à da pessoa desgarrada de atitudes e de comportamentos predominantes ou representativos de

⁴ BRUNO, 1991.

⁵ TOLEDO, 2007, p. 9.

⁶ Apesar do surgimento desses comércios, as mulheres não saíam as compras, sendo essas feitas por pajens, de acordo com Barros (1998).

⁷ LIPOVETSKY, 1989, p. 53. Para Lipovetsky, a origem da moda não se dá apenas pela disputa de classes, mas também pela expressão de um indivíduo que está buscando autonomia, novidades.

pensares e sentires consagrados como ortodoxos em ética, religião, política, economia e noutros setores caracteristicamente socioculturais. (FREYRE, 2009, p. 30)

Para Meléndez⁸, a roupa não apenas indica a classe em que o sujeito está inserido, mas é uma importante ferramenta para indicar o grau de civilização de uma sociedade.

Apesar de sua importância na sociedade ser reconhecida tardiamente, a moda não deve ser menosprezada, pois reflete um momento, uma cultura, uma sociedade. No século XIX, esse momento está relacionado a *status*, um elemento sempre presente na moda, que até meados do século XX retrata o prestígio de uma classe em detrimento de outra⁹.

Se as formas sociais, as roupas, os juízos estéticos e todo o estilo que o ser humano utiliza para se expressar são mantidos em constante mutação pela moda, esta, ou seja, a nova moda, só diz respeito às classes altas. Tão logo as classes baixas começam a se inclinar para ela, ultrapassando as fronteiras demarcadas pelas classes altas e quebrando a homogeneidade de seu pertencimento aí simbolizado, as classes altas se afastam e adotam uma nova moda que as distingue, por sua vez, das grandes massas, relançando o jogo novamente. (SIMMEL, 2008, p. 168)

Devemos recordar que a moda também está ligada ao gosto e que o mesmo não se repete em todas as capitais do nosso país. Diferenças podem ocorrer, como afirma Frederic Mauro (1991), com base em relatos de viajantes, que notavam nítidas diferenças com relação à vestimenta da mulher dependendo da capital. Em algumas cidades, as mulheres eram vistas como mais vaidosas, havendo uma preocupação maior com a *toilette*¹⁰, e em outras raramente eram vistas, ficando confinadas em suas casas, apontando também diferenças comportamentais. Portanto, não há como padronizar a moda brasileira de forma simplificada, sabendo que havia essas diferenças, apontadas por Rugendas, por volta de 1835:

Em todas as partes do Brasil conservavam os costumes alguma semelhança com os do povo da metrópole e da Espanha. Entretanto, a influência das modas da França e da Inglaterra é sensível nas províncias marítimas e no Rio de Janeiro, pois o Brasil não tem ainda fábricas e no tempo da colônia, proibia o governo português a sua instalação.

Quanto mais nos afastamos das cidades portuárias, mais simplicidade encontramos. E no clima temperado, as vestimentas são mais quentes. (RUGENDAS, 1979, p. 156)

⁸ In: ROOT, 2006, p. 23.

⁹ Para saber mais sobre a relação entre moda e *status*, consultar BERGAMO (2007).

¹⁰ De acordo com o Jornal das Senhoras (publicação do Rio de Janeiro, que circulava todo domingo, de 1852 a 1855), de 5 de dezembro de 1852, *toilette* seria a “arte do vestir bem”, “estou vestida com cuidado”.

“Para sahir ou estar em casa, chama-se *toilette* ao traje completo de uma senhora, desde que ella deixa o seu vestuário de quarto, e prepara-se com mais cuidado e esmero.”

A partir dessa observação, como podemos falar de uma moda nacional quando o vestuário não está somente ligado à moda, o gosto ou o clima, mas também ao comportamento e “estilo de vida” implementado na cidade?

O objetivo deste trabalho é um estudo de identificação da moda da sociedade paulistana, em meados do século XIX, com especial atenção aos anos anteriores à Guerra do Paraguai (1864-1870), que viria a constituir um momento de ruptura também nas práticas comerciais e que seria seguida de um período de crescimento econômico de São Paulo, especialmente em razão da expansão cafeeira. O trabalho visa contribuir para este campo com a construção de um vocabulário sobre indumentária, cujos termos foram retirados dos anúncios do jornal *Correio Paulistano*, corpus documental principal desta pesquisa, e cujo sentido foi investigado em bibliografia e fontes diversas.

Utilizei-me desse periódico (principal jornal do período em São Paulo¹¹), disponível no site da Biblioteca Nacional, para identificar as casas de comércio que havia em São Paulo. Nele pude verificar quais ramos de comércio existiam e os objetos comercializados. Foram examinados todos os números deste jornal publicados no ano de 1862, além do Almanaque Comercial de 1863 (relativo aos comerciantes de 1862) para soma e maior precisão de informações (o almanaque reunia informações sobre os comerciantes da cidade, indicando ramo de comércio e o endereço). Identifiquei os comerciantes e/ou comércios que apareciam em ambas as publicações para posteriormente fazer a busca de inventários/testamentos no Arquivo do Estado.

Através dos anúncios, não apenas obtive os termos necessários para a construção do vocabulário, como uma compreensão maior do comércio de São Paulo e sua relação com estações do ano e datas comemorativas. Por exemplo, anúncios específicos para Carnaval ou Natal e os meses em que eram dispostos anúncios de roupas para o inverno.

Os termos estão organizados em ordem alfabética, abordando Indumentária Feminina, Indumentária Masculina, Acessórios¹² e Toalete. Apesar de no jornal aparecerem anúncios de fantasias infantis e barbas postiças para o Carnaval, estes não foram incorporados ao vocabulário, pois optamos por tratar apenas aquilo que era corrente, rotineiro, não sendo abordadas indumentárias especiais, como religiosas, uniformes do exército e as fantasias já mencionadas.

No Arquivo Histórico do Estado de São Paulo tive a oportunidade de verificar inventários e testamentos (Fundo Tribunal de Justiça). Através dos inventários podemos obter indicações

¹¹ BARBUY, 2009.

¹² Acessórios são os complementos do vestir, como calçados, bolsas, jóias, cintos, gravatas etc.

sobre a vida material da pessoa falecida, o local onde morava (assim podemos saber a região da cidade em que ela vivia), família, etc, tornando-se uma importante fonte para diferentes tipos de pesquisa.¹³

Embora não tenha encontrado nenhum inventário de proprietários de lojas de fazendas¹⁴, foi possível localizar joalheiros, o que permitiu levantar detalhes e nomes usados na joalheria, um item estudado nesta pesquisa, na área de acessórios.

No período estudado, já não havia mais o costume de deixar em testamento peças de roupa e tecidos, apenas joias, mas no Arquivo encontrei dois inventários que continham indumentária, dando uma noção do que as pessoas podiam utilizar no dia a dia.

As crônicas de viajantes também foram de suma importância, pois através dos olhares dos estrangeiros podemos captar aspectos da sociedade estudada, mas tomando cuidado com as interpretações que podem ser feitas a partir dos relatos, sabendo que não são imparciais e que foram feitos em determinados contextos históricos por pessoas portadoras de mentalidades e referências culturais exógenas.

Desta forma, este estudo busca uma identidade paulistana definida pelo vestuário, através de diversas fontes, tanto impressas quanto manuscritas, assim como iconográficas, para construir a imagem do cidadão que circulava pela província em meados do século XIX, delineada por sua vestimenta.

O primeiro capítulo deste trabalho trata do estudo de história da moda no Brasil, com comentários a respeito da produção de livros e artigos. O objetivo é analisar a forma como vem sendo estudada e abordada a moda nacional, com o foco em São Paulo, objeto de nosso estudo.

O segundo capítulo apresenta as fontes utilizadas ao longo do processo de pesquisa, como periódicos, crônicas, relatos de viajantes, charges e fotografia, esta última de extrema importância como fonte documental.

Os últimos capítulos abordam os vestuários feminino, masculino e infantil, com descrições sobre as principais vestimentas e acessórios utilizados. No final, encontra-se o vocabulário com as fontes de onde foram retirados os termos e suas respectivas definições. Este é o resultado final da pesquisa, para o qual convergiram as informações coletadas e no qual estas foram sistematizadas.

¹³ OLIVEIRA, 2005, p. 25.

¹⁴ Lojas responsáveis pela comercialização de tecidos e aviamentos; algumas também vendiam roupas feitas e chapéus.

1. O estudo da história da moda no Brasil

Quase todas as obras especializadas em vestuário são em língua estrangeira, criando uma dificuldade para a compreensão da indumentária nacional, bem como o estudo e a documentação museológica de acervos de indumentária no Brasil. Muitos dos livros utilizados são catálogos de coleções, como os do *Victoria and Albert Museum*, dicionários de moda, como o de Marco Sabino (2007)¹⁵, e glossários têxteis, como o *Glossário têxtil e de confecção*, publicado pelo SENAI/CETIQT, em 1986, com traduções de termos técnicos do inglês para o português.

O artigo de Adilson José de Almeida, “Indumentária e Moda: Seleção Bibliográfica em Português”¹⁶, ajuda com a enumeração das principais obras sobre o tema em língua portuguesa, mas não aparecem muitos estudos específicos sobre indumentária no Brasil. Uma das exceções é o trabalho de Gilda de Mello e Sousa, *O espírito das roupas*, estudo acadêmico de 1950 sobre moda no final do século XIX, com uma abordagem sociológica. Rita Andrade¹⁷ também aborda a falta de obras específicas brasileiras no artigo “Notas sobre a roupa na literatura especializada”.

O livro de Braga e Prado (2011), *História da Moda no Brasil: das influências às autorreferências*, aborda o período que vai de 1889 até a atualidade. A justificativa dos autores para esse recorte é a grande quantidade de material que eles conseguiram ao longo da pesquisa. Os autores também reforçam a ideia da falta de bibliografia sobre a história da moda no Brasil:

[...] talvez justamente pelo segmento ter sempre recebido abordagens que, com facilidade, resvalaram para a mistificação ou para o superficialismo. Até outro dia, a moda era, com preconceito ostensivo, vista como tolice de mulheres e afeminados fúteis. Para nós, é muito mais do que tramas, babados e fuxicos; envolve economia, desenvolvimento industrial, sensibilidade estética e comportamento.
(BRAGA, PRADO, 2011, p. 7)

Os autores entrevistaram estilistas, modelos, jornalistas de moda e pesquisadores da área de Moda, que também forneceram material documental, assim como empresas e

¹⁵ Marco Sabino relata no prefácio que apesar de a história da Moda no Brasil não ter sempre sido autoral, sempre existiu. Seu foco é o século XX e o surgimento de mídia e eventos especializados, assim como os estilistas.

¹⁶ ALMEIDA, 1995.

¹⁷ Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/lucianahidemi/article/view/18193>, acessado em 17 de maio de 2012.

instituições. Também consultaram livros, teses e periódicos, além de um grande acervo iconográfico.

Outro título lançado no mesmo ano foi *História da Moda*, de Marco Sabino (2011). O livro aborda a história da moda mundial e também no Brasil, a partir do período colonial. Sabino também comenta a falta de documentação para o estudo da moda brasileira:

Infelizmente, não há no Brasil uma farta documentação como na Europa. Isso faz com que os brasileiros sejam obrigados, para reconstituir parte da História de sua indumentária, a pinçar trechos em relatos, em antigos testamentos, que descreviam os trajes deixados como herança, e em registros de impressões de viajantes europeus. Mas esses estrangeiros, sem dúvida, possuíam gosto e avaliações bem pessoais. (SABINO, 2011, p. 108-109)

No capítulo referente ao século XIX, o autor retrata mais a história da moda francesa, dedicando apenas um parágrafo sobre a moda no Rio de Janeiro, já no período da Belle Époque (final do século XIX).

História do Corpo no Brasil, obra organizada por Mary del Priore e Márcia Amantino, aborda o corpo e suas mudanças ao longo da história de nosso país e como a sociedade lidou com elas. Os artigos não abordam apenas a questão da indumentária, mas também de formas, higiene, doenças e estética, desde o descobrimento até a atualidade. Destaco o capítulo de Márcia Pinna Raspanti, “Vestindo o corpo: breve história da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do Império”, mas como outros textos do período estudado, seu foco é o Rio de Janeiro.

Manuela Pinto da Costa, museóloga, publicou *Glossário de termos têxteis e afins*, com o intuito de auxiliar aos profissionais que trabalham com têxteis. Ela ressalta que necessitavam de uma resposta rápida para significados conhecidos, por isso não anotavam as fontes de onde extraíam os termos, apenas os significados. Como ela afirma: “[...] o aumento e a riqueza das soluções encontradas, a sua extensão e conteúdo, transformaram num Glossário, uma simples listagem de nomes, de cuja interpretação estávamos carenciados.”

Trata-se de um glossário simples, mas com as definições bem elaboradas, claras e objetivas, de fácil assimilação pelo leitor. A construção dele se deu com o uso de muitos dicionários de língua portuguesa antigos, alguns são os mesmos utilizados nesta pesquisa, e livros estrangeiros para a explicação de técnicas.

No final de 2013, Joana Monteleone apresentou sua tese de Doutorado¹⁸ *O circuito das*

¹⁸ Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da FFLCH/USP.

roupas, sobre o consumo de roupas no Rio de Janeiro durante o período imperial. Seu estudo parte de análises de relações e mudanças econômicas do período através do estudo do vestuário. Ela trata desde a chegada da máquina de costura, aos estudos de indumentárias masculinas e femininas, aos ofícios de costureira, assim como um estudo da Rua do Ouvidor, a principal rua no Rio de Janeiro para quem queria adquirir artigos de moda. No final, ela propõe um pequeno dicionário histórico de tecidos, utilizando-se também de dicionários antigos para explicar os termos.

Por mais que nos últimos anos as pesquisas sobre moda e tecidos no Brasil tenham aumentado, ainda não há um desenvolvimento expressivo nos estudos históricos da indumentária do brasileiro. Os poucos livros que abordam o tema são meros manuais, baseando-se muito no que ocorria na Europa e no Brasil focando-se no Rio de Janeiro, capital na época. Mesmo com obras recentes sobre o tema, como os livros de Marcelo de Araújo¹⁹ e Gilda Chataignier²⁰, elas não são suficientes para a história da província, hoje estado de São Paulo.

A falta de estudos na área acaba por não ser um problema apenas nacional. Taylor (2002), assim como Lipovetsky (1989), relatam a forma como os estudos sobre moda foram ignorados por anos e afirmam que nas últimas décadas isso tem mudado, com mais estudos acadêmicos interdisciplinares. Taylor ainda discorre sobre as abordagens do tema nas histórias sociais e econômicas.

Dress/textile historians, however, believed that because economic and social historians left out examination of the actuality of the fabrics produced, they were failing to address centrally important themes such as the significance of issues of the ephemerality of fashion, style change and related gendered consumption issues. (TAYLOR, 2002, p. 64)

Ela cita exemplos de como os estudos na área vem sendo abordados na Inglaterra, apresentando como um histórico, das discussões de como historiadores ignoram a moda, o vestuário, etc. A autora também ressalta as diferentes formas de pesquisa, cada uma com seus objetivos e metodologia, mas também suas falhas.

¹⁹ A obra de Marcelo de Araújo, **Dom Pedro II e a moda masculina na época vitoriana**, lançada em 2012, aborda as vestimentas do imperador, consideradas simples e descontraídas em relação à moda da época.

²⁰ Gilda Chataignier publicou **História da Moda no Brasil**, onde ela conta 500 anos de história da moda em nosso país. Assim como o livro de Marcelo de Araújo, Gilda concentra-se mais no Rio de Janeiro.

2. Fotografias, relatos e crônicas como fonte desta pesquisa

“A natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar, é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente.” (BENJAMIN, 2000, p. 94)²¹

As fotografias entram neste trabalho como um registro que documenta, em imagens, a moda da época que nos ocupa. Assim, verifiquei as coleções Militão Augusto de Azevedo e Harold Alexandre Hummel, pertencentes ao Museu Paulista, por serem aquelas que trazem retratos de meados do século XIX.

Segundo Fernandes Junior (2012), Militão Augusto de Azevedo (1837-1905), nasceu na cidade do Rio de Janeiro, saindo da corte e chega à São Paulo em 1862, em um momento de transformações, iniciando seus trabalhos na Galeria Esplêndida, antiga Carneiro & Smith, mudando de nome após Gaspar Antonio da Silva Guimarães assumir a direção do local, (1862-1865). Em 1865, aparece uma nova associação com o nome Carneiro & Gaspar (1865-1875), cuja matriz localizava-se na cidade do Rio de Janeiro, e surge a Photographia Academica, localizadas na Rua da Imperatriz.

Com a morte de Gaspar Antonio da Silva Guimarães, em 1875, Militão tornou-se proprietário do estúdio em São Paulo e mudou o nome de Photographia Academica para Photographia Americana (1875-1885), permanecendo no mesmo endereço, Rua da Imperatriz, 58.²²

Um de seus álbuns mais conhecidos é o *Álbum comparativo da cidade de São Paulo, 1862-1877*, cujas fotos eram de vários pontos da cidade que ele produziu em 1862 e voltou a produzir em 1887, preservando os mesmos ângulos, mas mostrando como a cidade se transformou em 25 anos. Além das fotos urbanas, porém, deixou em álbuns de controle de seu estabelecimento, os contatos de suas fotografias de estúdio, com cerca de 12.000 retratos, hoje pertencentes ao Museu Paulista. Destes, o álbum utilizado para o trabalho é o que, no Serviço de Documentação Textual e Iconografia da instituição, tem o número de registro 16539, que corresponde à 2.117 fotos de estúdio, década de 1860.

²¹ Escrito em 1931, o texto de Benjamin discorre sobre a evolução da fotografia, desde os cartões de visita até a fotografia alemã nos anos de 1920. Ele também fala sobre o momento capturado pela fotografia e como torna-se duradouro e o mérito da escola moderna de fotografia em libertar o objeto e o olhar e vê-lo mais além do que aquele instante.

²² FERNANDES JUNIOR, R., 2012.

A coleção Harold Alexandre Hummel, também pertencente ao Museu Paulista/USP, é composta por muitas fotos provenientes da Alemanha e Dinamarca, no final do século XIX, início do século XX. Há poucas fotos de São Paulo no período estudado e são provenientes do estúdio Carneiro & Gaspar. Hummel era dinamarquês e chegou ao Brasil em 1867, participando da organização do Museu Paulista²³.

Para o historiador que mobiliza fontes fotográficas na sua investigação sobre a sociedade, as análises raramente se restringem a uma única imagem. Trabalha-se, em geral, com séries documentais, pois só por meio da recorrência é possível aferir o alcance de determinadas soluções formais e temáticas socialmente adotadas. Em outras palavras, trata-se de identificar aqueles elementos que constituem padrões visuais em funcionamento na sociedade. (PINSKY et al, 2011, p. 45)

Carvalho e Lima, curadoras responsáveis pela Coleção Militão²⁴, explicam que alguns desses retratos apresentam-se por inteiro, outros recortados apenas para identificar os rostos dos clientes, façam parte de álbuns de controles e mostruários do estúdio. Militão também escreveu comentários sobre os clientes, informando se o cliente havia gostado da foto e pagamentos. As autoras ressaltam a importância das fotografias como “fonte privilegiada” sobre as transformações que a sociedade estava passando.

A estereotipagem dos retratados está associada às novas relações que se estabelecem entre a representação do feminino e masculino, da família, da infância valorizada na produção intensa de imagens individuais, [...]; enfim, um grande catálogo de imagens que traz elementos para a análise das formas de produção de identidades. (CARVALHO, LIMA, 1997, p. 224)

A pesquisa também foi realizada em relatos e descrições de viajantes e cronistas, tomando cuidado com o conteúdo, como alerta Quintaneiro:

Os livros de viagem constituem, sem dúvida, um veio fértil para o conhecimento da história social. Mesmo assim, é preciso tomar alguns cuidados, já que aí, onde estão as virtudes, encontram-se também os limites desses registros. A princípio, a falta de conhecimento da cultura alheia pode levar o visitante a mal interpretar as mensagens que recebe, atribuindo-lhes outros sentidos. (QUINTANEIRO, 1995, p. 24)

A obra *Livros de Viagem (1803-1900)*, de Miriam Moreira Leite, auxiliou na procura de mais obras de viajantes estrangeiros; apesar de sua obra focar-se no Rio de Janeiro, por causa

²³ FERNANDES (coord.), 1998, p. 250.

²⁴ Adquiridos em 1996, através de patrocínio da Fundação Roberto Marinho e da Rede Globo de Televisão, as mais de 12.000 fotografias estavam em posse da bisneta de Militão (CARVALHO, LIMA, 1997).

do comércio e da necessidade dos viajantes terem que parar na capital para obter licenças e cartas das autoridades, muitos viajantes também vieram a São Paulo. O objetivo era um estudo da História das Mulheres e a visão do estrangeiro sobre a mulher brasileira e seus costumes. Leite aborda também autoras de livros de viagem, supondo que essas “*seriam* mais capazes que os homens de compreender a condição de vida da mulher brasileira”²⁵. Outra obra de grande importância foi *A Academia de São Paulo: Tradições e Reminiscências*, de Almeida Nogueira, professor da Academia Jurídica de São Paulo. São crônicas sobre os estudantes e professores da Academia, desde a criação do curso de direito em 1827 até 1878, publicadas originalmente no jornal *Correio Paulistano*, entre 1907 e 1912 e depois em livro. O autor não apenas descreve a trajetória de cada estudante, mas faz também comentários sobre as vestimentas para com isto esboçar a personalidade do aluno. Não se trata apenas da descrição de uma roupa, mas do que seria “correto” na forma de se vestir.

Outros relatos que fornecem muitas informações são as cartas de Álvares de Azevedo para sua mãe, onde relata pedidos de luvas, ombreiras, pelerine e outros artigos que haveria somente no Rio de Janeiro, e as memórias da infância de Maria Paes de Barros, relatadas com muitos detalhes sobre as vestimentas de meninas.

Utilizei-me também de charges e poemas publicados nos jornais *Diabo Coxo* e *Cabrião*, que zombavam dos costumes e da moda da época. O artista responsável pelas charges era Angelo Agostini, abolicionista e republicano, nascido na Itália e que veio para o Brasil em 1859. Ele iniciou em 1864, no primeiro jornal de caricaturas que circulou por São Paulo, *Diabo Coxo*. Os dois jornais tiveram uma curta duração (BALABAN, 2009). Eles eram editados pelo próprio Angelo Agostini, com a redação de Luiz Gama e a colaboração de Sizenando Barreto Nabuco de Araújo, os dois últimos estudantes da Faculdade de Direito, em o *Diabo Coxo*. No *Cabrião*, Agostini juntou-se a Américo de Campos e Antonio Manuel dos Reis, ambos formados pela Faculdade de Direito. Américo de Campos também era diretor e redator do *Correio Paulistano*²⁶.

Luiz Gama também aparece neste trabalho com *Primeiras Trovas Burlescas*, publicado em 1859, antecedendo o humor que apareceria em *Diabo Coxo*: “brincando, dizia a verdade; dizia as coisas mais belas e as mais graves da maneira mais simples”²⁷.

Elias Thomé Saliba em sua tese de Livre Docência (2000), **Raízes do riso: a**

²⁵ LEITE, 1997, p. 28.

²⁶ IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO, 2000.

²⁷ IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO, 2000, p.XXIV.

representação humorística do dilema brasileiro – da belle époque aos primeiros tempo do rádio, aborda o tema do humor na imprensa brasileira, tanto em jornais quanto no rádio. Apesar da tese começar sua abordagem por volta de 1880, ele dedica um capítulo para falar sobre a produção humorística ao longo do século XIX.

3. Vestuário Feminino

Cabelos

O cabelo complementa a produção e, no caso do período estudado, ele representa uma classe social, pois “a cabeleira vasta na mulher era insígnia de classe alta, ostentada mesmo com sacrifício de higiene pessoal”, ou seja, contraindo piolhos²⁸. De acordo com Freyre, as escravas e mucamas, raspavam as cabeças, utilizando turbantes no lugar; já as mestiças, procuravam deixar crescer o cabelo para imitar os penteados das damas da sociedade, correndo também o risco de contrair piolhos como as mesmas, um “luxo de branco” (FREYRE, 2008, p. 83).

Anterior a esse período, a descrição que Chataignier fornece é apenas do Rio de Janeiro, mencionando o penteado *trepá-moleque* (figura 5) como comum no período estudado, mas essa descrição não foi comumente encontrada nas fotos do Militão, pois encontrei poucos cabelos com esse modelo, havendo outras opções, como cabelos mais curtos e menos encaracolados (figura 6).

Os penteados exagerados, tão criticados (figuras 8 e 9), ficavam reservados aos dias de festa, não sendo muito recorrentes no cotidiano. Os cabeleireiros apareciam no dia para fazer os penteados, enfeitando-os com flores, como afirma Barros:

Bem cedo aparecia o cabeleireiro francês para pentear as senhoras, colocar flores sobre os seus cabelos [figura 4] e colar-lhes nas faces os mimosos accroche-coeurs²⁹. Algumas já de véspera se penteavam, pois que em São Paulo só havia um bom cabeleireiro francês.
(BARROS, p. 49, 1998)³⁰.

Já no jornal **Diabo Coxo**, eles têm uma outra visão com relação às flores:

- O que é que aquella moça tem na cabeça?
- Pai não vê; são flores.
- Mas tantas meu Deos!
- Ah! o jardim botânico mudou-se agora para alli.”
(DIABO COXO, anno 1, n.6, 1864).

²⁸ FREYRE, 2008, p. 83.

²⁹ Mecha de cabelo.

³⁰ A primeira edição é de 1946, quando a autora estava com 94 anos. A obra trata de suas memórias sobre a infância em São Paulo, vivida em meados do século XIX.

Figura 4 – mulher utilizando adorno no cabelo (Coleção Militão, MP/USP).

Figuras 5 e 6 - Cabelos longos, presos com pentes e grampos, também conhecidos por trepa-moleque. À direita, notamos que o cabelo está bem preso, sem muitos ornamentos, aparentando ser curto. À esquerda: CHATAIGNIER, 2010, p. 85. À esquerda: Coleção Militão, MP/USP.

Na cidade de São Paulo, havia 3 cabeleireiros: Pruvot³¹, Henrique Biard e P. Teyssier, todos localizados na rua da Imperatriz. Além de vender cabelos (para fazer penteados), também vendiam acessórios e utensílios de perfumaria, como água de colônia, pomadas e pós para o rosto (figura 7). Estas informações foram coligidas pelo exame do *Correio Paulistano* de 1862 e confirma-se por Barbuy (2012, p. 40).

P. TEYSSIER. AO FIGURINHO DA MODA

TEYSSIER tem a honra de participar ao respeitavel publico d'esta capital que acaba de receber directamente de Pariz e das primeiras e mais afamadas casas um grande sortimento de perfumarias, como pomada de todas as qualidades, oléos dito; grande quantidade de extractos para lenços, do que ha de melhor; pós, elixir, e opiata para os dentes; vinagre de toilette de diversas qualidades; agua de colonia e de Lavande superior; leite divino para tirar as manchas da cara; agua rosada de vinhe, nova composição para obstar a queda dos cabellos, e preservar a cabeça da caspa; nova composição para tingir cabellos e barba; pentes de tartaruga, e para cabelleira, pentes finos, e de marfim com chapa; ricas escovas para cabelo, fato, e chapen, assim como para unhas, e dentes, ditas com molas para limpar os pentes finos. Grande quantidade de sabão de varias qualidades, rosa, fino, caixas, chrisal e de porcellana com pós de arroz; grande sortimento de navalhas afiançadas e afiadores, composição nova para afiar as mesmas. Grande quantidade de cabellos comridos e crespos de todas as cores para qualquer obra que se apresentar. Ricos lampiões solares garantidas pela bella luz que dão, globos e vidros para os mesmos, tudo por preços moderados. N.B. Qualquer objecto comprado nesta casa, e que se encontre avariado recebe-se e troca-se por outro.

2=8

Figura 7 - Anúncio do cabeleireiro P. Teyssier, publicado no *Correio Paulistano*, em 12 de janeiro de 1862.

³¹ Pruvot, além de seus serviços de cabeleireiro, também divulgava trabalhos de desenhos fúnebres (anúncios referentes aos meses de maio a julho). Provavelmente, esses trabalhos fúnebres referem-se a quadros com cabelos de defuntos, também chamados de escumilhas. Para mais informações sobre o assunto, consultar QUEIROZ, Marijara Souza, **Arte fúnebre no século XIX: Considerações acerca da coleção de quadros de cabelos da Fundação Instituto Feminino da Bahia**, disponível em http://www.dezenovevinte.net/obras/marijara.htm#_edn2.

Cabrião faz uma crítica com relação ao exagero dos penteados (figura 8). Na primeira ilustração, ele indica que, no passado, o penteado era mais simples; já nas ilustrações que indicam o presente, a crítica é com relação à altura do penteado e o coque formado atrás, dando a semelhança da cabeça de um burro:

Figura 8 - Charge de Cabrião, número 2, 1866.

Figura 9 – repercussão da charge anterior. “Cabrião” se desculpa e diz que estava apenas debochando dos penteados, não das mulheres. Cabrião, número 4, 1866.

Jóias

De acordo com Chataignier, em *História da Moda no Brasil*, as paulistas eram consideradas sérias e elegantes, abusavam muito do preto, para o dia e para a noite, e utilizavam seda. As jóias eram de ouro, pesadas, mais próximas de peças portuguesas. As jóias mais delicadas eram encomendadas no Rio de Janeiro ou vindas de Paris. Pelas fotos que observei, essa descrição está mais presente no álbum nº 16.540 da Coleção Militão (MP/USP), já no final do século XIX. Nas fotos que abrangem o período de 1860 a 1865, apenas observei brincos mais delicados, corrente única, com pingente na ponta, cujo desenho, no entanto, não é possível distinguir.

No Arquivo do Estado não foi possível localizar nenhum inventário ou testamento de lojistas de fazendas ou roupa feita, mas encontrei informações sobre jóias e relógios, através dos inventários dos joalheiros Luiz Supplicity³² (1865) e da esposa de Luiz Bamberg, relojoeiro alemão³³ (1875). Mesmo no inventário da esposa de Custódio Fernandes da Silva³⁴ (1868), que era comerciante de tecidos, só há informações sobre joias.

No inventário de Luiz Supplicity, há uma relação de objetos de prata, como utensílios para a cozinha, isqueiros, fivelas, correntes para esposas, anéis e medalhas. Nos itens de ouro, aparecem brincos, argolas, pingentes em forma de corações, meias luas, figas e outros emblemas. Há também acessórios para o cabelo, broches, botões, dedais, abotoaduras, peças para relógios, colares com cruzes e anéis com diamantes ou brilhantes. Dos objetos citados, aparece “brincos brasileiras”, mas não foi possível entender o modelo nem o porquê da denominação. Havia também objetos com coral, como pingentes.

No inventário da esposa de Luiz Bamberg, aparecem modelos de relógios, como gótico, marinha, de mola, americanos, franceses e alemães (relógios de parede), e também correntes de ouro e prata.

Thomas Ewbank, inglês que veio ao Brasil em 1846, enumera os principais pingentes que viu na Rua dos Ourives, Rio de Janeiro, semelhantes aos que encontramos nas descrições dos comércios de São Paulo (vide figura 3). De acordo com o autor, os amuletos, como ele denomina, marcados com as letras *a*, *b* e *c* são conhecidos como “signos de Salomão”; o item *d* é uma figa (a que o autor descreve era de ouro, mas ele viu em outros materiais

³² Para maiores informações, consultar BARBUY, 2006. Nesse artigo, Barbuy fala sobre os comerciantes franceses instalados na cidade.

³³ Luiz Bamberg chegou ao Brasil em 1856, instalando-se em São Paulo em 1858. Inicialmente, seu comércio era uma relojoaria, mas, com o passar dos anos, passou a comercializar lentes, aparelhagem óptica e jóias de ouro, de acordo com Siriani (2003, p. 150).

³⁴ Comerciante de tecidos, com loja na rua do Rosário. BARBUY, 2012, p. 40.

como madeira, chumbo, ossos e chifres), geralmente abençoada pelos padres antes de usadas, sendo muito utilizadas em todas as idades. A letra *e*, o autor supõe que seja um dente de algum animal; já a letra *f* é um outro amuleto utilizado por crianças. O item *g* é feito de coral; os itens *h*, *p* e *q* são anéis com muitos pingentes, possuindo significação própria. *l* representa um par de olhos, podendo ser de ouro ou prata, e são distribuídos no festival da protetora dos olhos, Santa Luzia. *K* é uma pomba e *l* são chaves antigas; *m* é uma bula dentro de um anel; *n* é muito utilizado por crianças; *o* é uma espora de galo (pode ser feito de bronze, estanho ou prata)³⁵.

Figura 3 – Amuletos. EWBANK, 1976, p. 104.

³⁵ EWBANK, 1976, p. 104.

Mantilhas

Figura 2 – *Senhora de São Paulo*, 1827. Desenho de Charles Landseer (LAGO, 2003, p. 96)

A roupa diária utilizada no estado de São Paulo não era composta de muito refinamento. Uma característica fundamental, apontado pelos viajantes que passaram pela cidade, da mulher paulistana nesse período é o uso das mantilhas, uma tradição ibérica³⁶, ainda conservada nesse período, mas já em processo de desuso. Utilizada nas idas às igrejas por mulheres ricas, assim como as mais pobres, ela já recebia muitas críticas negativas nesse período.

As mulheres utilizavam muito a mantilha na cor preta para ir à igreja ou festividades religiosas, nas poucas vezes que saíam, permanecendo reclusas³⁷ a maior parte do tempo. Como afirma Marins, mesmo com a abertura dos portos em 1808, as modas

³⁶ BARBUY, 2011.

³⁷ De acordo com Quintaneiro (1995), a reclusão das mulheres se deu por todo o país e era maior em locais remotos. Os estrangeiros notaram uma certa flexibilização nos costumes com o tempo, o que foi chamado por eles de “europeização”. Um dos motivos da reclusão das mulheres era “o reconhecimento de sua honradez”.

européias não seduziram as paulistanas, sendo as mantilhas documentadas por viajantes iconógrafos (figura 2)³⁸.

Seja com tecidos e rendas finas, como o inglês John Mawe já notara em sua viagem a São Paulo realizada ainda em 1808, seja com as rudes e grosseiras baetas³⁹, o fato é que a imensa maioria das paulistanas cobria-se à larga, desafiando normas oficiais e ignorando as modas estrangeiras. (MARINS, 1999, p. 164)

Os relatos continuam ao longo das décadas, como o de Daniel P. Kidder (2001), norte-americano que veio ao Brasil como missionário, que esteve na província por volta de 1837 e 1838. O viajante relata que *“as senhoras traziam graciosas mantilhas escuras que serviam ao mesmo tempo de chapéu e de xale.”*⁴⁰

Gaston relata o uso de uma capa, provavelmente a mantilha, por causa de sua descrição: *“Most of the better class of women confine themselves closely to their houses, or, if seen upon the street have their heads covered with the hood of a cloak which envelops their person”* (1867, p. 97).

Essa “capa” também foi descrita por Pfeiffer, *“wear large cloth cloaks, one half of which they throw over their shoulder; I even saw a great many women enveloped in long, broad cloth capes”* (1854, p. 56).

Apesar de ser um traje que já estava saindo de moda, muito por causa dos esforços dos governos locais em abolí-lo⁴¹, ainda pode ser visto em algumas cidades por Zaluar (1975)⁴², entre 1860 e 1861:

[...] as senhoras raramente aparecem na sala, onde os homens somente recebem as visitas e conversam para entreter o tempo. Esses costumes ir-se-ão perdendo pouco a pouco, como já vão desaparecendo as mantilhas, que apenas figuram hoje para ocultar as rugas de alguma sexagenária matrona, ou são usadas pela gente das classes menos abastadas. [...] (Sobre sua passagem por Lorena)

“Ao lado da mantilha zelosa, sob cujo véu transparente se vêem brilhar muitas vezes olhos inquietos e provocadores, nota-se o detestável capote lançado pela cabeça, o que dá às mulheres o aspecto aterrador de máquinas ambulantes [...]” (Sobre sua passagem por Guaratinguetá)

³⁸ MARINS, 1999, p. 163.

³⁹ De acordo com o dicionário de Antonio de Moraes Silva (1789), baeta é um tecido de lã grosseiro.

⁴⁰ KIDDER, 2001, p. 199-200. Kidder era missionário e veio ao Brasil através da American Bible History, o que pode justificar o fato dele ter achado as mantilhas graciosas ao contrário de outros viajantes.

⁴¹ Relatado por MARINS, 1999 e LAGO, 2003.

⁴² Zaluar nasceu em Lisboa e chegou ao Brasil em 1849, desembarcando no Rio de Janeiro.

“Em Taubaté ainda se usa muito de mantilhas, não só na classe baixa como entre algumas senhoras mais distintas.” (Sobre sua passagem por Taubaté)
(ZALUAR, 1975, p. 76, 84, 104)

A mantilha continuou a receber críticas humorosas, em **Epístola ao Cabrião**, publicado no periódico *Cabrião*, número 2 (1866):

Mas eu quizéra, que V. S. dissesse tambem alguma cousa sobre a mantilha; a prosaica mantilha, que afoga a beleza, mata a elegancia, esconde o rosto e faz da mulher um ente disforme, amortalhado, lugubre, capaz de fazer ressussitar um morto. Considere V. S. uma moça bonita, acompanhada por dous agentes do santo officio, negros como a alma desses queimadores de gente. É doloroso!
V. S. disse que o frade não pertence á este seculo, e eu digo que este seculo não é o seculo da mantilha.
(CABRIÃO, 1866, n. 2)

Vestimenta

No dia a dia, em casa, as mulheres usavam saias e vestidos de chita, informações apontadas por Barros (1998) e Binzer (1994), reservando os vestidos de seda e outros materiais mais nobres para bailes e outros compromissos sociais:

There were not a great many ladies presente, but amongst those we saw some were extremely pretty, and all were exquisitely dressed in the latest fashions from Paris. The toilettes of the younger ones looked fresh and simple, while those of the married ladies displayed considerable richness and taste; for although Brazilian ladies do no go out much, and, as a rule, remains **en peignoir**⁴³ until late in the afternoon, they never fail to exhibit great judgement in the selection of their costumes.
(BRASSEY, p. 66, 1878.)

The ladies in their out-door life usually attire themselves in the latest Paris fashions, and, on days of ceremony and celebrations, [?] their finest dresses and most brilliant jewelry. At home, however, they in general are seen in very plain apparel, [...]
(SCULLY, p. 5, 1866).

Encomendavam-se as toilettes no Rio de Janeiro, visto como em São Paulo não existiam sedas para esse fim, nem modistas que as confeccionassem. Trajadas com os belos vestidos do Rio, as senhoras cobriam-se de pérolas e brilhantes (inadmissíveis, naquela época, as atuais jóias de fantasia), levando lenços de finíssimas rendas e leques preciosos, os ombros cobertos de magníficos xales de seda branca, chamados “de Tonquim” porque vinham diretamente da China. Bem cedo aparecia o cabeleireiro francês para pentear as senhoras, colocar flores sobre os seus cabelos e colar-lhes nas faces os mimosos accroche-coeurs. Algumas já de véspera se penteavam, pois que em São Paulo só havia um bom cabeleireiro francês.
[...]

Sentavam-se as senhoras no grande salão, abanando-se com ricos leques de madrepérola, ornados de finas pinturas. [...] Preparado para as damas, havia um mimoso gabinete onde se achavam todos os requisitos imagináveis de toilette: flores, perfumes, fitas e até luvas brancas e

⁴³ Roupão.

sapatinhos de cetim!
(BARROS, p. 49, 1998).

A maior parte das fotos da Coleção Militão apresenta as mulheres vestidas com uma camisa branca por baixo do casaco de cor escura, fechada até o pescoço, com saia de cor escura, sem muito volume e um cinto largo. Muitas utilizam um casaco, estilo bolero, lembrando muito um casaco de zuavos⁴⁴. As peças são bem encorpadas, não havendo muita fluidez.

Figuras 10, 11 e 12 - A primeira foto é de um soldado zuavo, notamos que os casacos usados pelas mulheres são semelhantes, através dos comprimentos e bordados. Fontes: figura 8: Blog *Noble y Real*⁴⁵, disponível em http://nobleymreal.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html, acessado em 31 de julho de 2013; figuras 9 e 10: Coleção Militão, MP/USP.

Encontramos muitas peças listradas, mas a maior parte em tons escuros. Em uma das fotos da Coleção Militão, porém, há uma moça com vestido listrado, com uma padronagem diferente das que se vê nas demais fotos, pois a risca maior é na cor branca e uma risca fina em outra cor (figura 13).

⁴⁴ Soldados de infantaria do exército francês, originários da Argélia, a partir de 1830.

⁴⁵ Blog destinado a estudos da realeza e nobreza e costumes ancestrais de protocolo de monarquias ocidentais e orientais.

Figura 13 - Mulher usando vestido listrado. O vestido se vê mais ajustado ao corpo em comparação aos outros vistos no álbum. Suas listras também diferem das demais vistas. Fonte: Coleção Militão, MP/USP.

Figura 14 – Benedicta Maria dos Santos Pedroso, esposa de Militão, utilizando vestido listrado em tons escuros, provavelmente com a crinolina por baixo da saia, já que a saia se vê bem estruturada. Coleção MP/USP.

De acordo com o inventário de Florinda Rosa Claudina⁴⁶(1855) podemos ter uma dimensão da quantidade de roupas que uma mulher possuía no período e o que era usado no dia a dia:

- oito camisas em bom uso;
- sete vestidos em bom uso;
- seis vestidos usados e já estragados;
- dez saias;
- dois paletós usados;
- um paletó em bom uso;
- uma baeta de pano fino;
- um xale de nobreza cor de carne usado;
- um dito de lã muito estragado;
- um dito de algodão xadrez usado;
- um dito de tule usado;
- uma gravatinha;
- um lenço de seda em bom uso.

Já nesse período não se costumava mais deixar esses tipos de pertences como herança, mas podemos supor que a defunta não possuísse herdeiros e haveria a necessidade das autoridades policiais listarem tudo o que pertencia, como afirma Oliveira em outros casos vistos em seus estudos.⁴⁷

⁴⁶ Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, processo 697/1855.

⁴⁷ OLIVEIRA, 2005, p. 38.

4. Vestuário Masculino

Vestimenta

Não há muita variação na indumentária do homem, “vestem-se sempre de forma burocrática, numa sobriedade cheia de tédio que atravessa todo o século”⁴⁸: sobrecasaca na cor escura, podendo ser preto ou azul, calças e coletes brancos, uso de acessórios como guarda-chuva ou bengala e chapéus, no estilo cartola, e botinas de pelica marrom. Como diria Almeida Nogueira, “trajava corretamente”.⁴⁹ Os estudantes de direito eram os responsáveis por introduzir a moda em São Paulo (figura 15). Como muitos vinham da Corte, os alunos traziam as peças mais recentes comercializadas no Rio de Janeiro.⁵⁰

As calças eram ditas a balão, “juntas sobre os pés e à cintura e larguíssimas em toda a extensão das pernas”⁵¹. Os casacos eram feitos de casimira⁵², geralmente na cor azul, com botões de metal amarelo. Os colarinhos e os punhos eram pregados à camisa, anos mais tarde, a moda seria o uso de colarinhos e punhos postiços⁵³.

Almeida Nogueira faz uma descrição interessante de um casaco dupla face (“duas vistas”), sendo uma face lisa de cor escura e a outra de uma padronagem xadrez. O casaco era vendido na loja de Pedro Bourgade⁵⁴ por 60 mil réis (60\$000) (esse valor é maior do que os estudantes gastavam por mês para morar em São Paulo, de acordo com o autor) e “Não era gente quem não possuísse um sobretudo desses.”⁵⁵

No inventário de Maria Benedicta de Toledo (1874)⁵⁶, temos o espólio de seu falecido marido Antônio José de Ferreira, morador da Freguesia de São Bernardo. Suas roupas

⁴⁸ PORTELA, 2004, p. 9.

⁴⁹ NOGUEIRA, 1977, v. 5. O autor utiliza essa expressão para descrever muitos alunos da Faculdade de Direito de São Paulo, sem maiores descrições. Os alunos necessitavam manter a compostura no vestuário, pois era notado pelos professores da Academia. O quinto volume do livro de Nogueira foi escrito em 1911, tendo o autor convivido com alguns dos alunos descritos. Já os três últimos capítulos do mesmo volume foram escritos por Carlos Penteado de Rezende, mudando muito a narrativa, quase não descrevendo os perfis fisicamente. O quinto volume retrata os alunos que se formaram entre 1856 e 1861.

⁵⁰ MARTINS, BARBUY, 1999, p. 96.

⁵¹ NOGUEIRA, 1977, p. 115-116.

⁵² Tecido de lã bem encorpado.

⁵³ NOGUEIRA, 1977, p. 59.

⁵⁴ De acordo com Nogueira (1977, v. 4), Pedro Bourgade era um dos alfaiates mais procurados pelo sexo masculino em São Paulo, junto com Fresneau, ambos franceses, mesmo havendo um grande número de profissionais na cidade. Ver BARBUY, 2009, Comércio francês e Cultura Material em São Paulo na segunda metade do século XIX. In: LUCA, T. R. De, VIDAL, L. **Franceses no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

⁵⁵ Idem, 1977, p. 115-116.

⁵⁶ Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, processo 191/1874.

foram vistas e avaliadas como usadas, totalizando 5\$000, abaixo segue a descrição:

- cinco camisas;
- quatro pares de meia;
- seis pares de calças, sendo três de casimira e três de brim;
- seis gravatas em mau estado;
- um paletó de casimira;
- duas ceroulas de algodão;
- uma calça branca e colete;
- um colete preto de veludo;
- 1 lenço branco.

Figura 15 - Convento de São Francisco, 1862 (Coleção Militão MP/USP). Nesta foto, podemos observar as vestimentas dos estudantes de direito, onde podemos perceber, embora sem precisão, alguns dos elementos descritos por Almeida Nogueira: calças brancas, sobrecasaca em cor escura e cartola.

Barbas

Os homens já não utilizavam mais barba toda e cheia, era considerado vulgar, optando por bigodes ou bigodes e barbicha no queixo, “à *Napoleão III*”⁵⁷ (figura 16). Os cabelos eram penteados para o lado e o comprimento acima do ombro, “à moda dos poetas românticos da época”.⁵⁸

Figura 16 – Napoleão III, imperador da França. O estilo de barba utilizado por ele também era conhecido como *barbiche à impériale*. Disponível em: <http://www.cosmovisions.com/NapoleonIII.htm>, acessado em 17 de maio de 2014.

Martins e Barbuy (1999) fazem uma ótima descrição sobre os diferentes modelos de barba utilizados na época (figuras 17, 18 e 19):

[...] Já as barbas seguiam o modelo de algum monarca do tempo... Se à Napoleão III, vinham em ponta acompanhada de bigodes acerados; se a Francisco I, deixavam-na cheia, cobrindo a gravata; ou ainda à nazarena, imitando aquela de Cristo. O modelo Mefistófeles trazia duas pontas, conferindo ar temeroso e elegante ao seu portador. A chamada “barba neutra”, cujo melhor modelo era aquele do Visconde de Figueiredo, apresentava queixo raspado e vastas suíças laterais, à inglesa.

(MARTINS, BARBUY, 1999, P. 96)

⁵⁷ Idem, 1977, p. 103.

⁵⁸ MARTINS, BARBUY, 1999, p. 96.

Figuras 17, 18 e 19 - Diferentes modelos de barba. Nesse período, era vulgar o uso de barba toda e cheia (NOGUEIRA, 1977); por isso os mais jovens (figura 15) optavam por uma barba aparada em ponta e bigodes, à Napoleão III. Na figura 17, vemos um exemplo de barba toda, imitando a do rei Francisco I da França. Já a figura 18, apresenta a barba neutra, ou à inglesa, com suíças laterais. (Coleção Militão, MP/USP)

O verdadeiro paulista

Zaluar (1975) relata o que considera a verdadeira vestimenta do paulista, que consideramos adequado associar à figura masculina abaixo, pintada pelo artista alemão Hildebrand, em 1844 (figura 20):

[...] Verdadeiro Paulista no coração e nos costumes, o meu companheiro, envolvido em seu largo ponche, que lhe deixava ver os contornos de um corpo bem formado, trazia apenas a descoberto a fisionomia audaz e varonil, onde se lia esse cunho de heróica intrepidez que tanto caracteriza os filhos das raças meridionais; um largo chapéu de palha, de montar e chilenas, um bom revólver à cinta, eis o que completava o traje do distinto Piracicabano em cuja companhia tive o gosto de fazer esta digressão noturna.

(ZALUAR, 1975, p. 145, grifo nosso)

Figura 20 – *St. Paulo, April 1844*. Aquarela de Eduard Hildebrandt. O homem paulista retratado com ponche, chilenas e espada (de acordo com Lago, aqui temos a ideia da aparência de um bandeirante no século XVIII). A aquarela foi pintada 17 anos depois do desenho de Landseer e as mulheres continuam retratadas com a mantilha (LAGO, 2003, p. 123).

Ina Von Binzer também faz uma descrição similar sobre um homem, que ela o considera o verdadeiro paulista, em *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã*

no Brasil (1994), por volta de 1881. A autora viveu tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo (interior e capital).

Quando o trem se pôs em movimento, cada brasileiro presente apresentou-se com seu grande lençol branco bordado de franjas e provido no meio de uma abertura por onde passaram a cabeça, de maneira que o lençol caía em volta deles. Essas coisas chamam-se ponchos, sendo os mais leves usados contra o pó e os mais pesados e coloridos empregados contra a chuva e o frio. (BINZER, 1881, p.73).

5. Vestuário Infantil

Uma das características mais interessantes no vestuário infantil era a comercialização de uniformes (figura 23), uma “fantasia”. Os uniformes eram baseados em modelos famosos, utilizados por reis europeus e exércitos. Por exemplo, a figura 21, provavelmente inspirado no uniforme utilizado por oficiais durante a Guerra do Paraguai, como visto na figura 22, onde notamos a semelhança no boné e no casaco.

Figura 21 - Criança utilizando figurino, provavelmente alguma fantasia de infantaria da Guerra do Paraguai. (Coleção Militão, MP/USP).

Figura 22 – Uniformes utilizados na Guerra do Paraguai. O uniforme da figura anterior assemelha-se ao primeiro desta figura. O terceiro uniforme pertence aos Zuavos da Bahia, companhia formada por voluntários negros baianos, cuja inspiração veio dos zuavos argelinos. Disponível em: <http://redememoria.bn.br/galeria-digital/?album=all&gallery=23>.

AU PROPHÈTE

19--RUA DO ROSARIO RUA DO ROSARIO--19

ROUPA FEITA

EM SÃO PAULO

CASA FILIAL DA DO RIO DE JANEIRO

Grande e variado sortimento de roupas feitas para homens, meninos e creanças.

PARA HOMENS.	PARA MENINOS.	FAZENDAS.
Casacas de panno preto.	Paletós de panno preto.	Panno preto francez.
Sobrecasacas de dito.	» de casemira preta.	Casimiras pretas francezas.
Paletós-sobre de dito.	» » de còr.	» de còr »
» de còr.	» de brim.	Merinós, brins, alpacas, sedas,
» de casemira de còr.	Jaqueta de panno preto.	fustão, etc.
Paletós Solferino preto.	» de còr.	=
» Roial.	Calças de casemira preta e de còr.	Para fazer sobre medida toda e
» Gorgorão.	Chapêus de feltro.	qualquer obra, tem para esse
» de alpaca preta.	» de casimira.	fim contra-mestre e officiaes
» » de còr.	Bonets á fantasia.	de primeira ordem, podendo
» de gorgorão de seda.	» de velludo	apromptar qualquer encom-
» de dito de seda da India.	PARA CREANCAS	menda com muita brevidade.
» saccos de casemira.	Desde a idade de 1 até 10 annos.	
» » de alpaca.	como uniformes de fustão, popo-	
Dorsays de panno preto.	lino, seda, sendo este de diver-	
» de casemira de còr.	sos modelos, tacs como: á Luiz	
» de gorgorão de seda.	XIV, Richelieu, Henrique IV,	
Colletes de seda preta e de còr.	Zouavos etc.	
» de casimira » »		
Colletes de merinós pretos.		
» de brim branco e de còr.		
» de fustão » »		
Calças de casemira preta.		
» de còr.		
» de brim branco.		
» » de còr.		
Robs-chambres de todas as quali-		
dades.		
Camisas bordadas para casamentos		
» parisienses.		
» de morim com peitos de		
linho.		
» de morim.		
» de flanela branca.		
» » de còr.		
Ceroulas de linho.		
» de algodão.		

No sobrado da mesma casa acaba de chegar um moderno sortimento de chapêus de todos os feitios para senhoras ; cortes de vestidos de seda, nobresa, chamalote, cassas, etc., capas de lã, ditas de seda, mantiletas, pentes de tartaruga, luvas de pellica, em fim tudo quanto se possa desejar para o toilette das senhoras, e encarrega-se da confecção de vestidos e enxovacs para noivas, afiançando-se a qualidade da costura, e sendo os preços os mais commodos do que em outra qualquer parte.

As relações directas desta casa com as principaes fabricas da Europa permittem-lhe vender todos os artigos annunciados mais barato do que em qualquer outra casa, todos os artigos annunciados por esta casa se venderão por atacado e avarejo.

Precisa-se de boas costureiras.

(1—15)

Figura 23 - Anúncio da loja Au Prophète, publicado no *Correio Paulistano*, em 30 de março de 1862, que distingue "homens, meninos e crianças".

O que foi notado também em um dos anúncios examinados é a distinção de idade. Atualmente, encontraremos de 3 a 4 variações de tamanhos de roupas infantis nas lojas (iniciando nas roupas para bebês de até 1 ano e meio, crianças até 4 anos, crianças até 10 anos e roupas para adolescentes, dos 10 aos 16 anos). Como podemos ver no anúncio do *Correio Paulistano*, aparecem duas variações, *meninos* e *creanças*. Qual seria essa distinção? De acordo com Freyre (2008), um menino de 10 anos, já deixava de ser criança, vestindo-se como um mini-adulto, utilizando casaca, bengala e chapéu, aparentando seriedade e responsabilidade, como podemos observar na foto abaixo (figura 21).

Figura 24 - Criança com sua mãe (provavelmente). Notamos o uso da gravata e sobrecasaca em tons escuros, assim como o penteado lateral: um adulto em miniatura (Coleção Militão, MP/USP).

Em *O Jornal das Senhoras*, edição 37, o artigo sobre modas trata sobre a questão da idade e da vestimenta apropriada para as meninas. Até os oito anos, a menina é considerada uma criança. A partir dessa idade, “a menina passa logo de cabelo cortado á suspirada trança e o mais que desejado pente, descem-lhe a bainha do vestido – e está *mocinha*”⁵⁹.

⁵⁹ *O Jornal das Senhoras*, edição 37, 12 de setembro de 1852.

A autora faz uma comparação com o modelo europeu adotado na época: criança até os 10 anos, menina até os 16, e somente será chamada de moça por volta dos 20 anos, acreditando se tratar de uma educação melhor desta forma.

O jornal apresenta uma figura⁶⁰ com a *toilette* apropriada para uma menina de 12 anos (figura 25).

O vestido é de seda riscadinha côr de rosa, decotado, e mangas curtas – Um elegante *canezou*, de caça branca, de mangas compridas, collarinho *basquine* e punhos de tira bordada, reveste o corpinho, tendo por último enfeite *um cinto em chapa*, que vem a ser, essa fita de veludo preto que vem das costas formar laços de duas pontas sobre os hombros, e d'ahi desce depois para fechar na cintura deixando fluctuar as suas duas longas pontas – Penteado á *Corine*.⁶¹

(O Jornal das Senhoras, edição 37, 1852).

Figura 25 – A figura ao meio representa uma menina de 12 anos e a *toilette* apropriada para sua idade (O Jornal das Senhoras, edição 37, 1852).

⁶⁰ O Jornal das Senhoras, apesar de ser uma publicação carioca, utiliza-se de imagens do jornal francês *Le Moniteur de la Mode*.

⁶¹ *Canézou* é uma “blusinha de lingerie com ou sem mangas, cuja característica é passar pelo cós da saia” (BOUCHER, 2010, p. 459). *Caça* é uma fazenda fina de algodão (SILVA, 1789, p. 315). O *cinto em chapa* pode se tratar de um cinto *à la victime*, de acordo com Boucher, “um cinto de cor contrastante passando sobre os ombros, cruzando nas costas e amarrando na cintura” (2010, p. 461), muito utilizado no final do século XVIII, início do século XIX.

6. Construção do vocabulário

No processo de construção do vocabulário foram necessários estudos na área de Terminologia para compreender melhor o processo de criação e suas necessidades. A Terminologia é uma disciplina que estuda as linguagens e seu vocabulário, concentrando sua atenção na “descrição de conceitos e termos, na organização sistemáticas dos mesmos, na normalização dos termos” (BARROS, 2004, p. 47).

Nota-se duas dimensões simultâneas da terminologia. Enquanto linguagem em uso, instituída, mas que vai se formando e sendo empregada particularmente em grupos de especialidade. Nasce no seio desses e está em atividade nesses mesmos grupos. Enquanto forma fixada (também linguagem), impressa, será usada como instrumento classificador de uma área de especialidade podendo nortear produções (orais e escritas) dessa mesma área, sujeita a alterações. (CERAVOLO, 2004, p. 40)

A Terminologia e a Documentação são duas áreas que cooperam entre si, facilitando o “acesso à informação aos especialistas e usuários que dela necessitam”⁶². A Documentação é responsável pela identificação do conteúdo através de palavra-chave, enquanto a Terminologia se ocupará da elaboração desse conteúdo e seus conceitos.

Assim como outras áreas, a construção de um vocabulário envolve critérios, como público-alvo, objetivo, pois trata-se de “um recorte do conteúdo de unidade linguística, descrita em suas particularidades dentro de um campo específico”⁶³.

Para Ceravolo, trata-se de uma atividade com muitos passos, “iniciando pela delimitação do tema e definição dos objetivos a serem alcançados, preparação e planejamento, execução e apresentação dos resultados” (2004, p. 46). Através desse esquema, delimitaremos as fronteiras do tema e especificaremos “a perspectiva a ser tratada”.

Assim, nosso vocabulário ficou delimitado em vestuário e acessórios comercializados em São Paulo no século XIX e os dados coletados vieram dos anúncios do jornal *Correio Paulistano*.

Inicialmente, havia sugerido a criação de um glossário, mas após leituras, verifiquei que o nome correto é Vocabulário⁶⁴, pois estamos tratando de definições e o glossário não

⁶² BARROS, 2004, p. 89.

⁶³ BARROS, 2004, p. 161.

⁶⁴ De acordo com a Norma ISO 1087:1990 (atualmente cancelada e substituída pela ISO 1087-1:2000), o vocabulário seria um dicionário terminológico, em um domínio particular. De acordo com Barros (2004), a norma apresenta apenas três tipos básicos de obras terminográficas, mas se subentende as possibilidades de combinação e estruturação que podem ser feitas de acordo com as necessidades do público-alvo.

trabalha com definições, mas com equivalentes em outras línguas.

Cada entrada no vocabulário é chamada de **termo** (ou **verbete**), cuja característica é conceituar uma palavra de um domínio específico. De acordo com Wüster (2003), a definição de um termo deveria ser feita somente com palavras e a precisão dessa definição depende do objetivo proposto. A proposta é que as definições sejam simples e sucintas para melhor compreensão do usuário, mas nem sempre serão suficientes para que o leitor compreenda, devido ao uso de termos desconhecidos por parte do leitor.

No caso da criação deste vocabulário de têxtil e moda, acredito que somente palavras não são suficientes, pois o objetivo é que ele auxilie profissionais de museus na curadoria de acervos desse tipo. Neste caso, as definições terão um caráter enciclopédico, procurando descrever objetos, deixando o mais claro possível para o leitor. Muitos dos termos captados no *Correio Paulistano* são objetos não mais utilizados no dias atuais e uma abordagem com imagens auxiliaria na compreensão de determinados termos, recurso muito utilizado em revistas e livros de moda, como podemos ver no exemplo abaixo (figura 26).

Há parâmetros para as descrições de um campo conceitual, ou seja, uma disciplina de especialidade. Importam as estruturas que podem ser construídas desses campos conceituais, organizadas sobre uma base onomasiológica, orientando o estabelecimento prévio dos conceitos.

Essas estruturas podem incorporar abordagens diferentes para o mesmo objeto o que revela visões culturais e científicas, permitem também o controle e a coerência. [...] O modo de representação dos conceitos se faz por definição que descreve a noção tendo como referência exclusiva um domínio (esta a definição terminológica), ou através de uma ilustração. (CERAVOLO, 2004, p. 45).

manequim - DICIONÁRIO DA MODA

século V a.C., a produção de seda já era suficiente para atender todo o reino chinês, e o imperador passou a presentear os chefes das regiões vizinhas com peças de seda. De lá para cá, esse precioso fio se transformou na matéria-prima dos tecidos mais nobres, e mesmo hoje, com a descoberta das microfibras sintéticas — capazes de criar tecidos com o mesmo caimento, toque e aparência da seda —, o fio da lagarta continua sendo a matéria-prima de tecidos muitíssimo especiais (e caros também!), que dão origem às mais variadas peças do vestuário.

SILK SCREEN

Do inglês, serigrafia, processo que consiste na reprodução de uma imagem sobre tecido, papel, vidro ou metal. O método é muito usado na estampa de moda jovem, especialmente em camisetas e agasalhos. Tudo é feito com uma peça chamada caixilho, que é colocada sobre uma tela de seda, náilon ou aço. Tal como ocorre com o estêncil, a tinta passa para o outro lado, estampando a figura desejada.

SHAG

Do inglês, felpudo, peludo. Diz-se das tramas espessas, cobertas de pêlo ou de fibras longas, compactas e fortes. É um termo que tanto pode ser atribuído aos pêlos artificiais, como a pelúcia, quanto aos naturais, tal qual o astrakã, que estiveram muito em voga no inverno de 95, no Brasil, mas principalmente na Europa, onde o frio rigoroso justifica esse tipo de material.

SHANTUNG

Nome atribuído a um tecido de seda confeccionado pela primeira vez em Shantung, na China. Encorpado, com uma superfície irregular e rústica, o shantung é especialmente usado na confecção de peças de caráter elegante, reservadas a ocasiões especiais.

SHORT BOXER

Um tipo de calção curto, relativamente largo, com elástico na cintura, parecido com o usado pelos lutadores de boxe. Por ser versátil e muito confortável, aparece com frequência na moda feminina, masculina e até infantil. De caráter esportivo, pode ser usado por cima do *collant* de ginástica, entrando assim para a moda academia.

SLOPPY JOE

A expressão se refere a um tipo de suéter de lâ bem largo, que chega até os quadris. De mangas compridas, decote em V ou redondo, foi moda entre as mulheres nas décadas de 40 e 50, combinado com calças justas, tipo cigarette. Muito volumoso, ele parecia vários números acima do tamanho de quem o usava. Certamente serviu de inspiração à juventude grunge, que usa e abusa de blusões imensos.

SMOKING

Do inglês, fumando. Originalmente era um traje típico masculino usado nas reuniões íntimas (quando os homens se encontravam para fumar) na segunda metade do século XIX. Mais tarde o smoking transformou-se em um paletó formal, confeccionado em tecido (geralmente seda ou veludo) negro ou azul-escuro, com lapelas de cetim. Na década de 60, a mulher também passou a incorporar o smoking ao seu guarda-roupa, adicionando alguns toques femininos, como o paletó acinturado, a calça mais afunilada e algumas vezes até as cores suaves, pastel — aqueles tons clarinhos, bem diluídos. No inverno de 95, peças com cara de smoking invadiram o guarda-roupa feminino. Sua fórmula requintada deu vida a blusas, vestidos, e até a terninhos inspirados.

Figura 26 – exemplo de vocabulário em revista de moda (Manequim, outubro de 1995).

O verbete possui uma microestrutura que é “a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete”.⁶⁵ No caso do vocabulário desenvolvido, sua microestrutura será composta de: *definição do verbete*; *fonte para a definição*, qual o dicionário e/ou outra fonte utilizados para definir aquele termo; *menções nos anúncios*, ou seja, quais comerciantes anunciaram aquela peça; *outras grafias*, pois no período estudado, podemos encontrar diferentes formas de escrever a mesma palavra; *crônicas*, trechos de crônicas e relatos em que aparece o verbete; e *comentários*, que são observações pessoais.

O vocabulário segue uma ordem alfabética contínua e não está separado por seções. O objetivo é tratar a moda como um todo, não dissociar acessórios de roupas, pois são complementares. O público-alvo não é apenas o profissional da área de moda, mas para interessados em geral, por isso o objetivo de tornar as definições simples e compreensíveis.

⁶⁵ BARROS, 2004, p. 156.

Vocabulário

Sobre o vocabulário:

Este vocabulário não trata apenas de peças de roupa utilizadas em meados do século XIX, mas é de *toilette*, isto é, de todo o vestuário e seus acessórios, que são utilizados para formar a aparência de homens e mulheres. Moda não é apenas roupa, porém também os acessórios que complementam o vestir, as joias e bijuterias utilizadas, a forma como alguém penteia o cabelo, os cosméticos usados para disfarçar imperfeições, o cheiro que se deseja, a aparência que se busca em cada tipo de situação.

A moda pode mudar constantemente, mas o espírito de querer aparentar bem prevalece ao longo dos séculos. Não necessitamos mais de 30 segundos para termos uma primeira impressão sobre uma pessoa e, no século XIX, em São Paulo, isso também não era muito diferente, como podemos constatar nas crônicas, muitas vezes escritas com ironia e uma certa acidez; em outros casos, trata-se de relatos suaves.

No termo, além da definição, temos a fonte de onde retirei a informação. Foram consultados cinco dicionários antigos (1728, 1789, 1832, 1890, 1912) para se ter o sentido que se conferia a cada termo, mais próximo do período examinado. O item *Menções nos anúncios* refere-se a quais anunciantes e em qual período pode ser encontrado aquele termo no jornal *Correio Paulistano*, no ano de 1862. *Crônicas* tratam de relatos de viajantes, estudantes, pessoas que moraram em São Paulo. Alguns termos apresentam o item *Comentários*, são informações adicionais que podem auxiliar na compreensão do objeto ali definido.

Este vocabulário segue uma ordem alfabética e optei por não dividi-lo em seções, pois se trata da construção de um vocabulário e não ainda de um thesaurus.

ÁGUA-DE-COLÔNIA: líquido aromático, empregado como cosmético. Recebe este nome por ter sido preparado pela primeira vez na cidade de Colônia, na Alemanha, no início do século XVIII. No século XIX, a essência de lavanda era muito comercializada.

Fonte para a definição: CHERNOVIZ, 1890, p. 58, 59.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de abril a junho; Teyssier, janeiro; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto.

Crônicas: “[...] Logo ocorreu a família do negociante, trazendo água-de-colônia, água de melissa, éter etc. etc.” (NOGUEIRA, 1908, ao contar uma anedota sobre um falso desmaio de Evaristo Ferreira da Veiga, turma acadêmica de 1851 a 1855).

Comentários: Apesar de nos anúncios não esclarecer a finalidade da água-de-colônia e não ter visto relatos de outros usos a não ser como um aromatizador, Chernoviz atesta seu uso para lavar a boca, podendo algumas gotas serem misturadas em meio copo d’água, desta forma, fortificando as gengivas. O autor também recomenda o produto da casa Ed. Pinaud, famoso perfumista de Paris. No caso da anedota de Nogueira, a água foi utilizada para recobrar os sentidos.

ÁGUA ROMANA: cosmético utilizado na prevenção da caspa e perda de cabelo.

Fonte para a definição: Correio Paulistano, anúncio de Pruvot.

Menções nos anúncios: Pruvot, de janeiro a novembro.

Comentários: Provavelmente, a água romana é composta de alecrim (*R. officinalis*). Recebe esse nome, pois o alecrim é uma planta característica do Mediterrâneo.⁶⁶

ALFINETE: haste de metal com uma cabeça na ponta, podendo ser utilizado para pregar e segurar roupas, tanto como acessório para segurar o cabelo ou para prender nas gravatas.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 91

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de março a junho; La Maison d’Or, de março a abril; Luiz Supplicity, de maio a junho; Au Pavre Diable, de novembro a dezembro.

Crônicas: “Alto, desempenado, ossos cobertos, testa espaçosa, uma bonita boca, tudo isto era completado por um peito saliente onde caía uma gravata, sempre a mesma, e na qual fulgurava um alfinete de brilhantes.” (REZENDE, 1888, descrição de Gabriel José Roiz dos Santos).

⁶⁶ De acordo com a sabedoria popular, o chá de alecrim é um bom aliado para tratar a queda de cabelo.

Comentários: Considerado uma joia e feito de materiais como ouro e prata, o alfinete aparece no inventário de Luiz Supplicity (1865) feito de marfim, material muito apreciado no período. Também aparece em uma tabela de objetos vendidos em leilão⁶⁷, em junho de 1861:

“- uma caixa com um jogo, constante de um pé de botão, um pé de alfinete e anel com um solitário brilhante duble (herança de Adolpho Schlossmann), [no valor de 300 mil réis]
- um alfinete de brilhantes pequenos [no valor de 40 mil réis].”

ALGODÃO: fibra natural orgânica, de origem vegetal (celulósica), extraída da semente do fruto do algodoeiro.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 64.

Menções nos anúncios: Clausen & Rath, julho; Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; José Antonio Pereira dos Santos, de março a outubro; Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a novembro; Pedro Bourgade, de abril a junho; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Pedro Vales, de julho a agosto; Antonio Teixeira de Carvalho, de junho a agosto; A.S.P. Saraiva, de março a abril; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Guilherme Fuchs, julho; Guelfo de Lailhacar, de abril a agosto; N.J.V. Ferard, fevereiro.

Crônicas: “Os colonos europeus ali experimentaram a cultura de cânhamo, que deu bons resultados. É de se temer, contudo, que tal exploração não se desenvolva muito, pois os brasileiros preferem os tecidos de algodão.” (ORBIGNY, por volta de 1830, em um passeio na freguesia de Bananal).

“Além de uma bela fábrica de chapéu, existe aqui uma, montada em grande escala, de tecer algodão, e pertence ela ao Sr. Coronel Manuel Lopes d’Oliveira.” (ZALUAR, 1861, sobre a passagem do autor por Sorocaba).

“[...] Em casa, usa-se algodão, e na rua tecidos laváveis mais finos e muita seda. [...]” (BINZER, 1882, sobre o vestuário da população de São Paulo).

ALPACA: tecido feito da lã da alpaca, um ruminante da América do Sul. Muito utilizado na confecção de paletós.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 72.

Menções nos anúncios: Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a setembro;

⁶⁷ Coleção Fazenda Pública, ficha 3882, Museu Paulista/USP.

Au Monde Elegant, março; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Fresneau, de outubro a novembro; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Antiga Casa do Barato, julho.

ANEL: círculo de metal utilizado para adornar dedos e também gravatas. Cachos feitos nos cabelos com ferro quente.

Fonte para a definição: BLUTEAU, 1728, p. 371.

Menções nos anúncios: Pruvot, de maio a setembro; Luiz Suplicy, de maio a junho.

Outras grafias: annel.

Crônicas: “Suas mãos morenas cheias de anéis seguravam um leque muito colorido e em vez de chapéu fizera um penteado exageradamente crespo, preparado na certa, somente para essa ocasião.” (BINZER, 1881, sobre a vestimenta de uma moça na ocasião da visita do imperador)

“Tirando do bolso uma caixinha de veludo, o rapaz colocou no dedo da noiva um magnífico anel de brilhante.” (BARROS, 1946, p. 123).

Comentários: O anúncio de Pruvot refere-se aos cabelos modelados com ferro quente.

Aparece nos inventários de Luiz Suplicy (1865)⁶⁸, como anéis de gravatas, mas também anéis para os dedos ornados com diamantes e letras. No inventário da esposa de Custódio Fernandes da Silva⁶⁹, com brilhantes. No leilão de objetos, de 1861, foram leiloados com as seguintes descrições:

- “- uma caixa com um jogo, constante de um pé de botão, um pé de alfinete e anel com um solitário brilhante duble (herança de Adolpho Schlossmann), [no valor de 300 mil réis]
- 2 anéis esmaltados com 3 brilhantes pequenos [no valor de 120 mil réis]
- 2 anéis esmaltados com 1 brilhante pequeno [no valor de 70 mil réis]
- 1 anel com 1 solitário brilhante [no valor de 70 mil réis]”.

BAETA: tecido de lã felpudo. *Baetilha:* “baeta fina ou delgada”.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 251. BASTOS, 1912, p.184.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de agosto a novembro; Loja de Fazendas (comércio na Ladeira de Santo Antonio), junho; Antonio Teixeira de Carvalho, de julho a agosto; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro.

Crônicas: “Bem cedo, escuro ainda, pois que não se levantara a densa bruma da

⁶⁸ Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, Fundo Tribunal de Justiça.

⁶⁹ Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, Fundo Tribunal de Justiça.

madrugada, saíam todos, metidos em longas camisolas de baeta azul e calçados com tamancos de madeira.” (BARROS, 1946, sobre os banhos de mar).

BALÃO: saia com grande roda, feita de musselina.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 187.

Menções nos anúncios: Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), de abril a junho; Loja da Barateza, dezembro; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Guilherme Fuchs, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto.

Crônicas: “Escolheu o mais amplo dos vestidos de balão, e, sob o corpinho avantajado e a vasta abóbada por ele formada, abrigou-se juntamente com o seu primo Manuel Jacintho e o José Basson.” (NOGUEIRA, 1908, uma anedota sobre José Calmon Valle Nogueira da Gama, turma acadêmica de 1855 a 1859).

Comentários: O balão, também chamado de saia-balão, é similar à crinolina. Ambos têm a mesma função de dar volume à saia ou ao vestido, mas funcionam de formas distintas. O balão era composto de seis a sete anáguas, enquanto a crinolina era uma armação feita de aço (SOUZA, 2005, p. 127). Laver faz uma observação interessante sobre o que se entende por *crinolina*:

As saias eram armadas pelo forro e costumava haver um entreforro adicional de lã na parte superior e posterior da saia. Usavam-se muitas anáguas, e o que pode ser descrito como o efeito abafador de chá era enfatizado por uma pequena anquinha feita de crina de cavalo. Esta, para confusão dos estudantes modernos, era conhecida como “crinolina”. Era muito diferente da crinolina do futuro, mas, etimologicamente, o termo era mais correto do que quando foi aplicado aos arcos de aço das décadas de 1850 e 1860, porque *crin* é a palavra francesa para ‘crina’ e este era o material de que as primeiras “crinolinas” eram feitas.
(LAVÉ, 2008, p. 173-174).

BANHA: gordura animal usada como pomada para cabelo, para preparar unguentos e pomadas cosméticas.

Fonte para a definição: CHERNOVIZ, 1890, p. 283.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de março a maio; Teyssier, de novembro a dezembro.

BARBAS: cabelos ou pêlos na parte inferior e laterais do rosto do homem. *Barbiche à impériale*. Barba que faz alusão ao imperador francês Napoleão III. De acordo com Martins e Barbuy (1999, p. 96):

“Se à Napoleão III, vinham em ponta acompanhada de bigodes acerados; se a Francisco I, deixavam-na cheia, cobrindo a gravata; ou ainda à nazarena, imitando aquela de Cristo. O modelo Mefistófeles trazia duas pontas, conferindo ar temível e elegante ao seu portador. A chamada “barba neutra”, cujo melhor modelo era aquele do Visconde de Figueiredo, apresentava queixo raspado e vastas suíças laterais, à inglesa.”

Exemplos de barbas: os mais jovens optavam por bigode e cavanhaque, à Napoleão III, como visto na imagem à esquerda. Ao centro, modelo de barba toda, já pouco usual no período. À direita: modelo de barba neutra, com as suíças laterais cheias (Coleção Militão, Museu Paulista/USP).

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 194; MARTINS, BARBUY, 1999, p. 96.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de fevereiro a setembro; Pruvot, de janeiro a abril; Manoel de Araujo Rozo Junior (comerciante de Campinas), de novembro a dezembro.

Crônicas: “[...] cabelos ondulados, crescidos e repartidos lateralmente por uma risca à direita formando topete à frente, no alto da cabeça, sofríveis bigodes e barba à *cavaignac*.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Cândido Gomes de Vasconcelos Guanabara, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Era de estatura regular, claro, pálido, cabelos castanhos e repartidos ao lado, barba toda.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Domingos José da Cunha Júnior, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Alto, magro, moreno, olhos grandes e melancólicos, cabelos e barba pretos; sim, já era barbado, pois não se matriculou criança [...]” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Felisberto Pereira da Silva, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Alto, não magro mas esbelto, tez clara, pálido, cabelos pretos, barba toda, aparada e bem tratada [...]” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Paulino José Soares de Souza, turma

acadêmica de 1851 a 1855).

“Estatura média, cheio de corpo, tez clara, barba à inglesa.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Antônio Corrêa do Couto, turma acadêmica de 1853 a 1857).

“O Delfino Filho, quando cursava a Academia já era barbado... Não queremos dizer com isto que já tivesse ele as respeitáveis barbas que, depois, sempre trouxe bastante crescidas e lhe davam assim uns ares de mata-mouros...” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra, turma acadêmica de 1854 a 1858).

“Alto, claro, louro, testa grande, olhos azuis, pouca barba, que trazia à *cavaignac*.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Francisco Azarias de Queiroz Botelho, turma acadêmica de 1855 a 1859).

“Era tão vulgar naquele tempo a – **barba toda**, como o é hoje – **somente os bigodinhos**, e era comum de 1863 a 70 – bigodes e barbicha no queixo, à Napoleão III.” (NOGUEIRA, 1908, sobre a toilette masculina).

“[...] figura romântica, olhos grandes, tez clara e corada, cútis fina, barba toda, castanha também e aparada em ponta; posteriormente usava **barbiche à imperiale**.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Carlos Mariano Galvão Bueno, turma acadêmica de 1856 a 1860).

“Um bonito moço, o mais bonito de sua turma. De estatura mediana, claro, cor de leite, pálido, cabelos pretos e ondedos, olhos grandes, límpidos e negros, olhar vivo e inteligente, fronte grande e cismadora, boca regular, ornada de belos dentes e de lábios bem desenhados e um pouco salientes, barba preta cor de azeviche, que ele trazia toda, discretamente aparada em ângulo assaz disfarçado, à Francisco I, e formando um belo contraste pela cor com a alvura da fina cútis; talhe elegante e mãos esteticamente modeladas.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Pedro Luiz Pereira de Souza, turma acadêmica de 1856 a 1860).

Comentários: Durante o mês de fevereiro, os cabelereiros anunciavam aluguéis de barbas e bigodes postiços para o Carnaval. A tipografia do jornal vendia máscaras com barbas no mesmo mês, já um comerciante de Campinas anunciou produtos para o Carnaval em novembro e dezembro.

BAREGE: tecido feito de lã, originário de *Barèges*, cidade francesa.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 196.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de outubro a novembro; Guelfo de Lailhacar, de abril a junho.

BASQUINE: “corpete do vestido da mulher”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 1211.

Menções nos anúncios: Mme. Clarisse Martin, outubro.

Outras grafias: basquina.

Crônicas: “Aos domingos, toda a família (escravos inclusive) ia regularmente à missa. Dispensava-se o carro e seguiam todos a pé – os pais e as manas rigorosamente vestidos de preto, sem chapéu, as pequenas trajando saia escocesa e “basquine” de tafetá preto.” (BARROS, 1946).

Comentários: Pode-se encontrar também o seguinte significado: uma saia ampla e enfeitada, usada no século XVI. A basquine remonta à essa época, mas ao vermos jornais

e crônicas do século XIX ou imagens em museus (como o The Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque), vemos que eles não estão falando de uma saia e sim de um corpete, como visto na figura ao lado. Souza (2009) também afirma que o colete e o espartilho são derivados da *basquine*. Boucher (2010) diz que há “uma interpretação tardia e mal compreendida do termo espanhol”. O corpete seria *basque* e *basquine* ou *vasquine* (em português *vasquinha*) seria “uma espécie de vestido ‘bem amplo que se mantinha aberto e bem esticado sobre barbatanas’”.

Basquine e saia de *moire antique* (**O Jornal das Senhoras**, edição 24, 17 de junho de 1855).

BENGALAS: “pequeno bastão de cana da Índia, em que apoiamos a mão quando andamos”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 206.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de fevereiro a junho; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), de abril a setembro; Augusto José Pereira, setembro; Guelfo de Lailhacar, de março a abril; Lion d’Or, abril; Victor Marmotant, de junho a agosto; Notre Dame de Pariz, de março a abril.

Outras grafias: bengalla

Crônicas: “Não abandonava um grosso e rico bengalão, que mais parecia uma arma que

adorno complementar da *toilette*.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Francisco Gonçalves de Meireles, turma acadêmica de 1851 a 1855).

BIGODES: parte da barba que cresce por cima do lábio superior.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 212.

Menções nos anúncios: ao longo do mês de fevereiro em anúncios de Carnaval de Henrique Biard e Pruvot.

Crônicas: “Da barba só deixava os bigodes.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Era tão vulgar naquele tempo a – **barba toda**, como o é hoje – **somente os bigodinhos**, e era comum de 1863 a 70 – bigodes e barbicha no queixo, à Napoleão III.” (NOGUEIRA, 1908, sobre a *toilette* masculina).

BONÉ: cobertura para a cabeça, sem abas, podendo ou não proteger a vista.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 223.

Menções nos anúncios: Loja da Pechincha, dezembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro.

Outras grafias: bonnet, bonet.

Comentários: o boné seria um toucado, usado quase que exclusivamente pelas mulheres no século XIX. Inicialmente, era usado no interior das casas, para depois ganhar a cidade. No século XX, o boné se transformou em uma peça para atividades esportivas (BOUCHER, 2010, p. 457).

BORDADO: ato de enfeitar as bordas, fazendo desenhos com agulhas.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 225.

Menções nos anúncios: Cruz, Salgado & Cia, fevereiro; Loja de Fazendas (Rua do Commercio, 4), de maio a junho; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, março; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a junho; A.S.P. Saraiva, de março a abril; Antiga Casa do Barato, julho; Guilherme Fuchs, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto; comércio localizado na Rua do Rosário, 48, novembro.

Crônicas: “Além de suas lições, as “manas mais velhas”, que nunca estavam ociosas, ocupavam-se de toda espécie de trabalhos, tanto os de utilidade como os de fantasia:

executavam bordados em talagarça ou seda, com lãs, miçangas e seda frouxa. Atingiam, no entanto, a perfeição, nos bordados brancos. Mas com que esforço!... Para isso colhiam folhas de maracujá, que eram trituradas e coadas. Obtida assim uma bela tinta verde, nela embebiavam a pena e riscavam o desenho sobre o pano. Era esse então alinhavado sobre um pedaço de encerado próprio para tal fim, bem esticado.”

(BARROS, 1946, sobre o dia a dia das irmãs).

Comentários: De acordo com os anúncios, as peças mais bordadas são camisas, colarinhos e punhos, assim como lenços. Em *O Jornal das Senhoras*, eles apresentam modelos de bordados para colarinho (1), bordado brasileiro (2), bordado inglês (3), ponto real (4) e festão (5), como podem ser vistos na figura abaixo.

(*O Jornal das Senhoras*, edição 26, 1 de julho de 1855).

BOTAS: ver *botina*.

BOTINAS: pequena bota, podendo ser de couro ou cetim, com ou sem salto, e cadarço.
De cordovão: sapatos feitos de couro de cabra. *De duraque:* feitos de um tecido grosso, lã

ou algodão. *Gaspeadas*: botina cuja parte superior foi costurada à parte, como se fosse remendo. Podem ser enfeitadas ou lisas.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 228, 443, 594.

Menções nos anúncios: Loja de chapéus nos quatro cantos, de fevereiro a dezembro; Bernardo Brenn, de setembro a dezembro; Christiano Clausen, de abril a outubro; Clausen & Rath, de abril a outubro; Henrique Fox, de abril a dezembro; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), de janeiro a dezembro; João Plandé, de março a dezembro; Loja da Barateza, dezembro; Pedro Bourgade, de abril a outubro; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a maio; Augusto José Pereira, setembro; Guelfo de Lailhacar, de maio a julho.

Crônicas: “[...] um era sapateiro, fornecendo calçados para todos os domésticos (só se compravam botinas para passeios) [...]” (BARROS, 1946, sobre os escravos domésticos havia na casa).

“Não fallemos nas botinas de setim, mais alvas que a penna de uma garça, no lencinho bordado trescalando exqu岸itos perfumes, no leque de madreperola, nas luvas de Jouvin e mil outras cousinhas, bonitas, encantadoras, fascinantes!” (CABRIÃO, 1866, trecho de *A moda*).

“Sobrecasaca e colete de pano preto, calça branca, botinas de polimento, com o peito e o cano de pano azul escuro. Indefectível cartola e bengala de castão de ouro completavam-lhe a **toilette** sempre correta e elegante.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Albino dos Santos Pereira, turma acadêmica de 1855 a 1859).

“Cartola e guarda-chuva ou bengala; botinas de pelica ou verniz com o dorso de casimira azul ou preta.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de José Carlos Borba, turma acadêmica de 1855 a 1859).

Comentários: As botinas mais anunciadas são de bezerro de Nantes⁷⁰ e o modelo Melliès. Aparecem algumas feitas de vaqueta, mas o bezerro é um couro melhor e mais caro por ser mais macio. Já quanto ao verniz, trata-se de couro com aplicação de esmalte, um tratamento feito quando o couro apresenta imperfeições que possam ser disfarçadas⁷¹.

O modelo Melliès (grafia encontrada nos anúncios) era um sapato feito na França pelo fabricante de sapatos Jean-Louis-Stanislas Méliès, pai do cineasta Georges Méliès⁷².

⁷⁰ Cidade francesa.

⁷¹ Informação obtida de Alejandra Carolina Labarca Puellas, artesã especializada em couros.

⁷² Informação obtida no site Georges Méliès. Disponível em: <http://www.melies.eu/bio.html>.

BOTÕES: peça de aviamento⁷³ utilizado para prender e/ou apertar vestidos, camisas, calças, sobrecasacas etc. *Abotoaduras:* jogo de botões utilizado para prender punhos de camisas.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 294, 295.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de março a junho; Loja da Cobra, novembro; Luiz Suppicy, de maio a junho; Antônio Teixeira de Carvalho, junho; A.S.P. Saraiva, de março a abril; Au Pavres Diable, de novembro a dezembro; Guilherme Fuchs, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto.

Crônicas: “Trajava com muita correção e não saía à rua senão de sobrecasaca preta ou verde escuro, com botões amarelos, muito à moda naquela época.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Hilário Gomes Nogueira de Castro, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Trajava com apuro, ao gosto da época, quase invariavelmente pelo teor seguinte: sobrecasaca de pano preto, ou de azul ferrete com botões de metal amarelo [...]” (NOGUEIRA, 1908, descrição de José Carlos Borba, turma acadêmica de 1855 a 1859)

“[...] Sempre cheio de alegrias íntimas, simpático, traquinas como um colegial em hora de recreio, de casaca azul e botões amarelos, chapéu branco, luvas e calçados parisienses [...]” (Peçanha Póvoa, Anos Acadêmicos, 1870, In. NOGUEIRA, 1908, descrição de Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, turma acadêmica de 1855 a 1859.)

(Descrição de Hilário Gomes Nogueira de Castro)

“Nos dias frios ou com o tempo úmido trazia-se um sobretudo de casimira bastante encorpado, com grandes botões [...]” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Francisco Xavier da Silva, turma acadêmica de 1856 a 1860).

Comentários: Muitos dos botões comercializados eram de *plaque*, metal revestido com uma lâmina de ouro ou prata.

Aparece no inventário de Domitila Eufrasina e Capitão José Elias de Paiva (1865): “Uma porção de linhas, colchetes, cadarços, botões, grampos, fitas etcetera, que foi vista e avaliada pela quantia de vinte mil réis.” Neste caso, é apenas um inventário de aviamentos, mas temos botões como jóias, visto em uma tabela de objetos vendidos em leilão⁷⁴, junho de 1861:

- “- uma caixa com um jogo, constante de um pé de botão, um pé de alfinete e anel com um solitário brilhante duble (herança de Adolpho Schlossmann), [no valor de 300 mil réis]
- duas caixas com dois pares de botões de brilhantes, [no valor de 160 mil réis]

⁷³ Aviamento: objetos utilizados para trabalhos de costura, como botões, grampos, linhas, fitas etc.

⁷⁴ Coleção Fazenda Pública, ficha 3882, pertencente ao Museu Paulista.

- duas caixas com dois pares de botões de brilhantes, [no valor de 70 mil réis].”

BRIM: tecido forte e grosso feito de linho.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 234

Menções nos anúncios: Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a novembro; Loja de Fazendas (Rua do Commercio, 4), de maio a junho; Loja da Pechincha, dezembro; Au Monde Elegant, março; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Fresneau, de outubro a novembro; Manoel Correa Guedes, de abril a maio; Antiga Casa do Barato, julho.

Crônicas: “Depois de formado, substituiu o fraque e todo o fato de casimira por vestes de brim, que mesmo no inverno, raramente modificava.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Américo Muniz Cordeiro Gitahy, turma acadêmica de 1855 a 1859).

“Trajava frequentemente calças de brim branco, trazia chapéu de Chile, e, indefectivelmente, gravata branca.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Antônio Ferreira Viana, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“[...] Os homens usavam no lar, invariavelmente, ternos de brim; na rua, calça branca, sobrecasaca preta e chapéu alto. Nos bailes e partidas, apresentavam-se todos de casaca, [...]” (BARROS, 1946, sobre a sociedade paulistana).

BROCHE: jóia, pode ser feita com pedras e/ou metal, utilizada no peito.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 303.

Menções nos anúncios: La Maison d’Or, de março a abril; Au Pavre Diable, de novembro a dezembro.

Comentários: aparece nos inventários de Luiz Supplicy (1865) e esposa de Custódio Fernandes da Silva (1868), mas sem maiores descrições de materiais ou desenhos.

BURNOUS: um tipo de capa larga com capuz e gola grande.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 54.

Menções nos anúncios: Mme. Clarisse Martin, outubro; Pedro Bourgade, de março a novembro; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto; Notre Dame de Pariz, de março a abril.

Outras grafias: burnau, bournuz, bournous, brunus.

Comentários: O burnous também pode ser chamado de *albornoz* (BASTOS, 1912). É uma peça de origem árabe e também podemos encontrar nos anúncios com o nome de

algerienne. Assim como o casaco de zuavos, o burnous também derivou da indumentária militar.

CABANS: “manto de mangas largas, não costurados sob a axila, de origem árabe [...].”

Fonte para a definição: BOUCHER, 2010, p. 458.

Menções nos anúncios: Pedro Bourgade, de agosto a outubro.

CABELEIRAS: cabelo postiço que se usa no lugar do cabelo natural. Vendiam-se cabelos compridos e crespos, enrolados com o uso de um ferro quente, formando anéis.

Fonte para a definição: PINTO, 1832.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de fevereiro a junho; Pruvot, de janeiro a setembro; Manoel de Araujo Roza Junior (comerciante de Campinas), de novembro a dezembro.

Outras grafias: cabelleira.

Comentários: No período, o cabelo representava a classe social, sendo os mais vastos, com penteados bem elaborados (conhecidos também por trepa-moleque) usados por mulheres da classe alta, como pode ser visto nas figuras abaixo. Como afirma Barros (1946), as mulheres chamavam os cabeleireiros franceses para fazerem penteados em casa em dias de festa, ocasião em que colocavam flores nos cabelos para enfeitá-los.

Três tipos de penteados com provável uso de cabeleira (Coleção Militão, Museu Paulista/USP).

Os penteados serviram de inspiração para Angelo Agostini⁷⁵ e suas caricaturas, tanto no

⁷⁵ Angelo Agostini nasceu na Itália e veio ao Brasil em 1859, tornando-se um dos primeiros cartunistas no Brasil. Para mais informações, BALABAN, 2009.

Diabo Coxo quanto no *Cabrião*, como pode ser visto na charge abaixo, e já visto anteriormente na figura 8:

Agostini apresenta um cabeleireiro francês (o reconhecimento se dá não somente pela fala, mas pelo estereótipo, ao desenhar um nariz grande). Além de zombar da ignorância da mulher, faz uma crítica com relação ao tamanho do penteado. (*Diabo Coxo*, 1864, n. 11).

Durante o mês de fevereiro, os cabeleireiros ofereciam cabelos postiços para o Carnaval. Um comerciante de Campinas passou a anunciar esses produtos em novembro e dezembro do mesmo ano.

CACHE-NEZ: manta ou lenço grande com que se agasalha o pescoço até o nariz.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 248

Menções nos anúncios: Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto.

Outras grafias: cachenez

Crônicas: “Não trazia então o seu característico e inseparável **cache-nez** ou pala dobrada, sobre os ombros; [...]” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Américo Brasílio de Campos, turma acadêmica de 1856 a 1860).

CALÇAS: espécie de calção largo que cobre até os pés. *Ditas à balão:* justas nos pés e na cintura e larga em toda a extensão das pernas. Podem ser encontradas em casimira (mais comum), brim e linho.

Fonte para a definição: PINTO, 1832; NOGUEIRA, 1977, p. 115-116.

Menções nos anúncios: Loja de Fazendas (comércio localizado na Rua do Commercio, 4),

de maio a junho; Loja da Pechincha, dezembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Fresneau, de julho a novembro; Manoel Correa Guedes, de abril a maio; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Antonio Teixeira de Carvalho, junho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto.

Crônicas: “Trajava frequentemente calças de brim branco, trazia chapéu de Chile, e, indefectivelmente, gravata branca.” NOGUEIRA, 1908, descrição de Antonio Ferreira Viana, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“A sua **toilette** era invariavelmente a seguinte – fraque e colete pretos ou de azul-escuro, calças brancas, salvo nos dias chuvosos, gravata preta, botinas de polimento e cartola de castor.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Cândido Gomes de Vasconcelos Guanabara, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“O seu aspecto dizia bem com o sobrenome e dava-lhe jus à antonomásia **Doutor em Cânones**, para a qual concorria a sua indefectível casaca, completando-lhe a **toilette** um par de calças brancas, chapéu alto e óculos.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de José Maria de Azeredo Velho Júnior, turma acadêmica de 1855 a 1859).

“Trajava corretamente. Estavam em moda naquele tempo as calças ditas **a balão**, juntas sobre os pés e à cintura e larguíssimas em toda a extensão das pernas.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Francisco Xavier da Silva, turma acadêmica de 1856 a 1860).

“O seu caráter fantasioso dava ora para fazê-lo vir à Academia com as botas por engraxar, ora ao contrário num requinte de **chiquismo** ao ponto de envergar elegante casaca, luvas de pelica **marron** e calças... de palha de seda!” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Manuel Antonio de Passos, turma acadêmica de 1856 a 1860).

[...] As ervas daninhas vicejavam em plena liberdade, e tanto que, às vezes, o Comendador mandava um escravo capinar um trecho, para que suas calças não se manchassem do orvalho matutino.” (BARROS, 1946).

“Das janotas sou modelo,
Figurino abaladoo,
Calça larga, mangas fofas,
Cabelinho bem frisado.”

(GAMA, 1861, trecho de O janota).

“Aquele Dr. Chaves era um homem pequeno que andava quase sempre muito encolhidinho e que nunca se via sem que estivesse todo vestidinho de preto, isto é, de chapéu, de gravata, de casaca, de colete, de calças e de sapatos pretos; de porte que nele nada havia que fosse branco senão a camisa; e ainda assim, muito pouco aparecia.” (REZENDE, 1888,

sobre o professor de filosofia, Dr. Manuel José Chaves).

CAMISA: veste que cobre do pescoço até os quadris, podendo ser de algodão ou linho.

Fonte para a definição: PINTO, 1832; SILVA, 1789, p. 331

Menções nos anúncios: Clausen & Rath, julho; Loja da Cobra, de abril a novembro; Loja de Fazendas (comércio localizado na Rua do Commercio, 4), de abril a junho; Au Monde Elegant, março; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Manoel Correa Guedes, de abril a maio; Jeronimo Musseler, novembro; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Antonio Teixeira de Carvalho, de julho a agosto; Augusto José Pereira, setembro; Antiga Casa do Barato, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto; Lion d'Or, abril; Notre Dame de Pariz, de março a abril; comércio localizado na Rua do Rosário, 48, novembro.

Crônicas: “[...] junto ao qual eram aquecidas as camisinhas e outras peças do vestuário do pequeno.” (BARROS, 1946, sobre as roupas de um recém-nascido).

“Trajava com apuro, ao gosto da época, quase invariavelmente pelo teor seguinte: sobrecasaca de pano preto, ou de azul ferrete com botões de metal amarelo, calças e colete brancos, colarinhos deitados e pregados à camisa, assim como os punhos. Não estava ainda introduzido o uso dos punhos e colarinhos postiços.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de José Carlos Borba, turma acadêmica de 1855 a 1859).

“Ela própria faz a manteiga, da maneira mais complicada, servindo-se de uma desnatadeira para bater o creme; costura incansavelmente na máquina Singer, confeccionando roupas brancas e vestidos para as crianças e até mesmo camisas e casacos grossos de inverno para os pretos da casa.” (BINZER, 1882, sobre sua nova patroa).

“Perfilando o colarinho,

Que da orelha passa além,

Com a mão nas algibeiras,

Mas não puxo nem vintém!”

(GAMA, 1861, trecho de O janota).

“Aquele Dr. Chaves era um homem pequeno que andava quase sempre muito encolhidinho e que nunca se via sem que estivesse todo vestidinho de preto, isto é, de chapéu, de gravata, de casaca, de colete, de calças e de sapatos pretos; de porte que nele nada havia que fosse branco senão a camisa; e ainda assim, muito pouco aparecia.” (REZENDE, 1888, sobre o professor de filosofia, Dr. Manuel José Chaves).

CAMISOLA: espécie de camisa curta, de flanela, lã ou algodão, que se veste por baixo da camisa. Túnica de flanela ou de lã para banho.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 267.

Menções nos anúncios: não há menções nos anúncios.

Crônicas: “Bem cedo, escuro ainda, pois que não se levantara a densa bruma da madrugada, saíam todos, metidos em longas camisolas de baeta azul e calçados com tamancos de madeira.” (BINZER, 1882, sobre os banhos de mar).

“Ali mesmo, da rede, a mamãe lavava um deles, vestia-lhe a camisola e despachava-o a correr para a cama.” (BINZER, 1882).

“Para isso, no ano de 1855 os segundanistas mandaram fazer uma túnica ou camisola especial, um barrete ou antes um capacete que muito se assemelhava ao de que se servem alguns palhaços; tudo isto extremamente ridículo; e era assim vestido, e tocando trombeta, que o pobre do calouro tinha de atravessar todo o largo de São Francisco de baixo de uma vaia tremendíssima e de quantas chufas e judiações se podiam imaginar.” (REZENDE, 1888, sobre o “trote” aplicado no calouros de direito).

CAPA: Peça solta que desce dos ombros até os joelhos, ou mais abaixo.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 340.

Menções nos anúncios: Clausen & Rath, de julho a outubro; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), outubro; Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Loja da Cobra, de abril a setembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de março a outubro; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a maio; Augusto José Pereira, setembro; Antiga Casa do Barato, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; N.J.V. Ferard, fevereiro.

Crônicas: “[...] ou, de volta de alguma igreja, embuçada em sombria capa, furtiva, alguma senhora de mantilha.” (BARROS, 1946).

Comentários: em muito anúncios aparecem capas feitas de borracha. Em meados do século XIX, já se conhecia as propriedades da borracha como impermeabilizante, sendo usada em peças de roupa e sapatos (DAOU, 2004, p. 18).

CAPOTE: capa ampla com capuz, feito de lã.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 279.

Menções nos anúncios: Clausen & Rath, julho; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), junho; comércio localizado na Rua São Bento, 34, julho;

Crônicas: “Tinha um capote matusalêmico, que os colegas denominavam – o *voador* e

alguns pretendiam ser objeto arqueológico proveniente de Diógenes.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Gabriel de Paula Almeida Magalhães, turma acadêmica de 1851 a 1855).

Comentários: peça de roupa apropriada para viagens, é anunciada junto com outros artigos para viagem, como chicotes, canastras, bolsas a tiracolo, etc.

CARTOLA: chapéu masculino, de copa alta e aba mais estreita, geralmente na cor preta. Nos anúncios, encontramos também a denominação *chapéu alto*.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, novembro; Pedro Bourgade, de agosto a outubro.

Crônicas: “Usava monóculo, botinas de tacão bem alto e cartola, muitas vezes de castor branco.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Luís Joaquim Duque Estrada Teixeira, turma acadêmica de 1854 a 1858).

“Trajava indefectível sobrecasaca e usava cartola de castor.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Manuel Alves de Araújo, turma acadêmica de 1855 a 1859).

CASACA: peça que se utiliza em cima das demais vestes, com abas grandes, mangas largas e fecha-se com botões.

Fonte para a definição: PINTO, 1832; SILVA, 1789, p. 355.

Menções nos anúncios: Au Prophète, de março a junho; N.J.V. Ferard, fevereiro.

Crônicas: “Sempre cheio de alegrias íntimas, simpático, traquinas como um colegial em hora de recreio, de casaca azul e botões amarelos, chapéu branco, luvas e calçados parisienses [...]” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, turma acadêmica de 1855 a 1859).

“Como todos os outros professores, nunca deixava de ir à aula de casaca; mas em casa e pela imediações da sua casa apresentava-se vestido mais ou menos como um estudante.” (REZENDE, 1888⁷⁶, sobre o Dr. Emilio Paulo, professor de latim, preparatório para Academia).

“Aquele Dr. Chaves era um homem pequeno que andava quase sempre muito encolhidinho e que nunca se via sem que estivesse todo vestidinho de preto, isto é, de chapéu, de gravata, de casaca, de colete, de calças e de sapatos pretos; de porte que nele nada havia que fosse branco senão a camisa; e ainda assim, muito pouco aparecia.” (REZENDE, 1888, sobre o professor de filosofia, Dr. Manuel José Chaves).

⁷⁶ O livro foi escrito em 1888, mas as recordações sobre sua vida acadêmica são de 1849 a 1855.

CASIMIRA: tecido feito de lã, leve e fino, muito usado na confecção de calças, coletes e paletós.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 293.

Menções nos anúncios: Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a novembro; Loja de Fazendas (comércio localizado na Rua do Commercio, 4), de abril a junho; Loja da Pechincha, dezembro; Mme. Clarisse Martin, outubro; Au Monde Elegant, março; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourga, de abril a outubro; Fresneau, de outubro a novembro; Manoel Correa Guedes, de abril a junho; Jeronimo Musseler, novembro; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Antonio Teixeira de Carvalho, junho; Antiga Casa do Barato, agosto; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de abril a agosto.

Crônicas: “Nos dias frios ou com o tempo úmido trazia-se um sobretudo de casimira bastante encorpado, com grandes botões, cuja originalidade consistia em não ter avesso, e sim duas vistas, uma de xadrez, outra de só cor mais ou menos **foncée**. Comprava-se no Pedro Bourgade por 60\$000.

Não era gente quem não possuísse um sobretudo desses.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Francisco Xavier da Silva, turma acadêmica de 1856 a 1860).

“Depois de formado, substituiu o fraque e todo o fato de casimira por vestes de brim, que mesmo no inverno, raramente modificava.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Américo Muniz Cordeiro Gitahy, turma acadêmica de 1855 a 1859).

CASSA: tecido fino de algodão ou linho.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 294.

Menções nos anúncios: Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a setembro; Loja da Pechincha, dezembro; Au Prophète, de março a junho; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a junho; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Antiga Casa do Barato, julho.

Crônicas: “Trajavam-se as senhoras muito simplesmente; seus vestidos de chita eram cortados e costurados em casa. Somente os bonitos vestidos de passeio, em geral de cassa, eram confeccionados por uma costureira.” (BARROS, 1946).

CAVOUR: modelo de paletó feito de tecido grosso ao estilo do que era usado pelo político italiano, Conde de Cavour.

Fonte para a definição: **Correio Paulistano**.

Menções nos anúncios: Pedro Bourgade, de abril a outubro; Manoel Correa Guedes, de abril a maio.

Comentários: Em anúncios de outros anos no **Correio Paulistano**, encontramos sobretudos, capas, chapéus, coletes, todos ao modelo *cavour*. Conde de Cavour foi um político italiano e liderou a unificação italiana junto com Garibaldi.

Imagem de Conde de Cavour. Disponível em:

<http://www.dirittodicritica.com/2010/12/31/le-leggi-ad-personam-del-conte-cavour/>.

CEROULAS: calças de linho, algodão ou flanela que os homens trazem por baixo das calças.

Fonte para a definição: PINTO, 1832.

Menções nos anúncios: Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Manoel Correa Guedes, de abril a maio; Antonio Teixeira de Carvalho, junho; Antiga Casa do Barato, julho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto; Lion d'Or, abril; Notre Dame de Pariz, de março a abril.

Outras grafias: seroula.

CETIM: “tecido fino e lustroso, de seda ou de lã”, muito usado em sapatos no período.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 1099.

Menções nos anúncios: Christiano Clausen, de abril a maio; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), de agosto a setembro; João Plandé, de setembro a outubro; Loja da Cobra, de agosto a novembro; Antiga Casa do Barato, julho.

Outras grafias: setim.

Crônicas: “Preparado para as damas, havia um mimoso gabinete onde se achavam todos os requisitos imagináveis de toilette: flores, perfumes, fitas e até luvas brancas e sapatinhos de cetim!” (BARROS, 1946, sobre os bailes).

“Jeitosas [as costureiras], enfiavam-lhe as meias de seda branca, o sapatinho de cetim, o vestidinho branco, bem armado e guarnecido de rendas de prata.” (BARROS, 1946, roupa infantil para procissão).

“A sobrinha do dono da casa onde nos hospedamos usava um vestido de cetim de côr ‘chamois’, confundindo-se com a da sua pele, e não me sairá nunca da memória.” (BINZER, 1881, na ocasião da visita do imperador).

CHAMALOTE: ver *moiré antique*.

Menções nos anúncios: Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, março; Guilherme Fuchs, julho.

CHAMBRE: roupão utilizado somente em casa.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 313.

Menções nos anúncios: Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Fresneau, de outubro a novembro.

Outras grafias: rob-chambre. Em francês é *robe de chambre*.

Crônicas: “[...] Para melhor fingir de grão-turco, adornava-se de um gorro e de uma folgada *robe de chambre* e fumava num longo cachimbo.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Pedro Luiz Pereira de Souza, turma acadêmica de 1856 a 1860).

CHAPÉU: usado para cobrir a cabeça, tanto como por moda ou para proteção, pode ser de feltro, palha, lã, seda ou couro. Trata-se de uma peça indispensável no período, ao sair de casa. *Chapéu alto:* cartola. *Chapéu Chille:* chapéu feito de palha. *Garibaldi:* chapéu ao estilo do patriota italiano. *Kate Greenaway:* chapéu ao estilo das ilustrações de Kate Greenaway, ilustradora de livros infantis inglesa.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 313; SILVA, 1789, p. 384.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de fevereiro a junho; comércio na Rua da Freira, 4, julho; José Francisco de Lima, de setembro a outubro; Loja de Couros, de abril a junho; Loja da Cobra, de abril a novembro; Loja de fazendas (rua do Commercio, 4), de maio a junho; Mme. Clarisse Martin, de março a dezembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a junho; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a maio; A.S.P. Saraiva, de março a abril; Augusto José Pereira, de setembro a novembro; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto; Loja dos Coelhoos, abril; Victor Marmotant, de junho a agosto; N.J.V. Ferard, fevereiro; Notre Dame de Pariz; de março a abril; comércio localizado na Rua do Rosário, 48, novembro.

Crônicas: “[...] apareceu na minha frente um vulto o mais estranhamente equipado deste mundo: grandes óculos azuis sobre o nariz, chapéu de palha branca na cabeça [...]” (BINZER, 1881, sobre um professor alemão fazendo pesquisa no campo).

“Tudo o que pudera fazer ante a repentina explosão de energia das mulas fora segurar meu chapéu na cabeça, apanhar o meu guarda-chuva que despencava pelo carro afora e manter-me ali dentro [...]” (BINZER, 1882, viajando pelo interior de São Paulo).

“Usava óculos, chapéu alto e trajava com impecável asseio e correção.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Clemente Falcão de Souza Filho, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Usava chapéu de Chile.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Baltazar da Silva Carneiro, turma acadêmica de 1854 a 1858).

“Um chapellino de palha da Italia, com laços de fitas, véo de escomilha, cercado de flôres, como os que ha na loja do Custodio, que graça, que mimo, que fascinação!”

(CABRIÃO

, 1866, Trecho de *A moda*).

“Joaquina preparava os chapéus especiais das meninas, que, talvez à imitação dos que os ingleses chamam “Kate Greenway”, eram feitos de pano branco, com talas de bambu lisas e bem finas, à guisa de barbatanas, metidas de ambos os lados, entre as costuras.”

(BARROS, 1946, sobre tipo de chapéu utilizado quando a família viajava ao interior de São Paulo).

Comentários: Garibaldi não apenas virou moda no que se refere aos chapéus, mas também para gravatas, muito comercializadas em São Paulo. No caso de Kate Greenaway, apesar de Barros ter citado como chapéu, *bonnet* é a definição que mais veremos para essa peça. Esse tipo de peça não era usado somente por crianças, também podendo ser usado por

senhoras, geralmente feito de seda.

À esquerda, imagem de Garibaldi. Imagem disponível em: http://freemasonry.bcy.ca/biography/garibaldi_g/garibaldi.html. À direita, ilustração de Kate Greenaway. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O589191/print-greenaway-kate/>.

CHILENAS: espora grande, de roseta (roda dentada) larga.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 318

Menções nos anúncios: Loja de couros, abril.

Crônicas: “Aturdido e atarefado no afã de reunir os animais dispersos, o tropeiro picava a sua mula com as enormes chilenas, vociferando em linguagem rústica, enquanto brandia um longo chicote.” (BARROS, 1946, a caminho de Santos).

“Verdadeiro Paulista no coração e nos costumes, [...] um largo chapéu de palha, de montar e chilenas, um bom revólver à cinta, eis o que completava o traje do distinto Piracicabano [...]” (ZALUAR, 1861, em sua passagem por Piracicaba).

CHINELOS: calçado que não cobre o calcanhar, feito de tapete ou veludo.

Fonte para a definição: PINTO, 1832.

Menções nos anúncios: Loja de chapéus nos quatro cantos, de novembro a dezembro; Bernardo Brenn, de setembro a dezembro; Clausen & Rath, julho; Loja de Fazendas (Ladeira de Santo Antonio), junho; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), de janeiro a outubro; João Plandé, de setembro a dezembro; Loja da Barateza, dezembro; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Guelfo de Lailhacar, de junho a julho.

Crônicas: “Nesse dia, ao jantar, apareceu a pequena (que ainda usava saia curta) com um velho vestido de chita, que lhe chegava aos pés, calçando uns chinelos furados, os ombros

cobertos por um xale surrado e desbotado, tendo nas mãos uma bandejinha velha!” (BARROS, 1946, um castigo dado a uma criança por ter humilhado uma mulher pobre).

“O Sr. Costa manda envernizar os sapatos, o que é muito mais do agrado dos pretos, por ser mais fácil do que engraxa-los; Madame, em casa, usa chinelos e, na rua, sapatos rasos ou borzequins bronzeados.” (BINZER, 1882, sobre São Paulo).

CHINÓS: tipo de cabelo postiço, usado somente no alto da cabeça.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 320.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de fevereiro a junho.

Crônicas: “Belos chinós –

Para as **papalvas**⁷⁷ –

Que encobre a **cuia**,

Das que são calvas.” (GAMA, 1861, trecho de **Farmacopéia**)

CHITA: tecido plano ordinário de algodão estampado com flores e aves, feito na Ásia ou Europa. Pode ser estampado em diferentes tramas, como morim, cambraia, musselina etc.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 389.

Menções nos anúncios: João Velloso, setembro; Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a setembro; Loja da Pechincha, dezembro; Mme. Clarisse Martin, de outubro a dezembro; Fresneau, de outubro a novembro; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a agosto; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Augusto José Pereira, setembro; Antiga Casa do Barato, julho.

Crônicas: “Já cedo, pela manhã, as beldades brasileiras, isto é, uma parte delas, vestiram seus mais lindos vestidos, elegantes toilettes de cerimônia, procedentes de Paris. Quem tinha dinheiro e relações, mandara realmente encomendar um vestido parisiense ou pelo menos do Rio, tratando se surrá-lo depois tanto quanto possível. Assim, você bem faz uma idéia dessas senhoras que durante o ano todo se vestem de chita exibindo trajes de côr vermelho berrante, azul forte e até verde e amarelo!”

(BINZER, 1881, em uma visita do imperador à cidade de São João d’El-Rei)

“Desde então, lá está a arma ameaçadora na minha parede, ao lado dos meus vestidos e saias de chita, inspirando tanto receio que o primeiro resultado foi o de aterrorizar uma preta

⁷⁷ Mulher simplória (BASTOS, 1912).

que não quis mais arrumar meu quarto.” (BINZER, 1882, ao passar uma temporada em Santos. O patrão lhe passou uma arma de fogo para sua proteção e da família, enquanto estivessem no litoral).

“A brasileira nas grandes reuniões ou na rua, é tanto mais o que os ingleses chamam de ‘dressing’, quanto são primitivas suas roupas caseiras. Mesmo as senhoras mais distintas andam em casa com as tranças soltas, saias de chita sem cintos e largos paletós.” (BINZER, 1881, sobre a mulher brasileira).

“Usa a sua sainha de chita obrigatória e as tranças soltas, [...]” (BINZER, 1882, sobre sua nova aluna no interior de São Paulo).

“Alli estavam o q chamão ca moças bonitas. Havião com vestidos de velludo a Presidenta, e a Viscondessa de Montalegre. Havião alem destes vestidos de setim sem ter escomilha por cima. Havião de chita em cassa com listras de seda, de chalim, etc.” (AZEVEDO, 1844, carta para a mãe descrevendo um baile).

“Trajavam-se as senhoras muito simplesmente; seus vestidos de chita eram cortados e costurados em casa. Somente os bonitos vestidos de passeio, em geral de cassa, eram confeccionados por uma costureira.” (BARROS, 1946, sobre a sociedade paulistana de meados do século XIX).

“Primeiramente providenciava os vestidos de chita para a roça, as meias brancas encorpadas, e também as fazendas de cor para as calcinhas das meninas, pois que as brancas se encardiam na terra vermelha.” (BARROS, 1946, sobre quando iam para a fazenda).

“Nesse dia, ao jantar, apareceu a pequena (que ainda usava saia curta) com um velho vestido de chita, que lhe chegava aos pés, calçando uns chinelos furados, os ombros cobertos por um xale surrado e desbotado, tendo nas mãos uma bandejinha velha!” (BARROS, 1946, sobre um castigo dado a uma criança por ter humilhado uma mulher pobre).

CINTO: correia que fecha nas extremidades.

Fonte para a definição: BLUTEAU, 1728.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de agosto a setembro; Pedro Bourgade, de abril a junho; Guilherme Fuchs, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho.

Crônicas: “Mesmo as senhoras mais distintas andam em casa com as tranças soltas, saias de chita sem cintos e largos paletós.” (BINZER, 1882, sobre as mulheres em São Paulo).

COIN DE FEU: pequeno sobretudo para ser utilizado em casa.

Fonte para a definição: **O Jornal das Senhoras**, edição 28, 9 de julho de 1854.

Menções nos anúncios: Fresneau, de outubro a novembro.

COLAR: cadeia feita de metal para ser utilizada no pescoço. No período estudado, temos também o uso das palavras *corrente* e *cordão*, sendo todos acessórios para o pescoço.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 341.

Menções nos anúncios: não há menções nos anúncios.

Outras grafias: collar.

Comentários: Aparece no espólio de Antonio José Ferreira (1874), descrito como colar de contas. Os pingentes que acompanhavam os colares e correntes na época mais comuns eram figas e corações, como podemos ver na descrição do inventário de Florinda de Rosa Claudina⁷⁸ (1855):

“Dezenove oitavas de oiro, em diferentes obras, a saber: uma figa, dois corações, uma teleia (?), uma cruz, um leão, e quatro palmos de cordão intrafino [...]”

No inventário de Luiz Suppicy (1865) aparecem cordões, fechos e pingentes como figas de coral. Aparecem também colares com cruzes. No inventário de Luiz Bamberg, aparecem correntes feitas de ouro e prata.

COLARINHO: uma tira de dois ou três dedos de largura que é costurada na parte superior da camisa, abotoada no pescoço.

Fonte para a definição: BLUTEAU, 1728, p. 367.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, setembro; Loja de chapéus nos quatro cantos, de novembro a dezembro; Antiga Casa do Barato, julho; Guilherme Fuchs, julho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto.

Outras grafias: collarinho.

Crônicas: “Trajava com apuro, ao gosto da época, quase invariavelmente pelo teor seguinte: sobrecasaca de pano preto, ou de azul ferrete com botões de metal amarelo, calças e colete brancos, colarinhos deitados e pregados à camisa, assim como os punhos. Não estava ainda introduzido o uso dos punhos e colarinhos postiços.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de José Carlos Borba, turma acadêmica de 1855 a 1859).

Comentários: Apesar de Nogueira afirmar que no período não se utilizava o colarinho

⁷⁸ Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, Fundo Tribunal de Justiça, processo 697/1855.

postiço, nos anúncios de Guelfo de Lailhacar são oferecidos colarinhos de linho postiços. Em muitos dos anúncios são oferecidos colarinhos bordados. No *Jornal das Senhoras*, publicação do Rio de Janeiro, são oferecidos modelos de bordados, servindo os padrões tanto para colarinhos quanto para lenços, como podemos ver na figura abaixo. Trata-se de uma pequena amostra dos bordados que poderíamos encontrar no período estudado.

Modelos de bordados que serviam tanto para lenços como colarinhos, publicados n'º **Jornal das Senhoras**, edição 21, 23 de maio de 1852.

COLETE: espécie de veste, sem abas e sem mangas.

Fonte para a definição: PINTO, 1832; SILVA, 1789, p. 414.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de agosto a novembro; Loja da Pechincha, dezembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Fresneau, julho; Manoel Correa Guedes, de abril a maio; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; N.J.V. Ferard, fevereiro.

Outras grafias: colete.

Crônicas: “Uma vez, no correr da aula do dr. Veiga Cabral, fixou este os olhos sobre o

Felisberto Jardim, e, suspendendo a explicação, chamou-o para junto da cátedra:

- Onde foi – perguntou-lhe – que o senhor mandou fazer este tão lindo colete?

- Foi no meu alfaiate, no Rio.

- Bem se vê, bem se vê – replicou o esquisito lente. – Por aqui não há tão bonitos padrões.”

(NOGUEIRA, 1908, sobre o colete de Felisberto Gomes Jardim, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Bonita casaca,

Colete bordado;

Chapéu de patente,

Cabelo pintado!...”

(GAMA, 1861, trecho de O velho namorado)

“Aquele Dr. Chaves era um homem pequeno que andava quase sempre muito encolhidinho e que nunca se via sem que estivesse todo vestidinho de preto, isto é, de chapéu, de gravata, de casaca, de colete, de calças e de sapatos pretos; de porte que nele nada havia que fosse branco senão a camisa; e ainda assim, muito pouco aparecia.” (REZENDE, 1888, sobre o professor de filosofia, Dr. Manuel José Chaves).

CORAIL DENTRIFICE: produto utilizado para limpar e conservar os dentes, refrescar a boca e endurecer as gengivas.

Fonte para a definição: anúncio do comerciante.

Menções nos anúncios: comércio localizado no Largo da Sé, n. 1, maio.

Comentários: De acordo com Chernoviz (1890), o produto base dos dentrífcios da época era o coral vermelho, reduzido a pó.

CORDÃO: corda pequena e delgada feita de seda, algodão ou ouro.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 366, SILVA, 1789, p. 471.

Menções nos anúncios: Pruvot, de janeiro a abril.

COTURNO: espécie de bota justa que vai até o meio da perna.

Fonte para a definição: PINTO, 1832.

Menções nos anúncios: Christiano Clausen, maio.

Crônicas: “Trazia ele botinas de cano alto que ficava oculto sob as calças.

- Por que usa V. destes coturnos? – perguntou-lhe um bisbilhoteiro.

- Para preservar-me das dentadas de cães danados.” (NOGUEIRA, 1908, anedota sobre

Luiz Barbosa da Silva, turma acadêmica de 1856 a 1860).

Comentários: O coturno também é chamado de *borzeguim*, um tipo de sapato utilizados por militares, mas também pelos trágicos (teatro, Grécia Antiga).

COURO: é a pele dos animais curtida para manufatura de peças como sapatos, chapéus, luvas etc.

Fonte para a definição: BLUTEAU, 1728, p. 525.

Menções nos anúncios: Teyssier, de novembro a dezembro; comércio localizado na Rua da Boa Vista, 28, fevereiro; Loja de Chapéus nos quatro cantos, de fevereiro a dezembro; Bernardo Brenn, de setembro a dezembro; Christiano Clausen, de abril a maio; Clausen & Rath, de abril a outubro; Henrique Fox, de abril a dezembro; Loja de Couros, de janeiro a dezembro; João Plandé, de setembro a dezembro; Bernardo Rostaicher, de fevereiro a dezembro; Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Loja da Cobra, abril; Pedro Bourgade, de abril a junho; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a maio; A.S.P. Saraiva, de março a abril; Augusto José Pereira, de setembro a novembro; Guilherme Fuchs, julho; Guelfo de Lailhacar, de março a julho; N.J.V. Ferard, fevereiro.

Outras grafias: coiro.

Crônicas: “Os criadores mais ricos curtem eles próprios grande parte do couro produzido em suas fazendas ou os salgam para exportação. Para curtir é empregada a casca da **rhizophora mangle**.” (ORBIGNY, por volta de 1830, sobre a indústria manufatureira de São Paulo).

“Outra indústria não menos para admirar-se é a dos arreios de couro e chicotes entrançados, que se fazem aqui do mais delicado e apuradíssimo trabalho.” (ZALUAR, 1861, sobre a passagem do autor por Sorocaba).

Comentários: *Rhizophora mangle*, ou mangue vermelho, é uma árvore da região de manguezais. É utilizada no curtume de couro, tornando-o impermeável.⁷⁹

CRINOLINA: anágua feita de arcos flexíveis de aço. Ver *balão*.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 377.

⁷⁹ GODOY et al, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-84041997000100003&script=sci_arttext.

CROCHET: “renda feita com uma agulha especial”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 377.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de agosto a setembro; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho.

Crônicas: “Algumas das moças faziam trabalhos de “crochet” à noite, que iam vender aos domingos em Campinas e, com estes lucros adquiriam vestidos, etc. [...]” (TSCHUDI, 1860, sobre colonos europeus trabalhando em fazendas).

Comentários: *O Jornal das Senhoras*, edição 38, apresenta dois modelos de peças feitas com crochet: uma bolsa (número 11 na figura) e uma rosa feita de lã, cujas folhas foram feitas em crochet (número 12).

O Jornal das Senhoras, edição 38, 18 de setembro de 1853.

ENTREMEIOS: renda ou outro adorno bordado costurado entre dois espaços.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 476.

Menções nos anúncios: Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Guilherme Fuchs, julho.

Comentários: Ao lado, vemos um exemplo de entremeio (a tira entre as mangas e o punho) publicado no **O Jornal das Senhoras**, edição 33, 15 de agosto de 1852.

FELTRO: espécie de tecido não tecido⁸⁰ feito de pelos de animais ou lã. Muito utilizado na confecção de chapéus.

Fonte para a definição: SILVA, 1789.

Menções nos anúncios: Au Prophète, de março a junho.

FICHUS: “peça de tecido com que as mulheres cobriam a cabeça, a garganta e os ombros”.

Fonte para a definição: BOUCHER, 2010, p. 463.

Menções nos anúncios: Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho.

FILÓ: tecido fino, similar à cassa.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 558.

Menções nos anúncios: Guilherme Fuchs, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho.

Outras grafias: fillot.

FITA: “tecido estreito”, pode ser de cetim, algodão, seda, veludo ou lã.

Fonte para a definição: PINTO, 1832.

Menções nos anúncios: Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Mme. Clarisse Martin, de novembro a dezembro; Guilherme Fuchs, julho; comércio localizado na Rua do Rosário, 48, novembro.

Crônicas: “Logo ao chegar, o Evaristo pediu fitas, e explicava – fitas de cor escarlate e largura de um dedo.” (Evaristo Ferreira da Veiga)

⁸⁰ Tecido não tecido é um tecido obtido através de um processamento que não envolva entrelaçamento dos fios (tecelagem) ou malharia. “O resultado é obtido diretamente pelas camadas de fibras que se unem umas às outras por meios físicos e/ou químicos, formando uma folha contínua.” (CHATAIGNIER, 2006, p. 45).

Comentários: De acordo com Nogueira (1977, p. 58, v. 4), naquele tempo, eles usavam fitas para encadernar as dissertações acadêmicas, na cor escarlata (ou encarnada, como diz Nogueira), pois era a cor do curso de Direito.

FLANELA: “tecido de lã pouco encorpado”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 561.

Menções nos anúncios: Loja de Fazendas (Rua do Commercio, 4), de maio a junho; Au Prophète, de março a junho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto.

Crônicas: “[...] trajes de banho feitos de flanela [...]” (BINZER, 1882, em uma temporada em Santos).

FRAQUE: casaco curto, aberto do peito para baixo e com uma só abotoadura.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 572.

Menções nos anúncios: não há menções nos anúncios.

Crônicas: “Nenhuma família deixava a colônia, conservavam seus trajes tradicionais, e muitos dos mais velhos vestem ainda hoje, aos domingos, o fraque azul com que foram confirmados na pátria distante.” (TSCHUDI, 1860, sobre colonos em São Paulo que estavam em Santo Amaro e Itapeirica da Serra como lavradores).

“A sua **toilette** era invariavelmente a seguinte – fraque e colete pretos ou de azul-escuro, calças brancas, salvo nos dias chuvosos, gravata preta, botinas de polimento e cartola de castor.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Cândido Gomes de Vasconcelos Guanabara, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Trajava com elegância, a ponto de atrair a simpática admiração do conselheiro Cabral, que por mais de uma vez o felicitou sinceramente pelo talho do seu fraque, as suas meias de seda, as suas gravatas modernas etc.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Caetano José de Andrade Pinto, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Trajava corretamente. Depois de formado, substituiu o fraque e todo o fato⁸¹ de casimira por vestes de brim, que mesmo no inverno, raramente modificava⁸².” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Américo Muniz Cordeiro Gitahy, turma acadêmica de 1855 a 1859).

FROCO: cordão, feito de seda ou lã, usado para adornar vestidos.

Fonte para a definição: BLUTEAU, 1728, p. 218.

⁸¹ Vestuário.

⁸² Casimira é um tecido com fibra de lã, enquanto o brim é de algodão.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de agosto a setembro; Guilherme Fuchs, julho.

FUSTÃO: tecido de lã ou seda, tecido em cordão.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 582.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de abril a novembro; Loja da Pechincha, dezembro; Mme. Clarisse Martin, de outubro a dezembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de agosto a outubro; Fresneau, de outubro a novembro; Guelfo de Lailhacar, de abril a junho.

GORGORÃO: “tecido encorpado, de seda e lã”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 608.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, novembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro.

GRAVATA: tira de tecido, que se dobra e enrola no pescoço por cima da camisa. As gravatas comercializadas costumam ser de seda e podem apresentar diversos modelos: Garibaldi, Figaro, Francklin, Senador, Victor-Manuel, Windsor.

Modelo Garibaldi (Coleção Militão, Museu Paulista/USP).

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 99.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de março a maio; Clausen & Rath, julho; Loja da Cobra, de agosto a novembro; Au Monde Elegant, março; Pedro Bourgade, de abril a

outubro; Manoel Correa Guedes, de abril a maio; Jeronimo Museler, novembro; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; A.S.P. Saraiva, de março a abril; Mme. D'Aubigny, setembro; Guilherme Fuchs, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto.

Crônicas: “Trajava frequentemente calças de brim branco, trazia chapéu de Chile, e, indefectivamente, gravata branca.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Antônio Ferreira Viana, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Aquele Dr. Chaves era um homem pequeno que andava quase sempre muito encolhidinho e que nunca se via sem que estivesse todo vestidinho de preto, isto é, de chapéu, de gravata, de casaca, de colete, de calças e de sapatos pretos; de porte que nele nada havia que fosse branco senão a camisa; e ainda assim, muito pouco aparecia.” (REZENDE, 1888, sobre o professor de filosofia, Dr. Manuel José Chaves).

GRINALDA: coroa feita de flores.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 101.

Menções nos anúncios: não há menções nos anúncios.

Crônicas: “Sempre cuidadosa, a mamãe dispensara a grinalda pesada, de lantejoulas e ornamentos de metal, tendo encomendado outra às Molina. Veio a coroa de mimosas e leves florinhas brancas, feitas do âmago de galhos de figueira.” (BARROS, 1946, sobre como vestiam os filhos para as procissões).

“Linda grinalda de flores de laranjeira... – alvas florinhas que simbolizaram pureza e inocência, suaves virtudes, hoje tão fugidias...” (BARROS, 1946, sobre a peça para um casamento).

JAPONA: casaco largo, sem abas, que chega abaixo da cintura.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 700.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, novembro.

Comentários: As japonas de baeta são anunciadas para uso dos escravos. Há também anúncios de pano de algodão, de tecido grosseiro, também para uso dos mesmos.

JAQUETA: casaco curto, sem abas, ajustado à cintura.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 700.

Menções nos anúncios: Au Prophète, de março a junho.

LÃ: tecido feito a partir da pele de ovelhas, carneiros e outros animais

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 715.

Menções nos anúncios: Bernardo Brenn, de setembro a outubro; Clausen & Rath, de abril a julho; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), junho; João Plandé, de setembro a dezembro; Loja da Cobra, de agosto a setembro; Loja da Pechincha, dezembro; Mme. Clarisse Martin, outubro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Antonio Teixeira de Carvalho, de julho a agosto; A.S.P. Saraiva, de março a abril; Antiga Casa do Barato, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto; N.J.V. Ferard, fevereiro; comércio localizado na Rua de São Bento, 34, julho.

Outras grafias: lãa, lan.

Crônicas: “Tecem-se grosseiros tecidos de lã e fazem-se chapéus de feltro comum.” (ORBIGNY, por volta de 1830, sobre a indústria manufatureira de São Paulo).

“D. Brigida pediu-me pa. fazer-lhe a encomenda de uma pelerine (creio q. assim se chamão esses casacões de Snra. q. se enfião sobre o vestido) de lã de malha, de cor escura (inclue ella nas cores escuras azul, verde, etc.) tudo entregue ad libitum ao seu bom gosto.” (AZEVEDO, 1849, carta para a mãe).

“Os vestidos de lã ficam pendurados no armário ou mesmo nem existem. Em casa, usa-se algodão, e na rua tecidos laváveis mais finos e muita seda. Achavam que os vestidos de lã não são asseados porque não podem ser lavados todas as semanas.” (BINZER, 1882, sobre as mulheres paulistanas).

“Além de suas lições, as “manas mais velhas”, que nunca estavam ociosas, ocupavam-se de toda espécie de trabalhos, tanto os de utilidade como os de fantasia: executavam bordados em talagarça ou seda, com lãs, miçangas e seda frouxa. Atingiam, no entanto, a perfeição, nos bordados brancos. Mas com que esforço!... Para isso colhiam folhas de maracujá, que eram trituradas e coadas. Obtida assim uma bela tinta verde, nela embebiavam a pena e riscavam o desenho sobre o pano. Era esse então alinhavado sobre um pedaço de encerado próprio para tal fim, bem esticado.” (BARROS, 1946, sobre o dia a dia das irmãs).

LEITE DIVINO: cosmético utilizado contra manchas de pele.

Fonte para a definição: Correio Paulistano, anúncio do comerciante.

Menções nos anúncios: Teyssier, janeiro.

Comentários: Apesar de não haver encontrado maiores informações sobre o produto, pode

ser que se trate do leite de rosas, cosmético utilizado para esse fim, conhecido desde o século XVIII.

LENÇOS: pequeno pedaço de tecido, podendo ser feito de linho, cambraia, seda ou algodão.

Fonte para a definição: PINTO, 1832; SILVA, 1789: 214.

Menções nos anúncios: Loja de chapéus nos quatro cantos, de novembro a dezembro; Loja da Cobra, de agosto a setembro; Antonio Teixeira de Carvalho, junho; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Guilherme Fuchs, julho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto.

Crônicas: “E então o Comendador, com toda a calma, sacava do seu grande “lenço de tabaco” de seda vermelha de Alcobaça, assoava-se ruidosamente [...]” (BARROS, 1946, ao falar sobre o pai).

“[...] Era ela quem marcava as meias do rapaz e lhe bordava as iniciais nos lenços...” (BARROS, 1946).

“O velho também despertara minha atenção por causa de um gigantesco lenço vermelho muito do seu agrado [...]” (BINZER, 1881, sobre um padre italiano viajante).

LEQUE: tira feita de papel ou seda, pregueada em varetas, que pode abrir e fechar.

Fonte para a definição: BLUTEAU, 1728, p. 12.

Menções nos anúncios: não há menções nos anúncios.

Crônicas: “Não fallemos nas botinas de setim, mais alvas que a penna de uma garça, no lencinho bordado trescalando exqu岸itos perfumes, no leque de madreperola, nas luvas de Jouvin e mil outras cousinhas, bonitas, encantadoras, fascinantes!” (CABRIÃO, 1866, trecho de *A moda*).

“[...] Trajadas com os belos vestidos do Rio, as senhoras cobriam-se de pérolas e brilhantes (inadmissíveis, naquela época, as atuais jóias de fantasia), levando lenços de finíssimas rendas e leques preciosos, [...]”

Sentavam-se as senhoras no grande salão, abanando-se com ricos leques de madrepérola, ornados de finas pinturas.” (BARROS, 1946, sobre os bailes).

“Suas mãos morenas cheias de anéis seguravam um leque muito colorido e em vez de chapéu fizera um penteado exageradamente crespo, preparado na certa, somente para essa ocasião.” (BINZER, 1881, sobre a vestimenta de uma moça na ocasião da visita do imperador).

LINHO: tecido ou fio produzido a partir da fibra de uma planta da família das lináceas.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 733.

Menções nos anúncios: Clausen & Rath, julho; Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a novembro; Loja de Fazendas (comércio localizado na Rua do Commercio, 4), de maio a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Manoel Correa Guedes, de abril a maio; A.S.P. Saraiva, de março a abril; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Antiga Casa do Barato, julho; Guilherme Fuchs, julho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto; N.J.V. Ferard, fevereiro; comércio localizado na Rua de São Bento, 34, julho.

LUVAS: peça utilizada para cobrir as mãos, feitas de couro (pelica), seda, casimira, algodão ou lã. *Luvras de Jouvin:* modelo de luva criado por Xavier Jouvin, francês, que estudou os diferentes formatos de mão, criando assim um sistema de tamanhos, que facilita no corte do material e na aquisição do produto.

Fonte para a definição: BLUTEAU, 1728, p. 212.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de março a junho; Teyssier, de novembro a dezembro; comércio localizado na Rua Boa Vista, 28, fevereiro; Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Mme. Clarisse Martin, outubro; Au Prophète, de março a junho; Antonio Teixeira de Carvalho, de junho a agosto; A.S.P. Saraiva, de março a abril; Augusto José Pereira, setembro; Guilherme Fuchs, julho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto; N.J.V. Ferard, fevereiro.

Crônicas: “Chegamos, atiramos o chapéu, o xale, e descalçamos a luva direita porque a etiqueta brasileira não permite cumprimentar S.S. Majestades de luva.” (BINZER, 1881, ao conhecer o Imperador Dom Pedro II).

“[...] encasacados, de gravata branca e luvas de ‘Jouvin’.” (TSCHUDI, 1860, descrição de como estaria vestido o embaixador da Suíça e o major Von Sukow para um sarau).

“Se poder mandar-me algumas luvas do Rio mande porq. aqui as q. vendem-se são de montar a cavallo – luvas Inglezas – e são todas de M para cima qdo. eu calço F.” (AZEVEDO, 1848, carta para a mãe).

“Enqto. as luvas agradeço-lhes muito, porq. as q. aqui há são de mto. ruim pellica – ou antes couro – e qdo. se recebe fica-se em duvida se são para os pés ou se para as mãos – e além disso vendem-se pela ninharia de 2\$600 rs. – p. a estallarem as costuras logo ao calçar-se apesar de serem tão largas q. se em lugar de ser a minha mão fosse o Pão d’Assucar q. se quizesse acommodar nellas pouco lhe custaria o capricho.” (AZEVEDO,

1848, carta para a mãe).

“Agora q. vierão as luvas é q. me acharão pouco disposto p. a bailes tanto q. não pretendo ir tão cedo a bailes em S. Paulo.

[...]

Por isso pois resolvi-me a não ir ao baile – mas contudo mto. agradeço as luvas porq. se p. esse não servirão p. outra vez servirão.” (AZEVEDO, 1848, carta para a mãe).

“Não fallemos nas botinas de setim, mais alvas que a penna de uma garça, no lencinho bordado trescalando exquitos perfumes, no leque de madreperola, nas luvas de Jouvin e mil outras cousinhas, bonitas, encantadoras, fascinantes!” (CABRIÃO, 1866, trecho de *A moda*).

“O seu caráter fantasioso dava ora para fazê-lo vir à Academia com as botas por engraxar, ora ao contrário num requinte de **chiquismo** ao ponto de envergar elegante casaca, luvas de pelica **marron** e calças... de palha de seda!” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Manuel Antonio de Passos, turma acadêmica de 1856 a 1860).

“[...] Sempre cheio de alegrias íntimas, simpático, traquinas como um colegial em hora de recreio, de casaca azul e botões amarelos, chapéu branco, luvas e calçados parisienses [...]” (Peçanha Póvoa, Anos Acadêmicos, 1870, In. NOGUEIRA, 1977, v. 5, p. 35. Descrição de Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, turma acadêmica de 1855 a 1859.)

“Preparado para as damas, havia um mimoso gabinete onde se achavam todos os requisitos imagináveis de toilette: flores, perfumes, fitas e até luvas brancas e sapatinhos de cetim!” (BARROS, 1946, sobre os bailes).

“Do peitoril das janelas, cinco pares de botinas e sapatos espiam compenetrados os grupos de bananeiras lá fora, enquanto sobre eles esvoaçam as minhas luvas, ao zéfiro do meio-dia, penduradas num barbante...” (BINZER, 1881, sobre as roupas que estavam precisando ser arejadas, pois estavam mofando no armário).

“[...] todas as lindas luvas de pelica compradas em Antuérpia estão manchadas.” (BINZER, 1881).

“Aliás, já descobri um excelente recurso contra as manchas de mofo nas luvas: guarda-las dentro de uma caixa com sulfato de amoníaco, tendo-se o cuidado de proteger os botões, senão tornam-se opacos.” (BINZER, 1882).

“O vestido salpicado de lama e completamente encharcado, as luvas sujas, o rosto congestionado de raiva, tudo por causa daquela bola verde; [...]” (BINZER, 1882, em uma viagem ao interior carregando uma melancia).

Comentários: As luvas mais anunciadas eram de pelica e seda. A pelica é a primeira pele

do animal, sendo um couro fino e delicado, não necessitando de tratamento no couro.

MANAPOLÃO: “tecido branco e consistente, de lan”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 149.

Menções nos anúncios: Pedro Bourgade, de agosto a outubro.

Comentários: A descrição refere-se à palavra *madapolão*.

MANTELETA: “espécie de lenço grande, com que algumas mulheres cobrem a cabeça; pequena capa de senhoras”. Pode ser de tafetá, nobreza ou seda.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 765.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, novembro; Au Prophète, de março a junho; Antonio Teixeira de Carvalho, de junho a agosto; A.S.P. Saraiva, de março a abril; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto.

Outras grafias: mantileta, mantelete.

Crônicas: “Vos direi que os manteletes da moda são os de ponta de chale, atrás, costura nos ombros, e de pontas adiante. Estes manteletes fazem-se pequenos e são acrescentados por uma ou duas ordens de renda de lã, larga ou de *guipure* de seda, preta, ou da mesma cor da seda do mantelete. O molde porém mais moderno é o do –mantelete manta – sem costura nos ombros, redondo atrás, e de pontas adiante, guarnecido de renda larga de seda bordada de – *jaspé*. Este feitio, não somente é o mais moderno, como também é o mais apropriado para a estação em que nos achamos, pela razão de fazer o efeito de uma manta e deixar os ombros inteiramente descobertos. Os de seda furta-cores⁸³ sempre são os mais preferidos.” (Jornal das Senhoras, edição 7, 15 de fevereiro de 1852).

O jornal também apresenta diferentes tipos de modelo, como pode ser visto na figura abaixo, respectivamente: mantelete-chale *Navailles*, mantilha espanhola *Blossac*, mantelete *Impératrice*, mantelete-chale *Fornarina*, capote, manta *Printemps*, capote *Marquise*.

⁸³ “Cambiante, que apresenta cor variada”. (BASTOS, 1912).

(O Jornal das Senhoras, edição 28, 10 de julho de 1853).

MANTILHA: “manto de cobrir a cabeça, [...] véu que cai em pregas sobre as costas”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 765.

Menções nos anúncios: Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), junho; N.J.V. Ferard, fevereiro.

Crônicas: “Quase todas as senhoras traziam graciosas mantilhas escuras que serviam ao mesmo tempo de chapéu e de xale. Os nossos amigos parisienses ficaram particularmente impressionados com esse detalhe e maior foi o seu espanto ao descobrir sob as mantilhas numerosos rostos de cor.” (KIDDER, 1837)⁸⁴.

“[...] as senhoras raramente aparecem na sala, onde os homens somente recebem as visitas e conversam para entreter o tempo. Esses costumes ir-se-ão perdendo pouco a pouco, como já vão desaparecendo as mantilhas, que apenas figuram hoje para ocultar as rugas de alguma sexagenária matrona, ou são usadas pela gente das classes menos abastadas.” (ZALUAR, 1861, sobre sua passagem por Lorena).

“Em Taubaté ainda se usa muito de mantilhas, não só na classe baixa como entre algumas senhoras mais distintas.

Este gênero de traje e o aspecto sombrio da cidade concorrem para dar à povoação um certo cunho de vetustez, que faz lembrar algumas cidades espanholas e os costumes severos dos séculos anteriores.” (ZALUAR, 1861, sobre sua passagem por Taubaté).

“[...] a cidade de São Paulo é monótona, e nos seus dias de festa, em vez do riso jovial e

⁸⁴ Kidder esteve em São Paulo entre os anos de 1837 e 1838, mas a primeira publicação de seu livro, somente ocorreu em 1845, em Londres.

franco, é taciturna e reservada, como uma beata que vai à missa das almas com o rosto escondido na mantilha e as contas do rosário a aparecem por baixo das rendas de um mantelete de seda.” (ZALUAR, 1861, sobre a cidade de São Paulo).

“Mas eu quizéra, que V. S. dissesse também alguma cousa sobre a mantilha; a prosaica mantilha, que afoga a beleza, mata a elegancia, esconde o rosto e faz da mulher um ente disforme, amortilhado, lugubre, capaz de fazer ressussitar um morto.

Considere V. S. uma moça bonita, acompanhada por dous agentes do santo officio, negros como a alma desses queimadores de gente. É doloroso!

V. S. disse que o frade não pertence á este seculo, e eu digo que este seculo não é o seculo da mantilha.” (CABRIÃO, 1866).

“[...] ou, de volta de alguma igreja, embuçada em sombria capa, furtiva, alguma senhora de mantilha. Esta vestimenta espanhola, adotada aqui pelas damas de alta posição, foi logo descendo a escala social, vindo a tornar-se o traje habitual das mendigas, para depois desaparecer completamente.” (BARROS, 1946).

“[...] Não raro tratava-se de alguma mulher de mantilha, que vinha pedir esmola.” (BARROS, 1946, sobre pedintes que vinham à sua casa).

MARRAFA: mecha de cabelos retorcida, caída sobre a testa. Vem de *Marrafi*, dançarino italiano que foi o primeiro a usar o cabelo dessa forma.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 771.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de fevereiro a junho.

Outras grafias: marafa.

MEIA: peça que cobre o pé e a perna, feito de ponto de malha, podendo ser de seda ou lã.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 282.

Menções nos anúncios: Clausen & Rath, de abril a julho; Loja da Cobra, de abril a novembro; Pedro Bourgade, de agosto a outubro; Antonio Teixeira de Carvalho, de junho a agosto; Augusto José Pereira, setembro; Antiga Casa do Barato, julho; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto; Lion d’Or, abril; N.J.V. Ferard, fevereiro; comércio localizado na Rua de São Bento, 34, julho.

Crônicas: “Jeitosas [as costureiras], enfiavam-lhe as meias de seda branca, o sapatinho de cetim, o vestidinho branco, bem armado e guarnecido de rendas de prata.” (BARROS, 1946, roupa infantil para procissão).

“Primeiramente providenciava os vestidos de chita para a roça, as meias brancas

encorpadas, e também as fazendas de cor para as calcinhas das meninas, pois que as brancas se encardiam na terra vermelha.” (BARROS, 1946, quando iam para a fazenda).

“Trajava com elegância, a ponto de atrair a simpática admiração do conselheiro Cabral, que por mais de uma vez o felicitou sinceramente pelo talho do seu fraque, as suas meias de seda, as suas gravatas modernas etc.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Caetano José de Andrade Pinto, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“[...] Era ela quem marcava as meias do rapaz e lhe bordava as iniciais nos lenços...” (BARROS, 1946).

MEMÓRIA: anel usado para conservar a memória de alguma pessoa ou fato.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 286.

Menções nos anúncios: Pruvot, de janeiro a abril; La Maison d’Or, de março a abril.

Comentários: Provavelmente a memória era feita com fios de cabelo de uma pessoa falecida. Pruvot, além de seus serviços de cabeleireiro, também divulgava trabalhos de desenhos fúnebres. Esses trabalhos, chamados de escumilhas, eram feitos com cabelos de defuntos. Não eram feitos apenas quadros, mas também pulseiras, colares e anéis que contavam também com o uso de ouro e pedras preciosas, de acordo com Queiroz (2010). De acordo com a autora, esse tipo de trabalho se teve origem na França, em meados do século XIX, conhecido como “jóias de afeto”.

MERINÓ: tecido feito da lã de carneiro merino, uma lã fina.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 788.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de agosto a setembro; Au Monde Elegant, março; Au Prophète, de março a junho; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro.

MOIRÉ ANTIQUE: tecido feito com lã ou pelo, mesclado com seda, que apresenta como ondulações em sua superfície, possuindo um brilho especial, através de uma técnica chamada calandragem⁸⁵. Também chamado de *chamalote*.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 311; BOUCHER, 2010, p. 467.

Menções nos anúncios: Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Loja da Cobra, novembro; Pedro Bourgade, de março a junho; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto; Loja dos Coelho, abril; Notre Dame de Pariz, de março a abril.

⁸⁵ A calandragem é um processo que consiste em passar o tecido por cilindros quentes e a alta pressão, conferindo um melhor toque e um brilho especial.

Crônicas: “Um vestido de moire-antique, côr de havana, enfeitado com fitas, com rendas, com vidrilhos e com todas essas cousas nenhuma, que são tão bonitas e custam tão bom dinheiro – feito por mademoiselle Josefina, quem deixará de pousar nelle a vista por alguns minutos?” (CABRIÃO, 1866, trecho de *A moda*).

MORIM: tecido branco, fino, de algodão.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 814.

Menções nos anúncios: João Velloso, setembro; Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a novembro; Loja da Pechincha, dezembro; Au Prophète, de março a junho; Antiga Casa do Barato, julho; Guelfo de Lailhacar, de março a abril.

MUSSELINA: tecido leve e transparente de algodão.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 827.

Menções nos anúncios: Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a setembro; Mme. Clarisse Martin, de outubro a dezembro; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho.

NOBREZA: tecido feito de seda.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 344.

Menções nos anúncios: Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Loja da Cobra, de abril a novembro; Loja da Pechincha, dezembro; Mme. Clarisse Martin, de novembro a dezembro; Au Prophète, de março a junho; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a agosto; A.S.P. Saraiva, de março a abril; Guelfo de Lailhacar, de abril a agosto; Loja dos Coelhos, abril.

ÓCULOS: instrumento provido de lentes utilizado para auxiliar a visão. *Óculos de teatro*: similares aos binóculos atuais, possuíam lentes de aumento para enxergar melhor o palco e os atores. *Óculos Pince-Nez*: óculos que não possuem as hastes.

Fonte da definição: BASTOS, 1912, p. 855.

Menções nos anúncios: La Maison d'Or, de março a abril; Lion d'Or, abril.

Crônicas: “Usava óculos, não que sofresse da vista, mas por esquisita faceirice; pois a sua preocupação não era ficar bonito, mas ficar bem, *comme il faut*. E ele entendia, segundo explicou a um colega, que os óculos com aros de ouro lhe iam bem, adornavam-lhe convenientemente o rosto, davam-lhe um quê de gravidade precoce, que corrigia a lamentada ausência de umas belas suíças tão pouco apressadas em chegar...”

(NOGUEIRA, 1908, descrição de Afonso Celso de Assis Figueiredo, turma acadêmica de 1854 a 1858).

“Claro, cabelos castanhos, algum tanto míope, pelo que usava *pince-nez* de grau.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Caetano José de Andrade Pinto, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Trazia indefectível *pince-nez* de míope.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Cândido Gomes de Vasconcelos Guanabara, turma acadêmica de 1851 a 1855).

Comentários: Vendidos em materiais nobres como ouro e casco de tartaruga, os óculos de teatro aparecem nos inventários de Luiz Supplicity (1865), como binóculos, mas sem maiores descrições de materiais ou desenhos no objeto; em Luiz Bamberg (1868), como óculos de alcance (que também é sinônimo de *luneta*).

OLEADO: tecido tornado impermeável.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 859.

Menções nos anúncios: Clausen & Rath, de abril a julho; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), de agosto a setembro; Pedro Bourgade, de agosto a outubro.

OPIATO: preparação farmacêutica, de consistência mole, que se obtém misturando um pó ou diversos pós com mel de abelhas ou algum xarope, utilizado para branquear e conservar os dentes.

Fonte para a definição: CHERNOVIZ, 1890, p. 531; Correio Paulistano, anúncio do comerciante.

Menções nos anúncios: Teyssier, janeiro.

Outras grafias: opiata.

ORGANDIZ: tecido fino e transparente.

Fonte para a definição: **O Jornal das Senhoras.**

Menções nos anúncios: Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a setembro; Loja da Pechincha, dezembro; Antiga Casa do Barato, julho.

Outras grafias: organdis, organdy.

PALA: vestimenta semelhante ao poncho.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 879

Menções nos anúncios: não há menções nos anúncios.

Crônicas: “Não trazia então o seu característico e inseparável **cache-nez** ou pala dobrada, sobre os ombros; [...]” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Américo Brasílio de Campos, turma acadêmica de 1856 a 1860).

PALETÓ: “casaco largo que se veste por cima do fato usual”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 881.

Menções nos anúncios: Clausen & Rath, outubro; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), de outubro a dezembro; Bernardo Rostaicher, dezembro; Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a setembro; Loja de Fazendas (comércio localizado na Rua do Commercio, 4), de abril a junho; Loja da Pechincha, dezembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Fresneau, de julho a novembro; Manoel Correa Guedes, de abril a maio; Antiga Casa do Barato, julho; Guelfo de Lailhacar, de abril a junho.

Outras grafias: palitot, paletot.

Crônicas: “[...] No terreiro do café, em meio ao espesso nevoeiro daquela manhã de inverno, vislumbra-se aqui e ali o paletó branco do Comendador.” (BARROS, 1946).

“A brasileira nas grandes reuniões ou na rua, é tanto mais o que os ingleses chamam de ‘*dressing*’, quanto são primitivas suas roupas caseiras. Mesmo as senhoras mais distintas andam em casa com as tranças soltas, saias de chita sem cintos e largos paletós.” (BINZER, 1881, sobre a mulher brasileira).

Comentários: A maior parte dos paletós anunciados são feitos de casimira. O paletó de borracha é anunciado em lojas voltadas para artigos de viagem, por se tratar de um produto impermeável, bom para viagens.

PELERINE: “capa curta que protege os ombros”.

Fonte para a definição: BOUCHER, 2010, p. 468;

Menções nos anúncios: não há menções nos anúncios.

Crônicas: “D. Brigida pediu-me pa. fazer-lhe a encommenda de uma pelerine (creio q. assim se chamão esses casacões de Snra. q. se enfião sobre o vestido) de lã de malha, de cor escura (inclue ella nas cores escuras azul, verde, etc.) tudo entregue ad libitum ao seu bom gosto.” (AZEVEDO, 1849, carta para a mãe).

PENTES: instrumento utilizado para alisar e desembaraçar os cabelos. Utilizado também como enfeite para a cabeça, podendo ser de marfim, tartaruga, búfalo etc.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 328.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de março a junho; Teyssier, janeiro; Clausen & Rath, julho.

PÓ: produto utilizado para os mais diversos fins de higiene e saúde. *Pó de arroz:* cosmético utilizado para deixar a pele mais clara.

Fonte para a definição: Chernoviz, 1890.

Menções nos anúncios: Teyssier, janeiro, novembro e dezembro.

Comentários: Em muitos anúncios aparecem somente a palavra pós, o que nos leva a entender que não era somente o famoso pó de arroz que era comercializado no período. Por exemplo, o carvão em pó era comercializado para limpeza dos dentes e gengivas, assim como tratamento de doenças estomacais ou diarreias; a quina, pó proveniente do arbusto Cinchona (*Cinchona L.*), era conhecida por suas propriedades antitérmicas e analgésicas.

PONCHO: tecido com um bordado de franjas nas pontas, provido de uma abertura ao meio por onde passa a cabeça.

Fonte para a definição: BINZER, 1994, p. 73

Menções nos anúncios: Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), de outubro a dezembro; Bernardo Rostaicher, dezembro.

Outras grafias: ponche.

Crônicas: “[...] verdadeiro Paulista no coração e nos costumes, o meu companheiro, envolvido em seu largo **ponche**, que lhe deixava ver os contornos de um corpo bem formado, trazia apenas a descoberto a fisionomia audaz e varonil, onde se lia esse cunho de heroica intrepidez que tanto caracteriza os filhos das raças meridionais; um largo chapéu de palha, de montar e chilenas, um bom revólver à cinta, eis o que completava o traje do distinto Piracicabano em cuja companhia tive o gosto de fazer esta digressão noturna.” (ZALUAR, 1861, sobre um companheiro de viagem em Piracicaba).

“Quando o trem se pôs em movimento, cada brasileiro presente apresentou-se com seu grande lençol branco bordado de franjas e provido no meio de uma abertura por onde passaram a cabeça, de maneira que o lençol caía em volta deles. Essas coisas chamam-se ponchos, sendo os mais leves usados contra o pó e os mais pesados e coloridos empregados contra a chuva e o frio.” (BINZER, 1881).

PULSEIRA: acessório utilizado no pulso.

Fonte de definição: PINTO, 1832.

Menções nos anúncios: Pruvot, de janeiro a abril.

Comentários: A pulseira também pode ser uma joia de afeto, assim como no caso da *memória*, sendo trançada com cabelo humano e acabamento em ouro. Aparece no inventário de Custódio Fernandes da Silva (1868), descrita sendo de ouro.

PUNHO: tira de tecido que se costura no extremo da manga da camisa.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 527.

Menções nos anúncios: Loja de chapéus nos quatro cantos, de novembro a dezembro; Antiga Casa do Barato, julho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto.

Crônicas: “Trajava com apuro, ao gosto da época, quase invariavelmente pelo teor seguinte: sobrecasaca de pano preto, ou de azul ferrete com botões de metal amarelo, calças e colete brancos, colarinhos deitados e pregados à camisa, assim como os punhos. Não estava ainda introduzido o uso dos punhos e colarinhos postiços.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de José Carlos Borba, turma acadêmica de 1855 a 1859).

Comentários: Como dito no verbete *colarinho*, apesar de Nogueira afirmar que no período não se usavam os punhos e colarinhos postiços, Guelfo de Lailhacar já os oferecia em seus anúncios, feitos de linho ou bordados.

RENDA: um tipo de trabalho feito com linhas e fios de seda, ou de outros materiais como algodão e linho, utilizando uma agulha. Pode ter desenhos, pontos e denominações variados.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 597; BASTOS, 1912, p. 1032.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de agosto a setembro; Guilherme Fuchs, julho; comércio localizado na Rua de São Bento, 34, julho.

Crônicas: “Jeitosas [as costureiras], enfiavam-lhe as meias de seda branca, o sapatinho de cetim, o vestidinho branco, bem armado e guarnecido de rendas de prata. (BARROS, 1946, roupa infantil para procissão).

“Trajadas com os belos vestidos do Rio, as senhoras cobriam-se de pérolas e brilhantes (inadmissíveis, naquela época, as atuais joias de fantasia), levando lenços de finíssimas rendas e leques preciosos, os ombros cobertos de magníficos xales de seda branca, chamados “de Tonquim” porque vinham diretamente da China.” BARROS, 1946, em dias de baile).

Comentários: A figura abaixo é um tipo de modelo apresentado pelo **O Jornal das Senhoras**. Trata-se de uma renda de ponto de Inglaterra.

O Jornal das Senhoras, edição 9, 4 de março de 1855.

RETROZ: “fio ou conjunto de fios de seda torcidos”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 1046.

Menções nos anúncios: Clausen & Rath, julho; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Guilherme Fuchs, julho.

SAIA: peça apertada na cintura, cujo comprimento vai até os pés. *Saia-balão:* ver *balão*.

De zuarte: saia feita com tecido de algodão encorpado, usado para trabalho. *De montar:* saia mais comprida e mais larga que o normal para acomodar e esconder bem as pernas.

Escocesa: saia com padronagem xadrez.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 656.

Menções nos anúncios: Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a maio; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto; Lion d’Or, abril.

Crônicas: “Aos domingos, toda a família (escravos inclusive) ia regularmente à missa. Dispensava-se o carro e seguiam todos a pé – os pais e as manas rigorosamente vestidos de preto, sem chapéu, as pequenas trajando saia escocesa e “basquine” de tafetá preto.” (BARROS, 1946)

“[...] Seguiam-no as meninas, uma a uma, firmes as rédeas, bem erguida a longa saia de montar.” (BARROS, 1946)

“Nesse dia, ao jantar, apareceu a pequena (que ainda usava saia curta) com um velho vestido de chita, que lhe chegava aos pés, calçando uns chinelos furados, os ombros cobertos por um xale surrado e desbotado, tendo nas mãos uma bandejinha velha!”

(BARROS, 1946, um castigo dado a uma criança por ter humilhado uma mulher pobre).

“Apesar do grande concurso de povo que se reuniu nesta cidade, correu que o **terror** do luxo afastou daqui muitas famílias, e que se não fosse o medo com que estavam das ricas **toilettes** que haviam de aparecer, e da imensidade de balões que tinham de encher as salas, muito maior devia ter sido a concorrência. Que lamentável pânico! Como se um vestido simples e uma grinalda modesta não fossem os mais belos adornos para um corpo esbelto e uma fronte juvenil!” (ZALUAR, 1861, sobre as mulheres de Barra Mansa).

[...] Montavam todas de silhão, exceto as africanas, que nunca a estes ajeitaram e que montavam como homem, trazendo longa saia de zuarte azul aberta atrás e na frente.” (BINZER, 1882, na fazenda).

“Mas ali pouco demoraram e logo voltaram prontas, com o chapéu de abas largas, arrepanhando a longa saia de montar, de chicotinho na mão.” (BINZER, 1882, voltando para São Paulo).

“Mesmo as senhoras mais distintas andam em casa com as tranças soltas, saias de chita sem cintos e largos paletós. [...] Os vestidos de lã ficam pendurados no armário ou mesmo nem existem. Em casa, usa-se algodão, e na rua tecidos laváveis mais finos e muita seda. Achavam que os vestidos de lã não são asseados porque não podem ser lavados todas as semanas.” (BINZER, 1882, sobre as mulheres em São Paulo).

“A chuva aumentou longo e diante disso, não houve outro remédio senão o de recolhê-las com as saias para montar, [...]. Perto de sessenta selas e umas trinta roupas de montaria foram colocadas a um canto da nave [...] quando uma chuva atinge a igreja.” (BINZER, 1882, ida à igreja).

“Desde então, lá está a arma ameaçadora na minha parede, ao lado dos meus vestidos e saias de chita, inspirando tanto receio que o primeiro resultado foi o de aterrorizar uma preta que não quis mais arrumar meu quarto.” (BINZER, 1882, temporada em Santos. O patrão lhe passou uma arma de fogo para sua proteção e da família, enquanto estivessem no litoral).

“Para as **belas** amantes do **postiço**,

Que metem barbatanas pela saia,

Onde o vento brejeiro, remexendo,

Deixa ver as perninhas de lacraia.”

(GAMA, 1861, trecho de Farmacopéia).

SAPATO: calçado que cobre somente o pé, podendo ser de cetim, couro, verniz. *De cordovão:* feitos de couro de cabra. *De duraque:* feitos de um tecido grosso, lã ou algodão. *De entrada baixa:* sapatos que cobrem os dedos dos pés, deixando o dorso à mostra. *De marroquim:* feito com pele de cabra ou bode.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 1077.

Menções nos anúncios: Loja de chapéus nos quatro cantos, de novembro a dezembro; Bernardo Brenn, de setembro a dezembro; Christiano Clausen, de abril a maio; Clausen & Rath, julho; Henrique Fox, de abril a dezembro; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), de janeiro a outubro; João Plandé, de junho a dezembro; Pedro Bourgade, de abril a junho; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a maio; Guelfo de Lailhacar, de junho a julho.

Crônicas: “A mamãe previdente evitava as tropelias ruidosas, encomendando ao sapateiro da casa calçados sem saltos [...]” (BARROS, 1946).

“Do peitoril das janelas, cinco pares de botinas e sapatos espiam compenetrados os grupos de bananeiras lá fora, enquanto sobre eles esvoaçam as minhas luvas, ao zéfiro do meio-dia, penduradas num barbante...” (BINZER, 1882, sobre as roupas que estavam precisando ser arejadas, pois estavam mofando no armário).

“O Sr. Costa manda envernizar os sapatos, o que é muito mais do agrado dos pretos, por ser mais fácil do que engraxa-los; Madame, em casa, usa chinelos e, na rua, sapatos rasos ou borzequins bronzeados. Aqui, as senhoras não têm necessidade de boas e resistentes *chaussures* porque nos dias de mau tempo ficam em casa sossegadamente. AS crianças andam com sapatos maltratados, isto é, com verdadeiros molambos que lhes caem dos pés, como o Plinius, por exemplo, que em duas semanas põe um sapato em pedaços. A reforma dos calçados é aqui desconhecida; usam-nos até se tornarem imprestáveis e depois são substituídos por outros novos. Não há bons sapateiros, mas somente lojas de calçados prontos, em sua maioria importados da França; assim, para os estrangeiros é muito difícil mandar consertar qualquer coisa, a não ser que se confie o serviço aos remendões ambulantes italianos que consertam sapatos diante das portas, como fazem na nossa terra os funileiros com as panelas.” (BINZER, 1882, sobre São Paulo).

Comentários: Sobre o último comentário de Binzer a respeito da falta de sapateiros em São Paulo, nos anúncios pesquisados (20 anos antes) não aparecia nada relacionado a consertos de sapatos, mas alguns anunciantes ofereciam elásticos de seda, solas e cadarços para sapateiros.

SEDA: tecido feito a partir da fibra produzida pelo bicho-da-seda.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 676.

Menções nos anúncios: José Francisco de Lima, de setembro a outubro; Loja de chapéus nos quatro cantos, de fevereiro a dezembro; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), junho; João Plandé, de setembro a outubro; Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Loja da Barateza, dezembro; Loja da Cobra, de agosto a setembro; Loja da Pechincha, dezembro; Mme. Clarisse Martin, outubro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de março a outubro; Jeronimo Musseler, novembro; comércio localizado na Rua do Rosário, 7, de junho a julho; Pedro Vales, de julho a agosto; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a agosto; A.S.P. Saraiva, de março a abril; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Guilherme Fuchs, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto; Loja dos Coelhos, abril; N.J.V. Ferard, fevereiro; Notre Dame de Pariz, de março a abril.

Crônicas: “O bispo da província, D. Mateus de Abreu Pereira, experimentou, em sua chácara, uma criação de bicho-da-seda, que tem dado bons resultados. As amoreiras dão muito bem na região e é provável que a exploração se desenvolva.” (ORBIGNY, por volta de 1830, sobre a indústria manufatureira de São Paulo).

“A criação do bicho de seda, e a plantação das amoreiras são já objetos de sérios esforços de alguns curiosos, que têm conseguido vantagens desta útil exploração.” (ZALUAR, 1861, sobre a passagem do autor por Sorocaba).

“Alli estavam o q chamão ca moças bonitas. Havião com vestidos de velludo a Presidenta, e a Viscondessa de Montalegre. Havião alem destes vestidos de setim sem ter escomilha por cima. Havião de chita em cassa com listras de seda, de chalim, etc.” (AZEVEDO, 1844, carta para a mãe descrevendo um baile).

“Abro de novo a carta pa. dizer-lhe q. D. Brigida manda encommendar-lhe ½ libra de seda [?] de cores sortidas.” (AZEVEDO, 1848, carta para a mãe).

“Lindos toucados,

De seda fina,

Tendo na frente

Alva cortina;

E outros muitos

Com reposteiros,

Que também servem

De mosquiteiros.”

(GAMA, 1861, Trecho de *Farmacopéia*).

“O seu caráter fantasioso dava ora para fazê-lo vir à Academia com as botas por engraxar, ora ao contrário num requinte de **chiquismo** ao ponto de envergar elegante casaca, luvas de pelica **marron** e calças... de palha de seda!” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Manuel Antonio de Passos).

“Trajava com elegância, a ponto de atrair a simpática admiração do conselheiro Cabral, que por mais de uma vez o felicitou sinceramente pelo talho do seu fraque, as suas meias de seda, as suas gravatas modernas etc.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Caetano José de Andrade Pinto, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Vestiam-se as manas de ricas sedas pretas, cobriam os cabelos com xales de renda, artisticamente arranjados – e lá iam todos, exibindo grande luxo, assistir às cerimônias da Sé.” (BARROS, 1946, durante a quaresma).

“Jeitosas [as costureiras], enfiavam-lhe as meias de seda branca, o sapatinho de cetim, o vestidinho branco, bem armado e guarnecido de rendas de prata. Depois arranjavam os longos cachos postiços, presos por fita preta, sobre a qual colocavam nívea coroa de flores.” (BARROS, 1946, roupas infantis para procissão).

“Encomendavam-se as toilettes no Rio de Janeiro, visto como em São Paulo não existiam sedas para esse fim, nem modistas que as confeccionassem. Trajadas com os belos vestidos do Rio, as senhoras cobriam-se de pérolas e brilhantes (inadmissíveis, naquela época, as atuais jóias de fantasia), levando lenços de finíssimas rendas e leques preciosos, os ombros cobertos de magníficos xales de seda branca, chamados “de Tonquim” porque vinham diretamente da China.” (BARROS, 1946, sobre os bailes da sociedade paulistana).

“Além de suas lições, as “manas mais velhas”, que nunca estavam ociosas, ocupavam-se de toda espécie de trabalhos, tanto os de utilidade como os de fantasia: executavam bordados em talagarça ou seda, com lãs, miçangas e seda frouxa. Atingiam, no entanto, a perfeição, nos bordados brancos. Mas com que esforço!... Para isso colhiam folhas de maracujá, que eram trituradas e coadas. Obtida assim uma bela tinta verde, nela embebiavam a pena e riscavam o desenho sobre o pano. Era esse então alinhavado sobre um pedaço de encerado próprio para tal fim, bem esticado.” (BARROS, 1946, sobre o dia a dia das irmãs).

“E então o Comendador, com toda a calma, sacava do seu grande “lenço de tabaco” de seda vermelha de Alcobaça, assoava-se ruidosamente [...]” (BARROS, 1946, ao falar sobre o pai).

“Em casa, usa-se algodão, e na rua tecidos laváveis mais finos e muita seda.” (BINZER,

1882, sobre as mulheres de São Paulo).

“[...] não ficará desperdiçada a viagem do vestido de seda azul de São Sebastião até São Paulo.” (BINZER, 1882, para usar num baile de ano novo).

Comentários: Zaluar (1861) comenta que em Sorocaba havia criação do bicho da seda. Hörmeyer também comenta sobre a cultura do bicho da seda:

A árvore cresce muito bem e rapidamente; mas, para a sericultura, faltam no Brasil, atualmente, os numerosos braços de que dispõem a China, a Itália e a França meridional. Os bichos-da-seda reproduzem-se bem, ficam muito grandes e dão belos casulos e podem ser cultivados duas vezes por ano, talvez mais; mas onde encontrar os muitos braços para alimentá-los ou para executar todos os trabalhos numa “filanda” (estabelecimento para fiar casulos)? (HÖRMEYER, 1863, p. 210-211).

SOBRECASACA: “casaco largo e comprido, abotoado até a cintura”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 1107.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de agosto a setembro; Loja de Fazendas (comércio localizado na Rua do Commercio, 4), de abril a maio; Loja da Pechincha, dezembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a outubro; Fresneau, de julho a novembro; Guelfo de Lailhacar, de abril a junho; N.J.V. Ferard, fevereiro.

Crônicas: “Trajava com muita correção e não saía à rua senão de sobrecasaca preta ou verde escuro, com botões amarelos, muito à moda naquela época.” (NOGUEIRA, 1908, descrição de Hilário Gomes Nogueira de Castro, turma acadêmica de 1851 a 1855).

“Tio João escreve juntamte. – Vai uma sobre casaca delle velha pa. Tomar-se-lhe medida pa. uma casaca. – Elle está mmo. Precisando de casaca – Elle pede q. descontem das mezasas delle.” (AZEVEDO, 1848, carta para a mãe).

SOBRETUDO: casaco comprido próprio para o frio. *Sobretudo duas vistas:* um lado do casaco tem uma padronagem xadrez, no outro lado é somente uma cor escura.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 1109.

Menções nos anúncios: Loja da Cobra, de agosto a setembro; Pedro Bourgade, de abril a junho; Antiga Casa do Barato, julho;

Crônicas: “Nos dias frios ou com o tempo úmido trazia-se um sobretudo de casimira bastante encorpado, com grandes botões, cuja originalidade consistia em não ter avesso, e sim duas vistas, uma de xadrez, outra de só cor mais ou menos **foncée**. Comprava-se no Pedro Bourgade por 60\$000.

Não era gente quem não possuísse um sobretudo desses.” (NOGUEIRA, 1908, descrição

de Francisco Xavier da Silva, turma acadêmica de 1856 a 1860).

TAFETÁ: “tecido lustroso, de seda”.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 1139.

Menções nos anúncios: Antonio Teixeira de Carvalho, de julho a agosto.

Crônicas: “Aos domingos, toda a família (escravos inclusive) ia regularmente à missa. Dispensava-se o carro e seguiam todos a pé – os pais e as manas rigorosamente vestidos de preto, sem chapéu, as pequenas trajando saia escocesa e “basquine” de tafetá preto.” (BARROS, 1946).

TALMA: capa de inverno utilizada em ocasiões mais formais, como bailes.

Fonte para a definição: **O Jornal das Senhoras**, edição 28, 9 de julho de 1854.

Menções nos anúncios: Pedro Bourgade, de agosto a setembro; Guelfo de Lailhacar, de agosto a setembro.

Outras grafias: talmás, talmar.

TOUCA: adorno que cobre parte da cabeça de mulheres e crianças, podendo ser feito de cambráia, veludo, seda ou palha. Podemos também encontrar nos anúncios com o nome de *tocado*.

Fonte de definição: BASTOS, 1912, p. 1172.

Menções nos anúncios: Guilherme Fuchs, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Notre Dame de Pariz, de março a abril.

Crônicas: “Lindos toucados,

De seda fina,

Tendo na frente

Alva cortina;

E outros muitos

Com reposteiros,

Que também servem

De mosquiteiros.”

(GAMA, 1861, Trecho de *Farmacopéia*).

Comentários: De acordo com *O Jornal das Senhoras* trata-se de uma peça usualmente utilizada no espaço da casa, mas com versões que possam ser usadas em reuniões sociais noturnas, mais informais que um baile.

Na primeira imagem, touca para estar em casa; na segunda imagem, touca para soirée (reunião social). A segunda touca é menor, como um enfeite, mas não deixa de ser menos trabalhada como a primeira. A primeira se vê mais funcional, cobrindo mais a cabeça, possuindo um laço para que fique mais firme (**O Jornal das Senhoras**, edições 6, de 11 de fevereiro de 1855, e 9, de 4 de março de 1855).

TRANÇAS: cabelos postiços entrelaçados.

Fonte para a definição: PINTO, 1832.

Menções nos anúncios: Pruvot, de janeiro a abril.

TRICOPHEURS: produto utilizado para prevenção da queda de cabelo.

Fonte para a definição: Correio Paulistano, anúncio de Pruvot.

Menções nos anúncios: Henrique Biard, de maio a junho; Pruvot, de agosto a setembro; Teyssier, de setembro a outubro; comércio localizado na Rua do Rosário, 15, junho.

Outras grafias: tricopherous.

Comentários: No anúncio do comércio da Rua do Rosário, 15, é mencionado que é vendido o Tricopherous do Dr. Barry de Nova Iorque. Alexander C. Barry passou a comercializar esse produto em Nova Iorque por volta de 1842, (figura ao lado). Trata-se de um tônico capilar, composto de álcool (97%), óleo de castor, cantárida (um inseto originário da Europa) e óleos perfumados.⁸⁶

⁸⁶ Informação extraída do site Hair Raising Stories, por Don Fadely. Disponível em http://www.hairraisingstories.com/Products/BARRY_T.html.

Garrafa de Tricopherous, por volta de 1850 (Hair Rising Stories⁸⁷).

VELUDO: tecido de algodão ou seda, macio de um lado.

Fonte para a definição: BASTOS, 1912, p. 1213.

Menções nos anúncios: Bernardo Brenn, de setembro a dezembro; Loja de Couros (em frente à Igreja do Collegio), janeiro; João Plandé, de setembro a dezembro; Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Loja da Cobra, abril; Loja da Pechincha, dezembro; Mme. Clarisse Martin, de novembro a dezembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de agosto a outubro; A.S.P. Saraiva, de março a abril; Guilherme Fuchs, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de abril a agosto.

Outras grafias: velludo.

Crônicas: “A sobrinha do dono da casa onde nos hospedamos usava um vestido de cetim de côr ‘chamois⁸⁸’, confundindo-se com a da sua pele, e não me sairá nunca da memória. Era embandeirado de veludo vermelho e tinha um decote quadrado; a cauda enfeitada de rendas meio rasgadas, redemoinhava no pó.

[...]

Com esse traje, porém, estava ‘afreuse⁸⁹’. Será que percebia isso instintivamente? Pelo menos, de repente, alisou cerimoniosamente o meu vestido de veludo marrom que não ia além dos tornozelos e disse com simpatia: “a senhora está muito civilizada”. (BINZER, 1881, na ocasião da visita do imperador).

VESTIDO: veste que cobre o corpo todo. *Vestido de montar:* vestido próprio para andar a cavalo, com a saia mais comprida e mais larga que um vestido normal para acomodar e esconder bem as pernas. Também conhecido como *amazona*.

Fonte para a definição: BLUTEAU, 1728, p. 456.

Menções nos anúncios: Cruz, Salgado & Cia., fevereiro; Loja da Cobra, de abril a novembro; Loja da Pechincha, dezembro; Mme. Clarisse Martin, de novembro a dezembro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de março a outubro; Fresneau, de outubro a novembro; Antonio Teixeira de Carvalho, de abril a junho; A.S.P. Saraiva, de março a abril; Antiga Casa do Barato, julho; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; Guelfo de Lailhacar, de março a agosto; Loja dos Coelhos, abril; N.J.V. Ferard, fevereiro; Notre Dame

⁸⁷ Disponível em: http://www.hairraisingstories.com/Products/BARRY_T.html.

⁸⁸ Tipo de couro.

⁸⁹ Assustador.

de Paris, de março a abril; na tipografia do jornal, de janeiro a fevereiro.

Crônicas: “Escolheu o mais amplo dos vestidos de balão, e, sob o corpinho avantajado e a vasta abóbada por ele formada, abrigou-se juntamente com o seu primo Manuel Jacintho e o José Basson.” (NOGUEIRA, 1908, uma anedota sobre José Calmon Valle Nogueira da Gama, turma acadêmica de 1855 a 1859).

“Já cedo pela manhã, as beldades brasileiras, isto é, uma parte delas, vestiam seus mais lindos vestidos, elegantes ‘toilettes’ de cerimônia, procedentes de Paris.

Quem tinha dinheiro e relações, mandara realmente encomendar um vestido parisiense ou pelo menos do Rio, tratando de surrá-lo depois tanto quanto possível.” (BINZER, 1881).

“A sobrinha do dono da casa onde nos hospedamos usava um vestido de cetim de côr ‘chamois’, confundindo-se com a da sua pele, e não me sairá nunca da memória. Era embandeirado de veludo vermelho e tinha um decote quadrado; a cauda enfeitada de rendas meio rasgadas, redemoinhava no pó.

[...]

Com esse traje, porém, estava ‘afreuse’. Será que percebia isso intuitivamente? Pelo menos, de repente, alisou cerimoniosamente o meu vestido de veludo marrom que não ia além dos tornozelos e disse com simpatia: “a senhora está muito civilizada”. (BINZER, 1881, na ocasião da visita do imperador).

“Os vestidos de lã ficam pendurados no armário ou mesmo nem existem. Em casa, usa-se algodão, e na rua tecidos laváveis mais finos e muita seda. Achavam que os vestidos de lã não são asseados porque não podem ser lavados todas as semanas.” (BINZER, 1882, em São Paulo)

“Alli estavam o q chamão ca moças bonitas. Havião com vestidos de velludo a Presidenta, e a Viscondessa de Montalegre. Havião alem destes vestidos de setim sem ter escomilha por cima. Havião de chita em cassa com listras de seda, de chalim, etc.” (AZEVEDO, 1844, carta para a mãe sobre um baile).

“MODAS DO DIA – O que ha de mais notavel hoje é o *vestido nesgado*, que faz da mulher mais magra uma girafa e da gorda um sino sem badalo.

Nada mais gaiato que o tal *vestido-cartucho*, que deixa a descoberto todas as fórmãs, gerando a curiosidade do *pouco* que se não vê, e a critica do *muito* que se observa.

Minhas senhoras, creiam, este vestido é um vestido traidor e indecente. Atraiçôa a elegância, esfoguetêa o bom gosto, põe a trote a poesia e revela cousas... que seria util não mostrar.

Os enfeites enflorados, com uma groza de aljofares e correntes de vara e meia,

transformam o mais lindo rosto em uma caricatura de comedia, e trazem á idéa um papagaio encorrentado ou uma vidraça de modista, onde se apresentam mascaras enfeitadas, para chamar a attenção dos freguezes.

Não fallaremos hoje dos brincos de palmo e meio, semelhantes á lanternas de andaime. Fica este assumpto, para um artigo *edictorial*, daquelles que dão no gôto a muita gente. Convençam-se as moças, de que as modas exageradas são ridiculas. Consultem o espelho e vejam que nem tudo é para todos.” (CABRIÃO, 1866).

“Um vestido de moire-antique, côr de havana, enfeitado com fitas, com rendas, com vidrilhos e com todas essas cousas nenhuma, que são tão bonitas e custam tão bom dinheiro – feito por mademoiselle Josefine, quem deixará de pousar nelle a vista por alguns minutos?” (CABRIÃO, 1866, trecho de *A moda*).

“Uma senhora de porte distintissimo e elegante vestido, passando no Domingo pela rua Direita um certo litterato de balcão, ao vel-a passar disse, todo cheio do que dizia:

- Como vem *paralytica* aquella senhora!” (DIABO COXO, 1864).

“Dispensava-se o carro e seguiam todos a pé – os pais e as manas rigorosamente vestidos de preto, sem chapéu, as pequenas trajando saia escocesa e basquine de tafetá preto.” (BARROS, 1946, ida à igreja).

Comentários: com relação ao vestido nescado que aparece na crítica do Cabrião, *nesga* é um pedaço de pano encaixado na saia, proporcionando mais volume no corpo da saia, do que na cintura, como visto na figura abaixo. No caso de uma mulher com quadris largos, as nescas se “abrem”, aumentando mais ainda o volume da saia, mas não causando o caimento desejado. O vestido cartucho seria um vestido justo.

O vestido de cor preta possui nesgas, podemos observar pelo leve movimento na vertical e na estampa xadrez. O vestido de cor branca também tem o mesmo propósito de criar volume na saia, mas usando outro recurso, neste caso, os babados (**O Jornal das Senhoras**), edição 44, de 29 de outubro de 1854.

VESTUÁRIO COMPLETO: Também chamado de costume completo, trata-se do traje masculino: calça, paletó e colete. Geralmente comercializado em casimira.

Fonte para a definição: Correio Paulistano, anunciantes.

Menções nos anúncios: Pedro Bourgade, de abril a outubro; Manoel Correa Guedes, de abril a maio.

VÉU: peça utilizada para cobrir o rosto, onde pode-se ver o que está sendo coberto. Pode ser feita de algodão, linho ou seda.

Fonte para a definição: SILVA, 1789, p. 842

Menções nos anúncios: Guilherme Fuchs, julho; N.J.V. Ferard, fevereiro.

Crônicas: “As manas ajudaram a noiva a vestir-se. Longo véu...” (BARROS, 1946, sobre um casamento).

“[...] sob cujo véu transparente se vêem brilhar muitas vezes olhos inquietos e provocadores [...]” (ZALUAR, 1861, sobre a mantilha).

XALES: lenço grande e quadrado utilizado para cobrir os ombros.

Fonte para a definição: PINTO, 1832; SILVA, 1789, p. 380

Menções nos anúncios: Clausen & Rath, julho; Loja da Cobra, de agosto a setembro; Loja da Pechincha, dezembro; comércio localizado na Rua do Commercio, 3, novembro; Joaquim Pedro de Azevedo Segurado, junho; N.J.V. Ferard, fevereiro.

Outras grafias: chale

Crônicas: “Vestiam-se as manas de ricas sedas pretas, cobriam os cabelos com chales de renda, artisticamente arranjandos – e lá iam todos, exibindo grande luxo, assistir às cerimônias da Sé.” (BARROS, 1946, sobre a vestimenta no período da quaresma).

ZUAVOS: casaco bordado, até a cintura, feito de seda, ao estilo dos soldados de infantaria do exército francês, originários da Argélia, a partir de 1830, como pode ser visto nas figuras do capítulo 3, Vestuário Feminino.

Menções nos anúncios: Cruz, Salgado & Cia, fevereiro; Mme. Clarisse Martin, outubro; Au Prophète, de março a junho; Pedro Bourgade, de abril a junho; Guelfo de Lailhacar, de junho a agosto.

Comentários: Assim como eram comercializados os casacos para mulheres, na loja Au Prophète também eram vendidos uniformes para crianças, não apenas de Zuavos, mas também inspirados em monarcas franceses como Luiz XIV e Henrique IV e o Cardeal Richelieu.

Referências Bibliográficas e Fontes Impressas

ALMEIDA, A. J. de. Indumentária e Moda: Seleção Bibliográfica em Português. In: **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. São Paulo, Museu Paulista da USP, janeiro, 1995, vol. 3, n. 1. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101-471419950001&lng=pt&nrm=is, acessado em 05 de maio de 2012.

ARAÚJO, I.M. **Militão Augusto de Azevedo: Fotografia, história e antropologia**. São Paulo: Alameda, 2010.

ARAÚJO, M. **Dom Pedro II e a moda masculina na época vitoriana**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

ARAÚJO, M.L.V. de. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na Primeira Metade do Oitocentos**. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2006.

AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.

AZEVEDO, A. de. **Cartas de Álvares de Azevedo**. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1976.

BALABAN, M. **Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil imperial (1864-1888)**. Campinas: UNICAMP, 2009.

BARBUY, H. **A cidade exposição**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. Comércio francês e Cultura Material em São Paulo na segunda metade do século XIX. In: LUCA, T. R. De, VIDAL, L. **Franceses no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

_____. Romantismo e modernidade em São Paulo, no século XIX. In: I Congresso O Porto Romântico, 2012, Porto. **Actas do I Congresso O Porto Romântico**. Porto: Universidade Católica Editora, 2012, v. 2, p. 541-556.

_____. Seguindo Militão pelas ruas da cidade. In: FERNANDES JUNIOR (org). **Militão Augusto de Azevedo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BARROS, M. P. de. **No tempo de dantes**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. (1ª ed., 1946)

BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERGAMO, A. **A experiência do status: roupa e moda na trama social**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

BINZER, INA von. **Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. (1ª ed. alemã, 1883)

BIVAR, V. S. B. **Vivre à St. Paul: os imigrantes franceses na São Paulo oitocentista**. São Paulo, tese de doutorado, 2007. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

BOUCHER, F. **História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias**. Tradução: André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2010. (1ª ed. francesa, 1965).

BRAGA, J., PRADO, L. A. do. **História da Moda no Brasil: das influências às autorreferências**. Barueri, SP: Disal, 2011.

BRASSEY, A. **A Voyage in the Sunbeam our home on the ocean for eleven months, by Mrs. Brassey with 118 illustrations engranved on wood by G. Pearson chiefly after drawings by the Hon. A.Y. Birgham**. Londres: Longmans, Green and Co. , 1878.

BRUNO, E.S. **Histórias e tradições da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1991, vol.3.

CABRIÃO: semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manuel dos Reis: 1866-1867. Introdução de Délio Freire dos Santos. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

CARVALHO, V.C. de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material (São Paulo, 1870-1920)**. São Paulo, tese de doutorado, 2001.Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

_____; LIMA, S.F. de. Fotografia no Museu: o projeto de curadoria da coleção Militão Augusto de Azevedo. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 5, n. 1, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47141997000100007&lng=en&nrm=iso, acessado em 15 de junho de 2014.

CERAVOLO, S. M. **Da palavra ao termo: um caminho para compreender museologia**. São Paulo, tese de doutorado, 2004. Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo.

CHATAIGNIER, G. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.

_____. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

CODMAN, J. **Ten months in Brazil: with incidents of voyages and travels, descriptions of scenery and character, notices of commerce and productions, etc. By John Codman**. Boston: Lee and Shepard, 1867.

CRANE, D. **A Moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

DAOU, A.M. **A belle epoque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

DURAND, J.C. **Moda, luxo e economia**. São Paulo: Bebel Cultural, 1988.

Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira: fichário Ernani Silva Bruno. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2002, v. 4.

EXPILLY, C. **Mulheres e costumes do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

EWBANK, T. **Vida no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

FERNANDES, P.P.S. (coord.) **Guia dos documentos históricos na cidade de São Paulo**,

1554-1954. São Paulo: Hucitec/Neps, 1998.

FERNANDES JUNIOR (org). **Militão Augusto de Azevedo.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FREYRE, G. **Modos de homem & modas de mulher.** São Paulo: Editora Global, 2009.

_____. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX.** São Paulo: Editora Global, 2008.

GAMA, L. **Primeiras trovas burlescas.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. (1ª ed., 1861)

GASTON, J.M. **Hunting a Home in Brazil. The agricultural resources and other characteristics of the country. Also the manners and customs of the inhabitants. By J. Mcf. Gaston.** Philadelphia: King & Baird, 1867.

GOULART, P.C.A. **Noticiário geral da photographia paulistana, 1839-1900.** São Paulo: Centro Cultural São Paulo, Imprensa Oficial, 2007.

História do corpo no Brasil. Mary del Priore, Marcia Amantino (orgs.). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

HÖRMEYER, J. **O que Jorge conta sobre o Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Presença, 1966. (1ª ed. alemã, 1863)

KIDDER, D. P. **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Rio de Janeiro e Província de São Paulo) compreendendo notícias históricas e geográficas do império e de diversas províncias.** Brasília: Senado Federal, 2001. (1ª ed. inglesa, 1845)

_____, FLETCHER, J. C. **O Brasil e os brasileiros (esboço histórico e descritivo).** Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.

LAGO, P.C. **Iconografia paulistana do século XIX.** Rio de Janeiro: Capivara, 2003.

LAVER, J. **A roupa e a moda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LEITE, M.L.M. **Livros de viagem (1803-1900).** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARINS, P.C.G. **Através da rótula: sociedade e arquitetura urbana no Brasil séculos XVII – XIX.** São Paulo, tese de doutorado, 1999. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MARTINS, A. L., BARBUY, H. **Arcadas: história da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.** São Paulo: Melhoramentos: Alternativa Serviços Programados, 1999.

MAURO, F. **O Brasil no tempo de Dom Pedro II.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MONTELEONE, J. de M. **O circuito das roupas: a corte, o consumo e a moda (Rio de Janeiro, 1840-1889).** São Paulo, tese de doutorado, 2013. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MORSE, R.M. **Formação histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole).** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

NOGUEIRA, J. L. de A. **A academia de São Paulo: tradições e reminiscências – estudantes, estudantões e estudantadas.** São Paulo: Ed. Saraiva, 1977, v. 5. (Originalmente publicado no **Correio Paulistano** entre 1907 e 1912)

OLIVEIRA, M.L.F. de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização: São Paulo, 1850-1900.** São Paulo: Alameda, 2005.

ORBIGNY, A.D.d'. **Viagem Pitoresca através do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1976. (1ª ed., 1836)

PASTOUREAU, M. **O tecido do diabo: uma história das riscas e dos tecidos listrados.** Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

PAULA, T.C.T. **Tecidos no Brasil: um hiato.** São Paulo, tese de doutorado, 2004.

PFEIFFER, I. **A woman's journey around the world, from Vienna to Brazil, Chili, Tahiti, China, Hindostan, Persia, and Asia Minor: An unabridged translation from the German of Ida Pfeiffer.** London: N. Cooke, 1854.

PINHO, W. **Salões e damas do segundo reinado.** São Paulo: Livraria Martins, 1959.

PINSKY, C.B., LUCA, T.R., MARTINS, A.L. et al. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

PONTES, H. A paixão pelas formas: Gilda de Mello e Souza. In: **Novos estudos**. CEBRAP, n. 74, março de 2006, págs 87-105. Disponível em www.scielo.br/pdf/nec/n74/29641.pdf.

PORTELA, F. (coord.) **São Paulo, 1860-1960: a paisagem humana**. Louveira, São Paulo: Albatroz Editora e Produtora Editora Terceiro Nome, 2004.

QUEIROZ, M. S. **Arte fúnebre no século XIX: Considerações acerca da coleção de quadros de cabelos da Fundação Instituto Feminino da Bahia**. Disponível em http://www.dezenovevinte.net/obras/marijara.htm#_edn2.

QUINTANEIRO, T. **Retratos de mulher: a brasileira vista por viajadores ingleses e norte-americanos durante o século XIX**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995.

REIS, J. J. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, F. P. F. **Minhas recordações**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. (1ª. ed., 1888)

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

RODRIGUES, F. X. F. A sociologia de Gilberto Freyre e o processo civilizador brasileiro. In: **Akrópolis**. Umuarama, v.11, n. 2, abr-jun, 2003, págs 55-62.

ROOT, R.A. **The Latin American Fashion Reader**. New York: Berg, 2006.

RUGENDAS, J. M. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte, Itatiaia: Edusp, 1979.

SABINO, M. **Dicionário da Moda**. São Paulo: Editora Campus, 2007.

_____. **História da Moda**. São Paulo: Havana, 2011.

SALIBA, E. T. **Raízes do riso: a representação humorística do dilema brasileiro – da belle époque aos primeiros tempo do rádio**. São Paulo, tese de Livre Docência, 2000. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SAMARA, E. de M. **As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX**. São Paulo: Editora Marco Zero: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

SCULLY, W. **Brazil; its provinces and chief cities; he manners & customs of the people; agricultural, commercial, and other statistics, taken from the latest official documents; with a useful and entertaining knowledge, both for the merchant and the emigrant. By William Scully**. Londres: Murray, 1866.

SIMMEL, G. A moda. In: **IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 163-190, abr./ago., 2008.

SIRIANI, S. C. L. **Uma São Paulo alemã: Vida quotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

SOUZA, G. M. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TAYLOR, L. **The study of dress history**. Manchester: UK Manchester University Press, 2002.

TELES, M. A. de A. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TOLEDO, B. L. de **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Cosac Naify: Duas Cidades, 2007.

TOWNLEY, H. M. **Thesaurus-making: grow your own word-stock**. London: Grafton: Andre Deutsch, 1980.

TSCHUDI, J. J. von **Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**. Belo Horizonte, Itatiaia: Edusp, 1980. (1ª ed. alemã, 1860)

VAILATI, L. L. **A morte menina: práticas e representações da morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo)**. São Paulo, tese de doutorado, 2005. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría de la Terminología y a la Lexicografía terminológica**. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada/ Universitat Pompeu Fabra, 2003.

ZALUAR, A. E. **Peregrinação pela Província de São Paulo, 1860-1861**. Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia: Edusp, 1975. (1ª ed., 1862)

Dicionários

BASTOS, J. T. S. **Diccionario etymologico, prosodico e orthographico da Lingua Portuguesa**. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1912.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8v. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>.

CHERNOVIZ, P. L. N. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorias...** 6. ed. **consideravelmente aumentada, posta a par da ciência**. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. 2 v. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00756310>.

PINTO, L. M. S. **Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz**. Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up>.

SILVA, A. M. **Diccionario da lingua portugueza – recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210>.

Fontes

Fontes manuscritas

Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundo Tribunal de Justiça

Inventários:

Inventário de Custódio Fernandes da Silva, de 1868, caixa 201006003988.

Inventário de Florinda Rosa Claudina, processo 697/1855, caixa 201006003548.

Inventário de Luiz Suppicy, de 1865, caixa 201007000287.

Inventário de Luiz Bamberg, processo 2047/1875, caixa 201006003830.

Inventário de Maria Benedicta de Toledo, processo 191/1874, caixa 201007000266.

Fontes iconográficas

São Paulo antigo: plantas da cidade. São Paulo: Melhoramentos/Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

Museu Paulista da USP
Serviço de Documentação Textual e Iconografia
Coleção Militão, álbuns 16539 e 16550.
Coleção Harold Alexandre Hummel.

Periódicos

Cabrião. São Paulo, 1866-1867. Disponível em: <http://www.bbm.usp.br/>.

Correio Paulistano. São Paulo, 1862. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

O Jornal das Senhoras. Rio de Janeiro, 1852-1855. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Memorial Paulistano para o anno de 1863. São Paulo: Typographia Imparcial de J. R. de Azevedo Marques, 1862.

Manequim. São Paulo: Editora Abril, edição 430, outubro de 1995.

Anexo

Caderno de Anúncios, **CORREIO PAULISTANO**, 1862**Cabeleireiro**

50—RUA DO ROZARIO—50.
HENRIQUE BIARD

Previne a seus freguezes e ao respeitavel publico que na sua casa se acha sempre um sortimento de cabelleiras, chinós, crescentes, marafas, enchimentos de cabellos, em fim tudo o que pertence a arte de cabeleireiro. Encarrega-se de qualquer encomenda tanto para a capital como tambem para o centro da provincia.

Grande sortimento de cachimbos, fumos, charutos, e artigos de fantasia, perfumarias finas, e de todas as qualidades, bengallas, chapéos de chuva etc.etc.etc. Corta-se os cabellos e faz-se a barba. 1—10

50—RUA DO ROZARIO—50.
 — — —
PARA O CARNAVAL
50—RUA DO ROZARIO—50
Casa de cabeleireiro e perfumarias
de Henrique Biard
 Barbas, bigodes, cabeleiras, chinós, marafas etc...
 Faz-se de encomenda. 1—10

50 Rua do Rozario 50.

HENRIQUE BIARD. Acaba de receber um grande sortimento de perfumarias finas de todas as qualidades e das melhores fabricas de Pariz, muito lindo sortimento de gravatas Windsor, Guaribaldi, Victor-Manuel. Luvas de pelica de Jouvin, bengalas de todas as qualidades, guardas chuva de todos os preços e qualidades, charutos de todas as qualidades e artigos de phantasia e tudo que pertence ao uso dos que fumão—como cachimbos, fumo, cigarros, bolças para o fumo etc. etc. Vinhos de Champagne em garrafas e meias garrafas, Bordeaux Chateau, Lafi, La Rose, Chateau Mogaux, Branco de Sauter, Cognac, Vermouth, Absintha etc.

O salão para cortar os cabellos e fazer a barba acha-se sempre á disposição do publico.

Faz-se qualquer objecto pertencente a arte do cabelloreiro como crescentes, marrafas, cabelleiras, chins etc.

Encarrega-se do qualquer encomenda para a capital e para o centro da provincia.

50 Rua do Rozario 50.

50—Rua do Rozario—50

Henrique Biard tem a honra de prevenir seus amigos e freguezes e o respeitavel publico, que na sua casa acaba de chegar um grande e rico sortimento de objectos do ultimo gosto como charutos de todas as qualidades, fumo turco, americano, caporal, Wervick etc, cigarros, cachimbos de todos os preços; phosphoros de cêra para acender charutos; Velas de composição potente para o fumo e o rapé; espelhos de varios gostos; ricos estojos para viajantes; botões para punhos de camizas; alfinete para gravatas, luvas de pellica Jouvin a 2\$600 o par. Rico e grande sortimento de gravatas das mais modernas e da melhor fazenda; guarda-chuvas inglezes e francezes: bengalas e chicotes; escovas para fatos, chapeos, dentes, cabellos, pentes Imperatriz, de tartaruga, para Senhoras, ditos de alizar e finos de Bufalo, marfim etc, grande e rico sortimento de perfumarias, banha, cheiros de todas as qualidades muito finos e de qualidade superior Sachete com cheiros muito finos, Vinhos de Bôrdaux, Chateau Lafitte, La Rose, chateau margaux; Champagne em garrafas e meias garrafas, vinhos Branco, de Sauternes; Cognac, vermouth absinthio etc.

Faz-se todas as obras de cabellereiro como marrafas, chinós, cabeleiras; corta-se cabellos e faz-se a barba.

3—15

50—Rua do Rozario—10

50—Rua do Rozario—50

Henrique Biard tem a honra de prevenir seus amigos e freguezes e o respeitavel publico, que na sua casa acaba de chegar um grande e rico sortimento de objectos do ultimo gosto como charutos de todas as qualidades, fumo turco, americano, caporal, Weelik etc., cigarros, cachimbos de todos os preços; phosphoros de cêra para acender charutos; Velas de composição potente para o fumo e o rapé; espelhos de varios gostos; ricos Estojos para viajantes; botões para punhos de camisas; alfitnetes para gravatas, luvas de pelica Jouvin. Rico e grande sortimento de gravatas das mais modernas e da melhor fazenda guarda; chuvas inglezes e francezes: bengalas e chictes; escovas para fatos, chapeos, dentes, cabellos, pentes Imperatriz, de tartaruga, para Senhoras, ditos de alizar e finos de Bufalo, marfim etc. grande e rico sortimento de perfumarias, banha, cheiros de todas as qualidades muito finos e de qualidade superior Sachete com cheiros muito finos, Vinhos de Bordaux, Chateau Lafitte, La Rose, chateau margaux; Champagne em garrafas e meias garrafas, vinhos Branco, de Sauternes; Cognac, vermouth absinthio etc.

Faz-se todas as obras de cabellereiro como marrafas, chinós, cabeleiras; corta-se cabellos e faz-se a barba.

1—25

50—Rua do Rozario—10

50 Rua do Rosario 50

Casa de perfumarias e cabellereiro.

Vende-se o muito afamado *Tricophens* a melhor agua para o cabellos, muito conhecida pela sua bondade para limpar a cabeça, prevenir a queda dos cabellos e tirar caspa, se da a 12500 a garrafa. Unico deposito rua do Rosario n. 50. 2-15

50—Rua do Rozario—50

CASA DE PERFUMARIAS E CABELLEIREIRO.

Henrique Biard tem a honra de participar ao respeitavel publico e a seus numerosos freguezes que acaba de receber um grande e rico sortimento de varios objectos como perfumarias de todos os gostos, finas das melhores casas de Pariz, cheiros, banhas, aguas de colonia e outras. Todos os artigos de fumar, fumos de todas as qualidades, charutos, cigarros, cachimbos, carteiras, porte-cigarres, etc. etc. Grande sortimento de bengalas do melhor gosto, guardas chuvas, chicotes grandes e curtos, gravatas em porção, e dos ultimos gostos. Escovas para fato, chapéus, pentes, etc. Grande sortimento de papelaria, papel para cartas, branco e de cores sortidas, com enveloppes sortidos ao papel, papel de renda e de luxo, papel para luto, tinta de copiar e de escrever, muito boa qualidade, e todos os objectos de escriptorio. Espelhos, estojos de viagem; tudo por preços commodos.

50 —Rua do Rozario—50

50—Rua do Rosario—50.

Casa de cabellereiro.

Enchimentos, crescentes, marrafas, e tudo o que pertence a arte de cabellereiro. Encarrega-se de qualquer encomenda.

Henrique Biard cabellereiro.

50—Rua do Rosario—50.

Casa de Henrique Biard.

Vende-se barato, vinho de Bordeaux superior, branco de Sauternes, de Champagne, cognac superior,

50—Rua do Rosario—50

Casa de Henrique Biard.

Luvax de pellica—Jouvin—de 12500 para cima.

50—Rua do Rosario—50.

Casa de perfumarias de Henrique Biard.

Grande sortimento de collarinhos de linbo

para homem, do ultimo gosto, e por um preço muito barato. 1—5

Mudança de casaPRUVOT & C.^a

Tem a honra de participar ao respeitavel publico e a seus freguezes que mudarão sua casa de cabelleireiro da rua Direita n. 15 para a do Rosario n. 53 onde acharão sempre um bom e rico sortimento de perfumarias finas de todas as qualidades; os freguezes encontrarão tambem n'esta casa todos os trabalhos de cabellos como cabelleiras, tranças, cordões, memorias, pulseiras e tudo o que pertence a arte de cabelleiro: sortimento de charutos de todas as qualidades, cigarros, e fumo francez de Wervicq e outros.

Faz-se a barba e corta-se os cabellos com a maior deligencia. Penteão-se as senhoras em suas proprias casas.

Rua do Rosario n. 53. 5—10**Mudança de casa**PRUVOT & C.^a

Tem a honra de participar ao respeitavel publico e a seus freguezes que mudarão sua casa de cabelleireiro da rua Direita n. 15 para a do Rosario n. 53 onde acharão sempre um bom e rico sortimento de perfumarias finas de todas as qualidades; os freguezes encontrarão tambem n'esta casa todos os trabalhos de cabellos como cabelleiras, tranças, cordões, memorias, pulseiras e tudo o que pertence a arte de cabelleiro: sortimento de charutos de todas as qualidades, cigarros, e fumo francez de Wervicq e outros.

Faz-se a barba e corta-se os cabellos com a maior deligencia. Penteão-se as senhoras em suas proprias casas.

Na mesma casa se encontra a excellente AGUA ROMANA— para prevenir a perda dos cabellos.

Esta agua abastecendo os cabellos, refresca a cabeça, e faz desaparecer a caspa; ella tem as qualidades necessarias de fazer reaparecer os cabellos quando por debilidades se achão quase extinctos.

Rua do Rosario n. 53. 9—10

Barbas e bigodes
ha para alugar na
RUA DO ROSARIO N. 53
casa de

Pruvot e C^a.

Por preços os mais moderados.

1-3

PRUVOT & C.^a

CABELLEIROS E ARTISTAS EM CABELLOS.

Rua do Rosario.

Nesta casa ha sempre, um variadissimo sortimento de perfumaria, e uma collecção de obras de cabellos, e se incumbem de todos os trabalhos concernentes a este ramo, como sejam cabelleiras, chinós, correntes de relógios, anneis, e quasquer desenhos funebres, tudo por preços rasoaveis.

(1-3

PRUVOT & C.^a

CABELLEIROS E ARTISTAS EM CABELLOS.

Rua do Rosario.

Nesta casa ha sempre um variadissimo sortimento de perfumarias e uma collecção de obras em cabellos, e se incumbem não só de pentear as senhoras em suas casas como de todos os trabalhos pertencentes a sua arte, a saber: cabelleiras, chinós, correntes de relógio, anneis, desenhos funebres &c.

Tem tambem á venda a excellente Agua Romana para prevenir a queda dos cabellos e evitar a caspa. (1—20)

PRUVOT & C.^a

CABELLEIROS E ARTISTAS EM CABELLOS,

—53—Rua do Rosario.—53—

Nesta casa ha sempre um variadissimo sortimento de perfumarias e uma collecção de obras em cabellos, e se incumbem não só de pentear as senhoras em suas casas como de todos os trabalhos pertencentes a sua arte, a saber: cabelleiras, chinós, correntes de relógio, anneis, desenhos funebres.

Tem tambem á venda a excellente Agua Romana á 20000 o vidro e o Tricopherous para prevenir a queda dos cabellos e evitar a caspa.

1—10

Frivot.
BARBEIRO E CABELLEIREIRO.
 53 — Rua do Rozario — 53

A esta casa acaba de chegar o mais completo sortimento de perfumarias e de utensilios proprios para «toilette». Assim tambem um grande sortimento de caixas para rapé de diferentes gostos.

Continúa a ter a excellente AGUA ROMANA para prevenir a queda dos cabellos e limpar a caspa.

Os preços dos objectos nesta casa são os mais commodos e das melhores qualidades. 1—5

Perfumaria

15 Rua do Rozario. 15
 Unico deposito de Tricophorous do Doctor Barry de New York vende-se a 900 rs. a duzia e 100 rs. a garrafa. 1—6

SABÕES BARATOS.

Largo da Sé n. 1

Uma duzia de sabão muito fino e cheiroso das primeiras fabricas de Pariz por 7500. Vende-se caixas de 6 sabões por 3500.

Outra qualidade mais baratas: sabão dito de guimauve, cheiroso a duzia 4000 réis, meia duzia 2000 réis.

Corail dentifrice

para limpar e conservar os dentes, r. frescar a boca e endurecer as gengivas—a duzia 6000, caixa de meia duzia por 3000 réis. 1=3

LARGO DA SE'

TEYSSIER.
AO FIGURINHO
DA MODA

TEYSSIER tem a honra de participar ao respeitavel publico d'esta capital que acaba de receber directamente de Pariz e das primeiras e mais afamadas casas um grande sortimento de perfumarias, como pomada de todas as qualidades, oléos dito; grande quantidade de extractos para lenços, do que ha de melhor; pós, elixir, e opiata para os dentes; vinagre de toilette de diversas qualidades; agoa de colonia e de Lavande superior; leite divino para tirar as manchas da cara; agua rosada de vinhe, nova composição para obstar a queda dos cabellos, e preservar a cabeça da caspa; nova composição para tingir cabellos e barba; pentes de tartaruga, e para cabelleira, pentes finos, e de marfim com chapa; ricas escovas para cabelo, fato, e chapéu, assim como para unhas, e dentes, ditas com molas para limpar os pentes finos. Grande quantidade de sabão de varias qualidades, rosa, finos, caixas, christal e de porcellana com pós de arroz; grande sortimento de navalhas afiançadas e afiadores, composição nova para afiar as mesmas. Grande quantidade de cabellos compridos e crespos de todas as côres para qualquer obra que se apresentar. Ricos lampiões solares garantidas pela bella luz que dão, globos e vidros para os mesmos, tudo por preços moderados. N. B. Qualquer objecto comprado nesta casa, e que se encontre avariado recebe-se e troca-se por outro.

1=8

P. TEYSSIER. AO FIGURINHO DA MODA

P. TEYSSIER.

Acaba de chegar a esta casa ricos e grandes espelhos com molduras douradas, das fabricas de Pariz, que se vendem á preços muito razoaveis; globos e outros vidros para lampiões, lamparinas e castiças modernos. O verdadeiro tricopherus para conservar e limpar os caballos. Grande sortimento de perfumarias de todas as qualidades, e as melhores que se podem encontrar. Charutos de Havana muito superiores.

Nesta casa se trocarão aos freguezes quaesquer objectos que se encontrem avariados, e continua-se a fazer obras posticas de todas as qualidades, com toda a perfeição e brevidade.

Atenção.

P. TEYSIER participa ao respeitavel publico, e em particular aos seus numerosos freguezes, que acaba de receber um completo sortimento de perfumarias, em direitura de Pariz, todas do melhor gosto que se podem desejar, como sejam pós de elixir, Opéatt, para branquear e conservar os dentes, vinagres aromaticos de varias qualidades, agons de colonia, superiores, diversas qualidades de extractos, finissimos para lenços, grande quantidade de banhas, e oleos superiores, uma agua preparada por um afamado perfumista, para tirar caspa, leite d'Irix, para tirar sardas e espinhas do rosto, sabonetes de todas as qualidades, esponjas finas, para lavar o rosto, charotos de havana, muito superiores, grande sortimento de espelhos, de superior qualidade e de diversos tamanhos, e imensos outros objectos, tudo por preços os mais commodos possivel, responde-se pela boa qualidade de todos os objectos.

1-10

LUVAS DE PELLICA DE JUVIN

pretas e brancas, na rua do Rosario n.59, em casa de Teyssier.

1-6

Acessórios

Peçhineha!!!

Luvas de pellica de Jouvin muito frescas. Vendem-se na rua da Boa Vista n.28, a 27800 o par, brancas e de cores.

Nova Fabrica de chapéos.

N.4—RUA DA FREIRA—N.4.

Nesta fabrica faz-se e concorta-se todas as qualidades de chapéos fabricados no paiz; lava-se chapéos de palha e de Chille, por commodo preços.

1-8

3

Muita attenção**RUA DO COMMERCIO N. 38**

Na casa de José Francisco de Lima chegou um lindo sortimento de chapéus de palha de Italia enfeitados, muito modernos, para senhoras, ditos de polle de seda para homens; e muitas outras fazendas que serão vendidas por preços mais commodos possiveis. 1—5

Elasticos e Bezerro.

Vende-se superior elastico preto de seda, bezerro de Nantes, ditos envernizado, sola de Santos e do Rio de Janeiro, couros para Seleiros etc. por muito commodo preço na rua direita n. 22 loja de chapéus nos quatro cantos. 1—3

Rua Direita n. 22.

Na loja de chapéus nos quatro cantos, vende-se uma porção de botinas Melié, de co dovão e de bezerro a 12\$ o par, ditas envernizadas a 10\$, ditas inglezas a 8\$, ditas de bezerro a 9\$, ditas de duraque a 7\$, sapatos inglezes de sola grossa, e ditas envernizadas 4\$, chinellos de tapete a 1\$500 e 2\$000, superior elastico de seda a 1\$500 e 1\$700 o covado, em peça 1\$400 e 1\$600, bezerros de Nantes avariados 3\$ e 3\$500, ditos limpos 4\$500, a polle e 50\$000 a dúzia, ditas envernizadas avariados 3\$000, limpos 4\$200 e 48\$000 a dúzia, Vaquetas primeira sorte 7\$, segunda sorte 4\$500, inglezas 10\$, lenços de seda 1\$500, uma porção de collarinhos e punhos bordadas para senhora e mais objectos que tudo se vende muito barato. 1—6

PEDRO JACQUES VALLES, fabricante de guarda-chuvas, roga á todas as pessoas que tem guarda-chuvas em sua casa, para concertar, tenham a bondade de os mandar buscar, pois que na forma de um recibo, que acima se vê, o annunciante não se obriga senão pelo tempo de tres mezes, a ser depositario dos mesmos guarda chuvas, findo este prazo pode elle dispor dos mesmos objectos para embolsar-se do producto de seu trabalho.

1-3

Calçados

Bernardo Brenn acaba de chegar com um lindo sortimento de calçados de todas as qualidades, da fabrica muito conhecida A. M. Moriamé rua do Cino n177, Rio de Janeiro, vendendo aos preços abaixo designados.

Calçado muito barato.

RUA DE S. BENTO N. 35, SOBRADO.

Botas de couro da Russia 20\$, botinas do bezerro, para homem, 7\$500, ditas de sola grossa 8\$, ditas gospeadas de verniz 8\$, sapatos de verniz 8\$, ditas de cordavao preto 1\$200, botinas gospeadas para snras., de 5\$ á 5\$500, ditas para meninas, de 4\$ á 4\$500, ditas para crianças, de 3\$500 á 4\$, chinellos de tapete em velludo, de 2\$ á 2\$500, sapatos de marroquim de todas as cores a 1\$200.

1-3

Calçado muito barato.

*Hotel Paulistano, rua de S. Bento n. 35,
sobrado.*

Para 5 dias sómente.

Bernardo Brenn tendo recebido um grande sortimento de calçado para homem, senhoras, meninas e crianças, da fabrica muito conhecida de A. M. Moriamé na rua do Cano n. 177, Rio de Janeiro, premiado com a medalha de prata na exposição nacional, vende por preços tão modicos que nenhuma casa do Rio nem da provincia pode vender, para prova, os preços são os abaixo designados, tal como se vendem.

Botas de couro da Russia 20\$, botinas de bezerro, para homem, 7\$000, ditas de sola grossa 7\$, ditas gaspadas de verniz 7\$500, ditas de duraque com biqueira 7\$500, sapatos de verniz 4\$500, botinas gaspadas para sras. 5\$, ditas lizas 4\$, ditas lizas brancas 5\$500, sapatos de duraque com biqueira, para srna. 2\$, chinellos de tapete em velludo 2\$500, ditos de lã 1\$500, e botinas lizas para meninas e crianças de 3\$ a 3\$500. 1—2

Calçado muito barato.

PARA 8 DIAS SOMENTE.

NO HOTEL PAULISTANO RUA DE S. BENTO N. 35 SOBRADO

Bernardo Brenn tendo recebido um lindo sortimento de calçados para homens, senhoras, meninas e crianças da fabrica de A. M. Moriamé rua do Cano n. 177 Rio de Janeiro, premiado com a medalha de prata na exposição nacional, vende-se por atacado e avarejo aos preços abaixo designados.

Botas de couro da Russia 18\$000 rs.

Botas de Bezerro muito superior 8\$000.

» gaspadas de verniz 7\$000. Sapatos de verniz 4\$000.

Chinellas de tapete em velludo 2\$300

ditas de cordão 1\$200

» de lã 1\$500.

Botinas gaspadas para senhoras 5\$000

» lizas » 4\$000

» » para meninas 3\$000 1—2

Calçado barato.

PARA 5 DIAS SOMENTE.

No Hotel Paulistano rua de S.
Bento n. 35 sobrado.

Bernardo Brenn acaba de receber um lindo sortimento de calçado de todas as qualidades da fabrica de A. M. Moriamé rua do Cano n. 177 Rio de Janeiro. Vende-se por atacado e varejo; os preços são abaixo designado taes como se vendem.

Botas de couro da Russia 20\$

Botinas de bezerro para homem 8\$

Botinas gaspeadas para sra. 4\$800.

» » infeitadas 6\$.

» lizas para sra. 4\$.

» » infeitadas » 5\$

» gaspeadas infeitadas para meninas 4\$500

» lizas » » » 4\$.

» » » » creanças 3\$.

» Gaspeadas » » » 3\$500.

Sapatos com biqueira de saltos para senhoras 2\$300.

» de maroquim » » 1\$600.

Sapatos de cordavão para homens e senhoras 1\$200. 1—3

Calçado bom e barato.

PARA 3 DIAS.

Bernardo Brenn tem a honra de participar ao respeitavel publico desta cidade, que fica aqui 3 dias ainda, quem quizer fazer um bom negocio, para a barateza, solidez, e elegancia das obras, pôde dirigir-se a qualquer hora do dia no Hotel Paulistano, rua de S. Bento n. 35, aonde ha calçado de todas as qualidades, tanto para homem, como para senhoras, meninas e creanças.

Vende-se por atacado e a varejo.

LOJA DE CALÇADO

46 RUA DO COMMERÇIO 46

PARA 15 DIAS SOMENTE.

Bernardo Brenn participa, e convida aos srs. compradores de calçados, que tem no n. acima calçado de todas as qualidades, tanto para homem como para senhoras, meninas e crianças, sendo tudo por muito commodo preço como em qualquer outra loja não se encontrará; bem como na qualidade das obras serem superiores, e abaixo vão os preços taes como se vendem.

Botas de couro da Russia.	18,000
Botinas de bezerro para homem.	8,000
« lisas de senhoras.	4,000
« « enfeitadas «	4,500
« « « meninas.	3,500
« « « crianças.	3,000
« gaspeadas de senhoras.	5,000
« « enfeitadas «	5,500
« « « meninas.	4,500
« « « crianças.	3,500
Sapatos com biqueira de salto.	2,300
« de cordovão para homem.	1,200
« « para crianças.	1,500
Botinas de duraque brancas para senhoras.	5,500
Botinas de duraque brancas para meninas.	4,500
	1—2

Loja de calçado

N.º 56 RUA DO ROSARIO N.º 56

O abaixo assignado participa ao respeitavel publico, que acaba de receber um completo sortimento de calçado, como sejam botins de Méliès, coturnos com elastico, idem de bezerro, verniz e pellica, botinas Suzer de 2 e 3 sollas, botinas inglezas; e hem assim um variado sortimento de calçado nacional para homens, senhoras e crianças, sapatos de setim branco com salto, para meninas &c. &c. vendendo-se tudo pelo preço mais razoavel possível.

Christiano Clausen. (1—3)**Calçado baratissimo.**

N. 56 RUA DO ROSARIO N. 56

Participo ao respeitavel publico, e aos meus freguezes em particular que acabo de receber legitimo calçado de Meliós, o que posso vendelo por preço menor ao de qualquer outra casa.

1—3

Christiano Clausen.

RUA DE S. BENTO N.º 17.

Os abaixo assignados participão ao respeitavel publico que nesta casa continua-se a vender calçado, como botinas Mellies, Suzer, Engles, nacionaes tanto para homens como para senhoras e crianças, e na mesma casa encontra-se tambem um lindo sortimento de tapetes de todos os tamanhos, couros, oleados, meias e lãs para bordar.

Clausen & Ratts.

(1—6)

RUA DE S. BENTO N. 7.

Loja de couros.

Acaba de chegar um novo sortimento de calçado Melier, Suzer, e nacional de bezerro, e envernizado, de diferentes gostos e tamanhos, tanto para homens como para senhoras, meninos e meninas.

Couros engraxados de bezerro Suzer, carneiras, solas, solas envernizadas, cordão envernizado, bezerro envernizado de 8 medalhas, e outros

Selins de montaria para homens e senhoras. Mantas de xadrez, ditas de cabra do Tybet, e de la. Cabeçadas inglezas, e nacionaes, freios ditos, estribos e esporas; malas envernizadas, e brancas; canastras, bahús, alforjes grandes e pequenos; chicotes e chicotinhos de diferentes gostos e qualidades; bolças a tiracol, frascos ditos para viagem; cap-tinhos de lã, chales ditos; gravatas de seda; retroz de cozer; cadarços para seleiros e sapateiros; coxins de marroquim branco e de côr para selins; canhões de botins para pagens, capas e polainas de borraça, canetas de borraça para penas, pentes grandes e pequenos e finos, também de borraça; camisas de linho e de meias; meias de la, e de algodão brancas e de côr; tapetes grandes, meio grandes, e pequenos, bem fabricados e do melhor gosto; chinellas de todas as qualidades, e tamanhos; chergas e silhas; oleados de diferentes cores, e sapatos de couro de bezerro inglez e nacional para homens e senhoras, meninos e meninas.

Todos estes generos vendem-se por um preço fixo e muito acomodado.

Clauzen & Rath.

1-4

Calçado elegante.

Quem quizer fazer um negocio da China dirija-se a rua de S. Bento n. 17 e compre um par de botinas de Meirês.

Podemos vender barato, porque recebemos o nosso calçado em directura de Paris.

1-3

Clauzen & Rath.

Atenção

Na bem conhecida casa da rua de S. Bento n. 17, acaba de chegar um completo sortimento de calçados muito frescos, dos mais afamados autores conhecidos até hoje, sendo para homens, senhoras e crianças. Na mesma casa encontra-se sempre todo o apetrecho para viagem, como seja selins inglezes com todos os seus pertences, botas de couro da Russia, malhas, polainas, capas e paletots de borracha, canastras e canastrinhas com cangalhetas ou sem ellas, esporas, chicotes, etc. etc., bem como muitos outros objectos de grande utilidade, que longo seria enumerar, mas que se achão á disposição de todas as pessoas que se dignarem honrar esta casa com suas freguezias. Os preços de tudo são os mais commodos possiveis.

1-3

Na ladeira de Santo Antonio, loja de fazendas debaixo do sobrado, vende-se chinelllos farrados de baetilha e sola de cortiça, em porção e avarejo, por preço commodo, proprios para a estação.

Calçado Inglez.

Acaba de chegar da bem conhecida e acreditada casa dos srs. Clark & Co. C^{ia} do Rio de Janeiro, um escolhido sortimento de calçado inglez constando de botinas de bezerro, verniz, e duraque; sapatos para homens e meninas, achando-se á venda em casa do seu unico agente Henrique Fox, rua do Rozario n. 2 desta capital.

1-2

A LOJA DE HENRIQUE FOX, rua do Rozario n. 3 acaba de chegar da bem conhecida casa de Clark & Co. C^{ia}, da Corte, um grande e escolhido sortimento de calçado inglez, constando de botinas de bezerro, sapatos reforçados, e sapatos de tapete, que se continuão a vender por preços commodos.

1-3

CALÇADO INGLEZ.

A' loja de Henrique Fox, rua do Rosario n. 3, acaba de chegar da bem conhecida casa de Clark & C., um escolhido sortimento de calçado inglez de excellente cabedal, constando de botinas de bezerro, sapatos e sapatões fortes para homens e meninos, e de botinas de duraque. Na mesma loja existe tambem uma porção de botinas de verniz, que se vendem por preços moderados.

S. Paulo 17 de Dezembro de 1862.

Loja de sapateiro.

J. T. Santiago mudou a sua loja de sapateiro da rua Municipal para a de S. Bento, entre o pateo do mesmo nome e a rua do Rosario, em frente á cocheira brasileira. Continua a ter bom sortimento de calçado de todas as qualidades, e apronta qualquer encomenda com brevidade. S. Paulo, 1 de Maio de 1862.

1—2

Nova pexincha de calçado.

Sapatos de couro da Russia com duas sólas, ditos de bezerro, ditos emvernizados com elastico, ditos sem elastico abotinados, ditos com orelha, ditos de duraque, ditos de borracha, ditos atamancados, botinas de differentes qualidades tanto para homens meninos e meninas, chinellos de pello, ditos aveludados, ditos taxeados e outras muitas qualidades de calçado, vende-se na Loja de Couros rua do Rosario em frente a Igreja do Collegio por preços muito em conta assim como outros muitos generos.

1—3

Calçado.

Na loja de couros rua do Rosario em frente a Igreja do Collegio chegou uma porção de sapatos de todas as qualidades, tanto para homem como para meninos e meninas: assim como botinas para senhoras, as mais modernas que tem apparecido, e para meninas, botinas para homem e meninos, sapatos atamancados e de borracha para homem senhoras e meninos, grande sortimento de chinellos de differentes qualidades e outras qualidades de sapatos que se vendem por preço muito barato.

1—4

Na loja de couros rua do Rosario em frente a Igreja do Collegio chegou um grande sortimento de enfeites dos mais modernos que tem apparecido, o que se vende por preços commodos.

Atenção.

Ver para crer.

Na loja de couros, rua do Rosario, em frente a igreja do collegio, chegou um grande sortimento de calçado das fabricas mais afamadas da Europa, dos gostos mais modernos, e frescos, como aqui ainda não appareceu, tanto para homem como para senhoras, meninos e meninas; são tantas as diversidades de qualidades que seria preciso para se mencionar, fazer um annuncio muito extenso; chegou igual sortimento de couros de todas as qualidades para sapateiros, seleiros e corrieiros; um completo sortimento de selins inglezes, e sellas para montaria de homens e senhoras, meninos e meninas, cabeçadas e mantas de todas as qualidades, tudo quanto pertence a arreios, como freios, esporas, estribos, cabeções, chilenas, caçambas, etc. Balões para senhoras e meninas, enfeites para ditas, chapéus de sol de seda, bengalas, mallas de todas as qualidades, bolças para viagem, coldros, alforjes, pelegos, colxões de marroquim para viagem, frascos para dita, coxins de 4 bolças para cima do selim, solla, canastras, baliús, cangalhetas, arreios completos para carroças, armações de selins para montaria de homens e senhoras; tapetes, chicotes tanto para boleiros, como para montaria, alcatisas, ferros economicos com foltes, e um grande sortimento de varios objectos pertencentes aos diversos usos, como nesta cidade não se encontra: tudo será vendido por preços commodos.

(1—6)

Muita Atenção.

Ver para crer.

Na loja de couros rua do Rosario em frente a igreja do Collegio chegou a dias um novo sortimento de calçado muito fresco de todas as qualidades sendo de Mellies, Suzer e nacional, e de outras fabricas, sortimento como nesta cidade não se encontra, sendo de varios feitios e os mais modernos que tem apparecido nestes gostos, sendo tanto para homens e senhoras, meninas e meninos; assim igual sortimento de selins e selas de todas as qualidades para montaria de homem e senhoras, meninas e meninos mantas do guariba legitimas, ditas de castor, ditas de couro de vendo, ditas de cabrito do Thibet, ditas de casimira Inglesa, ditas de algodão de differentes gostos; outras muitas qualidades para os mesmos selins, grande sortimento de cabeçadas inglesas brancas e envernizadas de differentes gostos, ditas nacionaes, lóros ingleses e nacionaes, freios, estrivos, esporas, chilonas, caçambas, sapatinhos para selins do senhoras, malas envernizadas e brancas, alforjes, coldres, chicotes, cangalhetas, tudo para viagem, arreios completos para carroças, tapetes e alcatifas, esteiras de palhinhas, cortos de colxas, bolças de tiracol, frascos para viagem, capotinhos de lã, mantinhas acolxoadas de seda, bañões, chapens do sol de seda, bengalas, ferros economicos com foles, chicotes para negros, bolças para caça, cadarços para silhas, silhas promptas, martinets para tropa, mallas, saccoes, infeites para senhoras, solla e couros de todas as qualidades para sapateiros, seleiros, elastico de seda e algodão, canastras, baús, cabrestos para animaes, formas para sapateiros; fogos para festejar S. João e S. Pedro, e outros muitos generos que tudo se vende por preços commodos etc. canastrinhas de solta inglesas para cangalhetas, coxins de 4 bolças para cima, selins de differentes cores e qualidades, canhões para pagens, de todas as cores, o melhor que ha, sapatos de duraque para mesninas a 500 rs. o par.

Atenção

VER PARA CRER.

Na loja de couros rua do Rosario em frente a Igreja do Collegio, chegou de novo um grande sortimento de calçado de todas as qualidades, tanto para homens como para senhoras, meninos e meninas, sendo francez, inglez e nacional, todos muito frescos, e os gostos mais modernos que tem apparecido neste sortimento; tambem chegou botinas de setim branco e sapatos de dito, ditos de pelica para casamento e anjos enfeitados, elivas, grande sortimento de sellins inglezes, e sellas ligitimas, ditos francezes, ditos nacionaes para montaria de homem, senhoras, meninos, e meninas, sendo de gostos muito modernos, cabeçadas inglezas, ditas francezas, ditas nacionaes, brancas envernizadas e de linho trançadas de uma immensidade de qualidades e as melhores que ha em gostos iguaes;

sortimento de cabrestos, buças de linho, ditos de cordão de sola e estopa, gamarras inglezas, um grande sortimento de coxins de quatro bolças para cima de sellim de todas as côres e de varias qualidades, mantas de guariba, ditas de cabrito francez, ditas de couro de onça, ditas de couro de veado, ditas inglezas de casimira lisa e de chadrez, ditas de castor, ditas de felpa, ditas de lã e algodão, e tambem baixeiros de diferentes qualidades, coxotinhos de linho branco e de côres, cangalhetas com canastrinhas e todos os arreios para viagem, arreios promptos para carroça, colhões para viagem, malas de diferentes qualidades, alforjes, bolças com chaves de tiracol para viagem, ditas de chaves, do pello e lontra, coldres para pistolas, pistolas para ditos, freios de metal Arabes e inglezes, ditos de metal branco, ditos de ferro, para piquiras, ditos para carros, bredeiros para dito, chileas de metal branco, esporas de dito, ditas inglezas, ditas de taraxa, estribos inglezes para sellins de homens e meninos, ditos de metal branco de molhas, ditos amarelllos, caçambas de couro da Russia para viagem, pelegos, e frascos para viagem de diferentes qualidades, bosinas para caçadores, saccos para cassa, polainas de borraxa branca, botas de couro da Russia, ditas de cordavão, ditas brancas para viagem, chicotes para carros, ditos para tilbores, ditas para montaria de homens, senhoras, meninos e meninas de diferentes qualidades, canhões para botas de pagons, cabeções, loros inglezes e nacionaes, rabichos nacionaes, estribos de meia picaria com passadores de metal branco, saccos de roupa de de couro da Russia e de tapete, sapatinhos para sellins de senhoras, esteiras de palhinha, tapetes alcatifa, cadarsos de muitas qualidades para silhas, armações para sollins; bengalas, elasticos para sapateiros, baús, canastras, ditas de sola inglesa, oleados, formas para sapateiros, facas para dito, e para selleiros, sola e couros de todas as qualidades para sapateiros, selleiros e corteiros, cortes de colxas de lã e seda, maçanetes para cabeçadas de tropa, cabeçadas de dita, ferros economicos com soles, chinellos de todas as qualidades, sapatos atamancados e de borraxa, sapatos brancos fortes do Porto. Silhas e sobre chinchas de todas as qualidades, fivellas de metal branco e amarello e de ferro dobradas e singellas; e outros muitos generos que tudo se vende por preços commodos. 1—6

Atenção.

Na loja de couros rua do Rosario em frente á igreja do Collegio acaba de chegar um grande sortimento de calçado de todas as qualidades, muito frescos e gosto moderno para homens e senhoras, meninos e meninas, e de tantas as qualidades de calçado que seria necessario fazer um annuncio muito extenso para se mencionar as ditas qualidades, e vende-se por preços muito commodos, assim como outros muitos generos. 1—6

Atenção

Na loja da nossa rua do Rosario em frente a igreja do Collegio, chegou de novo um grande sortimento de calçado de todas as qualidades muito fresco, sendo francezes, inglezes, e nacionaes e de outras muitas fabricas tanto para homens como senhoras, meninos meninas, assim como um grande sortimento de chinellos de todas as qualidades e botas de couro da Russia, ditas de cordavão, ditas brancas, poilanas de de borraxa para viagem, um grande sortimento selins inglezes legitimos e selas, ditos nacionaes, para montaria de homens, senhoras, meninos e meninas, tudo de diferentes gostos modernos, mantas de guariba ligittimas, ditas de couro de onça, ditas de cabrito de Tibet, ditas de veado, ditas de cachemira inglesa e de outras muitas qualidades, e tudo quanto pertence a arreios e objectos para viagem como cangalhetas com seus arreios e canastrinhas, malas de diferentes qualidades, coxins de 4 bolças para cima de selim; bolças de tira-col, frascos para viagens tudo de diferentes qualidades, colxos de viagem, coxonilhos coldres, esporas, e freios de todas as qualidades, um grande sortimento de chicotes para carros e tylburis, e para montaria de homem e senhoras, meninos e meninas, sapatos atamancados e de borraxa alforjes de diferentes qualidades, couros para sapateiros e seleiros e correeiros, sola para ditos, e outros muitos generos tudo por preços muito commodos.

ATENÇÃO.

Na loja de couros rua do Rosario em frente a igreja do Collegio vende-se os seguintes generos por preços muito em conta: sendo calçados muito frescos de todas as qualidades, e gostos os mais bonitos que tem apparecido, sendo botinas, sapatos, chinellos, botas de couro da Russia para viagem, ditas de cordovão, ditas brancas, polainas, sapatos alamancados, ditos do Porto brancos, chinellos do Porto, da sola de cortiça para frio, e uma emencidade de calçados de diferentes qualidades tanto para homem como para senhoras, meninos e meninas. Um completo sortimento de selins e sellas inglezas legitimas e nacionaes tanto para montaria de homens como para de senhoras, meninos e meninas de todas as qualidades e gostos. O mesmo sortimento de mantas para os mesmos selins, sendo de guariba legitima, ditas de cabrito de Tibe, ditas de couro de onça, ditas de couro de vado, ditas de castor, ditas de casemira ingleza, ditas de lã e algodão, ditas de algodão. Baixeiros de diferentes qualidades, coxins de linho branco e de cores, capas de selins com quatro bolsos para cima de selins, de diferentes cores e gostos, cabeçadas inglezas legitimas, francezas e nacionaes, e de todas as qualidades, cab estes tambem de todas as qualidades, pelegas para cima de selins, cangalhetas promptas com todos os arreios e canastrinhas com suas correntes de ferros para viagem, colções de marroquim e m travo-seiro para viagem alforjes de diferentes qualidades, bolças de tiracol modernas, frascos com copo, capas de bóraxa, pouches, paletots de dita; e um grande sortimento de mallas de diferentes qualidades, coldres e pistolas, chicotes de diferentes qualidades e bonitos gostos, tanto para carros como para tilbury, e montaria de homem e senhoras, meninos e meninas, sendo inglezas, francezas e nacionaes, tudo para viagem, se acha na casa acima; assim como pistolas, freios, esporas chinellas, cabeçoes, estribos de uma immensidade de qualidades, ricas cabeçadas para tropas, promptas e apparelhadas de metal branco, as melhores que ha neste genero, saccos para viagem, ditas para caçador, tapeto avelludado aos covados, bonito gosto, alcatifas, cornetas para caçadores, ferros economicos com foles, canhões para botas de pagem, de diferentes qualidades, gamarras inglezas legitimas, redondas e chatas, loros inglezes e nacionaes, silhas e sobrechinhas de varias qualidades, livellas dobradas e de todas as qualidades para selins. Um completo sortimento de couros tanto para sapateiros como para seleiros e corrieiros, solla para os mesmos, formas para sapateiros, espanadores de diferentes qualidades graxa e fins para sapateiros e selleiros, cadaços para silhas de todas as qualidades, armações para selins de montaria de homens e senhoras, bahús e canastras, e muitos outros generos os quaes se vendem muito em conta, e tudo sem avaria.

Ver para crer.

1-4

VER PARA CRER.

Grande sortimento de sellas e selins inglezes e francezes legitimos e nacionaes, de gosto muito modernos e bonitos, de uma immensidade de qualidades tanto para montaria, de homem, senhoras, meninos e meninas, um grande sortimento e tudo quanto pertence arreios, se achão á vontade dos srs. compradores, assim como tudo quanto pertence a calçado de todas as qualidades sendo francez, inglez, e nacional de outras muitas fabricas muito fresco e duração e gostos bonito tanto para homem como para senhora, meninos e meninas um completo sortimento de cangalhetas com canastrinhas com todos seus arreios e tudo quanto fôr preciso para viagem se acha á vontade dos freguezes e outros muitos generos vendem-se na loja de couros, ruado Rosario, em frente a igreja do Collegio, por preços muito em conta.

1-6

ATTENÇÃO. VER PARA CRER.

Na loja da couros rua do Rosario, em frente a igreja do Collegio, chegou um grande sortimento de calçado de toda a qualidade muito frescos, e os gostos mais bonitos que ha nesta cidade, sendo Mellies, inglez, francez, nacional, e de uma immensidade de fabricas, sendo para homens, senhores, meninos e meninas, tudo muito perfeito, assim como grande sortimento de selins e solas, e tudo quanto pertence arreios se encontra nesta loja, tudo que é preciso para viagem, os snrs. compradores acharão por preço muito em conta um grande sortimento de couros e solas, e tudo quanto pertence a sapateiros, selleiros e corrieiros, e outros muitos generos que seria muito estenço o annuncio para mencionar, sendo tudo fazenda de primeira qualidade. 1—4

Atenção.

Na loja do couros rua do Rozario em frente a igreja do Collegio chegou um completo sortimento de calçado de todas as qualidades sendo Francezas, Inglezas e Nacional e de outros muitas fabricas e gostos modernos, para homens senhores, meninos e meninas assim como grande sortimento de arreios de uma immensidade de qualidades sendo Inglezes, Francezes e Nacionais tudo muito barato assim como sellas bordadas a 48^{rs.} ditas lisas a 42^{rs.}, capas acolchoadas de 4 bolços a 15^{rs.}, selins de senhores de 13 até 30^{rs.}, ditos para homem de 13 até 25^{rs.} 000 inglezes de 40 a 65^{rs.}, cabeçadas inglezas de 6 a 12^{rs.}, bolças para viagens, frascos de dito, Cangalhetas com canastrinhas e seus pertences tudo por preços mais baratos que em outra parte, grande sortimento de couros e sellas de todas as qualidades para seleiros, sapateiros, e Corrieiros tudo fazenda boa; polainas a 8^{rs.}, paletots de barracha a 25^{rs.} 000, sapas de ditas 26^{rs.}, ponches de dita 27^{rs.}, e outros muitos objectos. 1—4

CALÇADO

PARA SENHORAS E CRIANÇAS.

A dinheiro melhor e mais barato.

João Plandé de volta do Rio de Janeiro trouxe um lindo sortimento de mais de 2,400 pares de botinas gaspadas enfeitadas e lisas da fabrica de Nire e Irmãos, Este calçado bem conhecido em S. Paulo recomenda-se não sómente pela grande redução do preço como pela solidez e o bem acabado da obra.

Vende-se em porção e a varejo na rua do Mata Cavallos n. 19 e na rua dos Ourives n. 68 no Rio de Janeiro; nesta cidade

14 RUA DO COMERCIO 14

Casa da Bandeira da União Universal.

CALÇADO

*para homens, senhoras, e
creanças.*

João Plande de volta do Rio trouxe um grande sortimento de botinas e sapatos de varias qualidades e de todos os tamanhos; este calçado recommenda-se não sómente pelo feitio elegante e solidez da obra como pela grande redução dos preços,

Vende-se em porção e varejo na rua do Matacavallos n. 19 e na rua dos Ourives n. 68 no Rio de Janeiro e n'esta cidade.

14

Rua do Commercio

14

(1-4)

CALÇADO

para Senhoras e Creanças.

JOÃO PLANDE de volta do Rio trouxe um lindo sortimento de botinas, sapatos e chinelos da fabrica de Sire Irmãos, estabelozidos na rua do Matacavallos n. 19, e na rua dos Ourives n. 68, Rio de Janeiro. Este calçado bem conhecido recommenda-se não sómente pela grande redução dos preços como pela elegancia e solidez da obra.

Vende-se em porção e á varejo em São Paulo

42—RUA DIREITA—42,

pegado a igreja da Misericordia.

CALÇADO

*para Homens, Senhoras,
meninos, meninas
e crianças.*

JOÃO PLANDÉ, dirige, por conta de Sire Irmãos fabricantes em França e no Rio de Janeiro, o deposito especial do calçado novamente estabelecido na rua Direita n. 42 em S. Paulo; na dita loja tem um sortimento como não se encontra nesta provincia seja pela boa qualidade, solidez, elegancia e barateza das obras tanto das provenientes da fabrica estabelecida em França como da do Rio. O dito João Plandé tem a honra de participar ao respeitavel publico Paulistano e aos srs. negociantes desta provincia que continuara a vender como até agora mais barato que em qualquer outra casa estabelecida em S. Paulo, sendo a obra da igual qualidade e perfeição. O sortimento acima mencionado é composto dos artigos seguintes:

Para homens e meninos botas de montar para viagem, botinas de bezerro, de pelica, de duraque ga. pradis de verniz; sapatos de bezerro, de verniz e de duraque; chinellas de cordovan e de tapeto de lã, tecido e avelludadas, para senhoras e meninas botinas brancas e pretas, lisas, enfeitadas e gaspoadas; sapatos pretos e brancos de duraque e de setim de seda; sapatos de biqueira de verniz com salto; sapatinhos e botinas para criança de todas as dimensões.

Vende-se a dinheiro em porção e a varejo na rua de Mata-Cavallos n. 19 e na rua dos Ourives n. 68 no Rio de Janeiro e nesta cidade.

42—RUA DIREITA—42.
seguido a igreja da Misericordia.

CALÇADO

para Homens, Senhoras, meninos, meninas e crianças.

JOÃO PLANDÉ dirige, por conta de Siro Irmãos fabricantes em França e no Rio de Janeiro, o deposito especial do calçado novamente estabelecido na rua Direita n. 42 em S. Paulo; na dita loja tem um sortimento como não se encontra nesta provincia seja pela boa qualidade, solidez, elegancia e barateza das obras tanto das provenientes da fabrica estabelecida em França como da do Rio. O dito João Plandé tem a honra de participar ao respeitavel publico Paulistano e aos srs. negociantes desta provincia que continuará a vender como até agora mais barato que em qualquer outra casa estabelecida em S. Paulo, sendo a obra de igual qualidade e perfeição. O sortimento acima mencionado é composto dos artigos seguintes:

Botas de montar para viagem—20.000.

Botinas de bezerro para homem—6.500.

Ditas ditos 7.000.

Ditas ditos 7.500.

Ditas ditos 8.000.

Botinas francezas para homem, muito superiores, elegantes e delicadas 9.

Para senhoras e meninas botinas brancas e pretas, lisas, enfeitadas e gaspeadas; sapatos pretos e brancos de duraque e de setim de seda; sapatos abotinados de biqueira do verniz com salto e sem salto, chinellos de tapete de lã tecido e avelludados; sapatinhos e botinas para criança de todas as dimensões.

Vende-se a dinheiro em porção e a varejo na rua de Mata-Cavillos n. 19 e na rua dos Ourives n. 68 no Rio de Janeiro e nesta cidade.

42—RUA DIREITA—42.

Pegado a igreja da Misericordia.

1—4

Calçado.

Vende-se em porção e avarejo na
rua de Mata Cavallos n. 19 e na rua
dos Ourives n. 68 no Rio de Janeiro
e nesta cidade

42—RUA DIREITA—42

Pegado a igreja da Misericordia
João Plandé de volta do Rio
trouxe um lindo sortimento de cal-
çado composto dos artigos seguin-
tes:

Botinas francezas de bezerro para
homens 8\$.

Ditos de verniz 8\$.

Ditos ditos de duraque 5\$500.

Ditos ditos de pellica para senhoras
5\$500.

Sapatos abotinados 2\$.

Chinellos avelludados muito superio-
riores 2\$.

Ditas de lã tessida superior 1\$400.

(1)

Artigos de Viagem

Fabrica e grande de- posito D E ARREIOS DE TODAS AS QUALI- DADES

PARA MONTARIA

**Rua dos Ourives n. 139 esquina
da do Sabão**
(DEPOSITO NO PRIMEIRO ANDAR)

D E

**Antonio Morcira dos Santos
Costa**

- Rio de Janeiro

Neste bem conhecido e ultimamente augmen-
tado estabelecimento acharão os srs. comprado-
res sempre um completo sortimento de artigos
de viagem, tanto para negocio como para con-
sumo.

Sellins inglezes, francezes e nacionaes para
montaria de homens, senhoras e meninos. Lom-
bi hos, Serigotes e Socadinhos, Paulistas e Rio-
Grandenses, Cabeçadas para tropa, de metal e
prata de ley. Estojos e mallas com pertences
para viagem. Canoas, Mallas para garupa, ca-
minhos de ferro e paquetes. Cabeçadas de ver-
niz e brancas, de solta, linha e pita, freis, estri-
b s, mantas de panno, onça e guariba, Baixeiros
paulistas e inglezes, singellos e dobrados. Pello-
gos, goiacas, barrigueras e mais obras do Sul.

Alforjes. Bolças Chicotes. Assoiteiras. Tallas.
Redeas. Cabeçadas e mais obras de lonca, etc.
etc.

3-12

J. W. Cope

mudou-se do Becco de Cancellas n. 1 para a rua
do Rosario n. 52, onde continua com o seu ne-
gocio de sellins e arreios finos inglezes e as es-
pecialidades do costume.

Rua do Rosario n. 52

Rio de Janeiro.

1-3

ACHA-SE a venda na ladeira do Acú n.2 um sortimento de arreios para montaria, consistindo de sellas bordadas, ditas lizas, selins ditos para senhora, coxins com 6 bolços, ditos com 4 sacos de tapete para viagem, chicotes, bengallas com chicote e estoque, chicotinhos para senhora, ditos para tilbury, cabeçadas inglezas reduzidas muito boas, e muitos outros artigos por preços muito razoáveis, também se encarega de qualquer encomenda ou concertos pertencentes a selleiro, com brevidade; na mesma se precisa de uma pequena de 10 a 14 annos para andar com uma criança. 1—4

Muita attenção.

VER PARA CREN.

O abaixo assignado participa ao respeitavel publico que acaba de chegar a poucos dias do Rio de Janeiro com um grande e variado sortimento de couros, e obras feitas, tanto inglezas, como nacionaes, que se vende por preços como talvez se não ache em outra qualquer casa, por ser tudo comprado á dinheira, e á dinheiro á vista vende-se novamente. O annunciante sciencia que grande porção de obras foi comprada em primeira mão, e é por isso que póde vender sumamente barato! Não faz menção do sortimento que traz e nem dos preços, por que seria longo enumerar, o mesmo por que o annunciante tem fé em que o respeitavel publico dará credito ao seu enunciado.

Bernardo Rostaicher.

(1—3

Lojas de fazendas

FAZENDAS MODERNAS.

N.º 13 LOJA DA RUA DO ROZARIO N.º 13

Cruz, Salgado e Companhia.

Acabão de receber directamente de Pariz um bonito sortimento de fazendas de seda, sendo estas escolhidas pelo seu socio Balthar, recém-chegado da Europa, á saber: cortes de vestidos de seda, bordados; ditos, de babadinhos de velludo, fazenda moderna para 80/000 réis o corte; vestidos pretos de *moire antique* bordados; nobrezas pretas, largas, para 4/500 réis o covado; ditas de côr, á 4/600 réis; capas de seda, e de panno, gosto moderno; ditas, a turca, pretas e de côres; zuavos de seda, bordados; enfeites modernos para cabeça, á 6/ e 7/ réis; grande e variado sortimento de calçado, para senhoras e homens; fitas crespas pretas e de côres; tiras e entremeios bordados; luvas de pelica branca e preta de feitos modernos; e outras muitas fazendas de seda, linho, lã, e algodão que serão vendidas pelos preços os mais commodos possíveis.

1—2

Atenção.

No deposito filial em Santos da fabrica nacional do Santo Aleixo, vende-se d'ora em diante o panno de algodão para roupa de escravos e saccaria pelos mesmos preços do Rio de Janeiro, sem a menor differença.

Actualmente são os preços:

De 28 polegadas de largura 480 rs. a vara
 « 26 « « « « « 460 «

O deposito em Santos é em casa de José Antonio Pereira dos Santos, rua Direita n. 53.

Santos 1.º de Março de 1862. (2—3)

Atenção !
NO DEPOSITO FILIAL EM SANTOS

DA
FABRICA NACIONAL DE S. ALEIXO.

**Vende-se d'ora em diante o
 panno de algodão pelos mesmos
 preços do Rio de Janeiro, sem a
 menor differença**

**Actualmente são os preços
 fixos:**

de 28 polegadas de largura

480 rs. a vara

« 26 « » 460 reis

**O deposito em Santos é em
 casa de José Antonio Pereira
 dos Santos, Rua direita n. 53**

Santos 1.º de Março de 1862.

1-3

**Deposito Filial em
 Santos,**

DA
Fabrica Nacional de S. Aleixo
RUA DIREITA N.º 53.

Em razão do alto preço a que tem chegado o
 algodão em rama, os fabricantes virão-se obri-
 gados a augmentar os preços dos productos da
 sua fabrica.

Panno de algodão de 28 pols. — 560 rs. a vara.

Dito dito 26 « — 540 «

1-4

MUDANÇA DE CASA.

João José Vieira Guimarães, vulgarmente
 conhecido por João Velloso, participa aos seus
 freguezes e amigos que mudou a sua residencia
 da rua do Rosario n. 32 para o n. 58, canto da
 rua das Casinhas, onde morou o fallecido capi-
 tão Soverino.

Igualmente faz saber aos mesmos que rece-
 beo um grande sortimento de chitas em retal-
 hos—de morim, cassa, e cambraia que serão
 vendidas pelos diminutos preços de 160, 200 e
 240 rs. o covado.

2-3

Loja da Barateza.

Rua Direita n. 10.

Chitas em morim, 240, 280 e 320 réis o covado, ditas em retalhos, 140, 200, e 220 o covado, ditas em cassa, 200, 240, 320 e 400 réis o covado, organdiz padrões modernos, 360, 400, 500, e 600 réis, o covado, cortes de chaly de lã e seda, 10\$, 12\$, 6\$ e 18\$ o corte, ditos de lãzinhas, 2\$ 600, 4\$ 000, 7\$ 000, 10\$ 000, e 12\$ 000 o corte, balões de mosselina e croxel, 5\$, 6\$, e 6\$ 500, ditos de gaiola, 3\$ 500, 4\$ 4\$ 500, ditos para meninas 500, 800, e 1\$ 000 réis, chinillos de tapetes, 1\$, 1\$ 600, e 2\$ o par, botinas para meninas e senhoras, 2\$, 4\$, e 6\$ o par, cortes de brim de linho de cor, 3\$, 4\$, e 5\$, (para calça,) dito de casemira de cores, 5\$, 6\$, 7\$, e 8\$ rs., palitots de brim branco e escuro, 4\$, 5\$, e 6\$, ditos de casimira, de panno, de alpaca e de mais fendas por preços commodos; assim mais um grande sortimento de fendas de lã, linho, e algodão, cujos preços parecem impossiveis, em vista das boas qualidades.

1—3

ATTENÇÃO.

Loja da Cobra rua. 46 e 47.
SOARES & IRMAO.

Participação ao respeitável publico desta capital que chegarão do Rio de Janeiro com um completo e variado sortimento de fazendas modernas d'Armarinh. chapeos; o que pretendem vender pelos preços seguintes: (a dinheiro)

Panno preto fino a 2800 32000 o covado casemira setim preto a 1700 1800 e 22000 rs. dita de cores a 1700 e 22000 e 22000 o covado, dita enfiada a 32600 32800 e 32900 muito superiores, ditas em cortes a 32000 32800 42000 42500 52000 e 62000 rs.; cortes de brins de linho a 22000 22500 22800 e 32000 rs. superiores; ditos de colletos de seda a 12000 22500 42000 e 52000 rs., sobretudos de panno piloto ac-lxados a 312000 e 362000 rs., ditas de pollucia a 302000 rs., sobrecaçacos de panno preto fino a 182000 202000 e 222000 rs., ditas de alpaca superiores a 5800, paletóts de brim de côr a 32000 42000 42500 e 52000 rs., camisas francezas a 12800 22000 e 22200 e de fustão 22400, meias para homem a 22000 e 22200 a dozia, ditas para senhora (muito finas) a 32200 chapeos pretos modernos a 62500 e 72000 rs. chapeos de Lebre á fazendeira a 62000 e 62500 e ditos a garibaldi a 32600 e 32800; assim como tem tambem chapeos de chite de todas as qualidades; gravatas modernas á garibaldi a 480 e 800 e 12000 e 12500 capas de panno para senhora a 16200 182000 212000 e 32000 muito modernas e compridas, chapeos para senhora a 82500 92000 92500 e 102000 112000 rs., chales de merinó listas de seda 42000, ditos com barra a 62000, ditos com barra de seda muito finos a 72000 82000 rs., ditos de froco a 52500, ditos de lã com ponta de dita e borla a 32000, ditos da tapele a 440 12000 e 12200 12400 12600 e 22000 baetilhas de cores a 320 e 400 rs., barra encarnada a 660 o covado e 720 rs., pontalhas de renda a 22300 a pessa com 40 varas, ditas de valencia-na a 12000 rs. a pessa, ditas de chrochet de 120 até 800 muito largas, chitas em cassa finas de 240, 320, 400 rs. o covado, ditas em murcelina padrões modernos de 360, 400, chitas francezas, largas a 280, 320 o covado, chitas finas de 180, 200, 220 e 240 o covado, organdy moderno com lista de seda a 360 e 400 rs. lanzinhas a 360 e 400 o covado, ditas em cortes modernos a 52500, cortes de barege e chaly a 62000 e 62600, ditos de barege de seda a 8500 (cortes com 15 e meio covados, cortes de vestido da chita em cassa a 22200 22800 e 32200 muito finos, lencos de seda da india a 12000 e 12500, 12700, e e 22000 rs. superiores, ditos chitados francezas a 240 e 280, ditos com cercadura a 280, ditos brancos a 12800, cobertores francezes encarnados a 52400 e 52800, ditos brancos hespanhoes a 32200 e 32600, ditos francezes a 42400, riscados para saias de escravas a 320, ditos enfiados a 400 rs., e ditos muito largos a 12120, pessa de moim muito fino de 22600 32000 42000 e 52000, ditos de algodão de 22400 22600 e 22000 a 32000 merinó preto enfiado a 600 rs. o covado dito de cordão a 12100, metim francez a 4250 a pessa; chales imitando merinó a 12400, assim como tintos dourados, enfeites, luvas, perfumarias e mais outros artigos que só á vista do comprador se dará conta d'elle. (1--2)

ATTENÇÃO

Na loja da Cobra rua direita acaba de chegar um lindo sortimento de cortes de vestidos de nobreza e barra de velludo. Nobreza preta muito superior a 22200, 22500 e 32000 o covado, capas de pano preto modernas a 382000, ditas de nobreza preta modernas a 502000 e 552000.

E muitas mais fazendas modernas as quaes se vendem por preços commodos. 2—3

Moire Antique.
Rua Direita, loja da Cobra.

Acaba de chegar moire antique superior a 4500 o covado, cortes de vestidos de ditos o corte 70, 75 e 80000, nobresa preta superior, covado 2600 e 3000, casimira preta setim covado 2200, 2600, 3000 e 3500, panno preto fino covado 2800, 3, 4, 5500, e 7000, camisas de morim finas, e fustão 2 e 2500 cada uma, ditas de linho superior 4 e 4500, gravatas de nobresa e gorgorão pretas 1 e 1500, ditas molernas com botão de plaquet 2000, meias americanas finas para homens, duzia 2, 2500, 3 e 4500, chapéos altos de pello de seda 6500 e 8000, ditos francezes 9000, ditos de palha mode nos enfeitados para senhora 8500, 10 e 14000, peças de morim fino 3, 4, 5 e 6000, dito em cambraia 7 e 8000, cortes de colletes acolchoados de seda. 2, 3 e 4000 o corte, peças de algodão com 15 jardas 2600, 3, 3500, e 4, abotoaduras de plaques para punhos, 1500 2, e 2500, brim de linho superior para calça, vara 1900, 2, e 2500, algodão fio grosso para roupa de escravos, jardas 240 e 250, juponas de baeta forradas de baeta para escravos 4500, mantas escuras 900, baeta azul e vermelha, covado 640, 800, 900, e 1000, e muitas mais fazendas que se venderão por preços commodos.

Na mesma loja vende-se tambem uma escrava moça, boa cosinheira que lava e engoma, 1 escravo mestre de pedreiro, idade 35 annos, 1 dito bonita figura, cosinheiro de primeira classe, tambem entende de pedreiro idade 28 a 30 annos que serão vendidos por preços moderados. 1—3

Roupa feita.

Na loja de fazendas da rua do Commercio n.º 4 ha para vender palitots de alpaca forrados a 5⁰⁰, 6⁰⁰, 7⁰⁰ e 8⁰⁰ réis, sobrecasacas de cazemira a 20⁰⁰ rs., ditas pretas a 24⁰⁰ e 25⁰⁰ rs. cada uma, camisas, ceroulas e outras muitas fazendas que se vendem por commodo preço. 1—8

Vêr e crêr.

NOVIDADE!...

PARA O INVERNO.

Na rua do Commercio n.º 4, ha um grande sortimento de capas de cazemira para senhoras, no ultimo gosto de 16, 18, 20 até 25⁰⁰⁰ rs. palitots sobres de cazimira forrados de nobreza á 25⁰⁰⁰ rs. ditos de alpaca á 5, e 6⁰⁰⁰ rs. ditos de brim de linho a 6⁰⁰⁰ rs., camizas de flanela bonitos padrões a 8⁰⁰⁰ rs. ditas peito de linho, e bordadas a 3⁰⁰⁰ rs. calças de linho a 5⁰⁰⁰ rs. chapéos de cazemira modernos á 3⁰⁰⁰ rs., charutos muito superiores á 5⁰⁰⁰ rs. caixa, e outras muitas fazendas que se venderão por preços commodos.

1—6

Loja da Pechincha.

22 Rua Direita 22

(Nos baixos do Hotel de Italia.)

Chitas em morim 200, 240, e 280 rs. o covado, ditas largas francezas 240, 280, e 320, rs. o covado, ditas em cassa a 200, 240, 320, e 400, rs. o covado, ditas em organdi muito superiores a 360, 400, 500, e 600 rs. o covado; cortes de vestido de chita em cassa a 2.000, 2.500, e 3.000, ditos de lãzinha a 2.400, 3.000, 4.000, e 4.500, ditos de seda preta lavrada a 20.000, e 25.000, ditos de nobreza lavrada preta e de côr a 30.000, 35.000, 40.000, e 50.000, ditos de nobreza avelludados muito superiores a 80.000, sedas para vestido a 500, 800, 1.000, e 1.200; chales de tapete a 640, 1.000, 1.600, 2.000, e 2.500, ditos de froco grandes a 3.500, 4.000, e 4.500; cortes de collete de fustão e de brim a 500, e 640, ditos de seda a 1.000, 1.500, 2.000, e 3.000, ditos de pellucia a 1.200, ditos de velludo a 4.000, 4.500, 5.000, 6.000; cortes de calça de casimira a 5.000, 5.500, 6.000, e 7.000, sobrecasacas de panno preto fino a 12.000, 16.000, e 20.000, ditas forradas de seda muito superiores a 25.000; palitots de casimira de côr a 18.000; bonets de panno para menino a 1.000, 1.500, 2.000, e 2.500, e outros muitos generos que se hão de annunciar, cujos preços convidão ao comprador.

1-3

Costureiras

17 Rua do Rosario 17

M.^{ma} Clarisse Martin modista & costureira faz vestidos do ultimo gosto, chapéus e enfeites para senhoras de todos os feitios, com brevidade e por preços commodos. 1—10

Aux nouveautés parisiennes

32—RUA DO ROSARIO—32.

M^{me}. Clarisse Martin, modista e costureira tem a honra de participar a seus freguezes o ao respeitavel publico que mudou-se do n. 17 para o n. 32 da rua do Rosario, e que acaba de receber um sortimento de fazendas francezas: como sejam chitas, fustão, mosseline, popelin, mozanbique para vestidos, cortes de seda, lã e seda; enfeites de cabeça, luvas de seda e lã, basquinas etc., Burnou de seda e panno, zuavos de seda e de casimira etc.

Encarrega-se de qualquer obra que pertence ao toilette de senhora. 1—5

Aux nouveautés Parisiennes.

32—RUA DO ROSARIO—32

Lindo sortimento de chitas francezas, mosselines, fustão de cores para vestidos, cortes de nobreza preta, enfeites de cabeça, fitas de velludo e de nobreza, enfeites para vestidos, achasse n'esta casa todos os preparos para vestidos de senhoras.

Faz-se vestidos, chapeos. e tudo o que pertence ao toilette de senhora, com perfeição, brevidade, e por preços muito em conta. 1—5

Costureira de Pariz Rua de S.

Bento n. 81. 4

Madame Pruvot, costureira de Pariz tem a honra de participar ao respeitavel publico que, em sua casa acabão de chegar directamente de Pariz, duas costureiras as quaes se achão habilitadas para fazer toda e qualquer obra de costuras pertencente as senhoras, com perfeição e delicadeza. 1—4

Roupa Feita

AU MONDE ELEGANT

41 Rua do Ouvidor 41

RIO DE JANEIRO.

Grande e variado sortimento de roupa feita para homens, meninos e crianças.

Pannos, casimiras, alpacas, merinós e brins etc. etc. Para mandar fazer sobre medida.

Amazonas, vestidos de montar para senhoras.

CHAMPETEL & CARVALHO.

Grande sortimento de roupa feita para homens.

Pannos, casimiras pretas e de cor, merin; camisas, ce-ronhas, gravatas pretas y de cor: alpaca preta.

HOTEL LEFEBRE.

1—2

EM SÃO PAULO

CASA FILIAL DA DO RIO DE JANEIRO

Grande e variado sortimento de roupas feitas para homens, meninos e creanças.

PARA HOMENS.	PARA MENINOS.	FAZENDAS.
<p>Casacas de panno preto. Sobrecasacas de dito. Paletós-sobre de dito. » de cõr. » de casemira de cõr. Paletós Solferino preto. » Roial. » Gorgorão. » de alpaca preta. » de cõr. » de gorgorão de seda. » de dito de seda da India. » sacco de casemira. » de alpaca. Dorsays de panno preto. » de casemira de cõr. » de gorgorão de seda. Colletes de seda preta e de cõr. » de casimira » »</p>	<p>Colletes de merinós pretos. » de brim branco e de cõr. » de fustão » » Calças de casemira preta. » de cõr. » de brim branco. » de cõr. Robs-chambres de todas as qualidades. Camisas bordadas para casamentos » parisienses. » de morim com peitos de linho. » de morim. » de flanela branca. » de cõr. Ceroulas de linho. » de algodão.</p>	<p>Paletós de panno preto. » de casemira preta. » de cõr. » de brim. Jaqueta de panno preto. » de cõr. Calças de casemira preta e de cõr. Chapéus de feltro. » de casimira. Bonets á fantasia. » de velludo</p>
	<p>PARA CRIANÇAS Desde a idade de 1 até 10 annos. como uniformes de fustão, popeline, seda, sendo este de diversos modelos, taes como: á Luiz XIV, Richelieu, Henrique IV, Zouavos etc.</p>	<p>Panno preto francez. Casimiras pretas francezas. » de cõr » Merinós, brins, alpacas, sedas, fustão, etc. = Para fazer sobre medida toda e qualquer obra, tem para esse fim contra-mestre e officiaes de primeira ordem, podendo apromptar qualquer encomenda com muita brevidade.</p>

No sobrado da mesma casa acaba de chegar um moderno sortimento de chapéus de todos os feitios para senhoras; cortes de vestidos de seda, nobresa, chamalote, cassas, etc., capas de lã, ditas de seda, mantiletas, pentes de tartaruga, luvas de pellica, emfim tudo quanto se possa desejar para o toilette das senhoras, e encarrega-se da confecção de vestidos e enxovaes para noivas, afiançando-se a qualidade da costura, e sendo os preços os mais commodos do que em outra qualquer parte.

As relações directas desta casa com as principaes fabricas da Europa permitem-lhe vender todos os artigos annunciados mais barato do que em qualquer outra casa, todos os artigos annunciados por esta casa se venderão por atacado e avarejo.

Precisa-se de boas costureiras.

(1-15)

PEDRO BOURGADE participa aos seus freguezes que acaba de receber um lindo sortimento de vestidos pretos de monantique de chamizote e tambem capas de seda bordada pelo preço de 79, 70 e 65⁰⁰ réis, bournuz de côr a 14 e 15⁰⁰ rs. cada um.

1—3

França e Brazil.

Grande sortimento de roupa feita.

45 Rua do Rozario 45.

PEDRO BOURGADE tem a honra de participar á seus freguezes e ao publico d'esta capital que acaba de receber directamente das melhores fabricas de Pariz, o seguinte:

Para homens—Sobre-casacas de panno preto de 40^{rs} á 45^{rs}, sobretudos de Castor de 30^{rs} á 50^{rs}, Canroberts de 40^{rs} á 55^{rs}, Cochmans inglezes á 35^{rs}, Seymours ferrados de seda e acolchoados de 38^{rs} á 42^{rs}, paletós Castor e cazimira de 22^{rs} á 47^{rs}, Gaxours de de panno piloto 1.^a sorte de 50^{rs} á 58^{rs}, ditos á 38^{rs}, Paletots pilotes á 35^{rs}, ditos á 32^{rs} e 34^{rs}, Paletots de brim de linho de 6^{rs} á 8^{rs}, ditos de linho e algodão á 5^{rs}, ditos de alpaca á 12^{rs} e 15^{rs}, Chambres orientaes de 10^{rs} á 12^{rs}, ditos de cachemira á 28^{rs}, ditos acolchoados de seda de 75^{rs} á 100^{rs}, Colletes de panno piloto, modernos de 9^{rs} á 10^{rs}, ditos de gorgi-rão á 10^{rs}, ditos de brim de 5^{rs} á 8^{rs}, Calças de panno piloto á 16^{rs}, ditas á 14^{rs}, ditas á 12^{rs}, Serouils de linho á 46^{rs} a dúzia, ditas imperiaes de 22^{rs} á 26^{rs}, Botinas—Melliés, Sapatos de duraque, Camizas, Gaxatas, B nets, Chinellos de tapete e bezerro, chapros pretos modernos, ditos de pello de lebre, ditos de palha de todas as qualidades e côres, Paletots para meninos de 9 a 14 annos, e um vestuario composto de Paletot, collete e calça de cazimira por 32^{rs}000.

Para as senhoras—um rico sortimento de vestidos de seda, de côres, trazendo cada sorte seus respectivos enfeitos, cortes de vestidos de lã e seda, e de lã somente, ditos moire antique, capas de seda de 50^{rs} á 60^{rs}, ditos de panno, zouavos e cintos dourados á 2^{rs}000.

Pedro Bourgade em sua ultima viagem á França estabeleceu uma communicação directa com uma das melhores casas de Pariz; estas condições lhe permitem vender tão barato, ou para melhor dizer, ainda mais barato que qualquer estabelecimento especial deste genero. Não tendo conta alguma a prestar no Rio de Janeiro, não tendo socio a quem com o qual dava partilhar os fracos beneficios de seu commercio; elle acha-se habilitado a fazer participar a seus freguezes de suas boas condições de compra, assim por exemplo achar-se-ha em sua casa vestuarios completos de cazimira, boa qualidade, compostos de uma calça, um paletot e um collete pela somma modica de 32^{rs}000 l mesmo no Rio de Janeiro o comprador não achará fazendas tão em conta em consequencia de que os negociantes daquelle praça tem muito maiores gastos de alugueres de casas, illuminação e outros.

De mais a melhor maneira de reconhecer a verdade deste annuncio é chegar á rua do Rozario n. 45.

FRANÇA E BRAZIL,

45—Rua do Rosario—45

Liquidação de mercadorias

(Durante dois mezes sómente.)

PEDRO BOURGADE, tendo recebido um grande sortimento de roupas feitas, e desejando mostrar aos seus numerosos freguezes, que as suas fazendas são realmente vendidas por um preço excessivamente modico, faz uma liquidação immo entãda do seu rico sortimento.

A lista dos seus objectos abaixo mencionados, apenas offerece a uma amostra da grande quantidade de mercadorias que existem á venda.

Os compradores que durante os dois mezes da liquidação se sortirem nesta casa, comprarão por preços inteiramente excepcionaes.

Pedro Bourgade julgando bem este systema, vender barato, assegura do novo ao publico que nenhuma casa do Rio, nem da provincia pôde vender fazendas por tão-modicos preços.

Para prova do que affirma convida ao publico a que visite os outros estabelecimentos deste genero, e compromette-se a vender por menos que em qualquer outra casa.

Alem disso, o annunciante roga aos seus numerosos freguezes e ao publico em geral, que venha visitar o seu estabelecimento, e á vista se convencerem da verdade deste annuncio, não só pelo rico sortimento, como pela commodidade dos preços.

Grande sortimento de roupas feitas.

Rico sortimento de sobrecasacas de panno superior 45\$.

« « « Ditos de 38\$ a 40\$.

Paletots de Alpaca do norte 3\$.

Ditos de casemira de cor, forrados de alpaca a 15\$.

Ditos ditos a 20\$.

Ditos inglezes de casemira superior a 26\$.

Ditos de panno de cor, primeira qualidade de 25 a 27\$.

Ditos de alpaca preta a 15\$.

Ditos forrados de seda a 16\$.

Cabans de casemira a 30\$.

Cavours de panno de 29 a 48\$.

Talnar a 40\$.

Costume completo de um paletot, uma calça e um colete por 30\$.

Calças de casemira de cor a 14\$.

Ditos encorpadas a 14\$.

Ditos de brim a 8\$.

Coletes de brim e de casemira de 6 a 10\$.

Chambres de fustao a 10\$.

Ditos de casemira da india a 28\$.

Cortes de calças de casemiras de cores de 6\$ a 16\$.

Ditos de brim de linho de 6 a 7\$.

Ditos de coletes de gorgorão preto a 5\$.

Ditos de velludo de cores de 11 a 12\$.

Seroulas de manapolão a duzia a 25\$.

Ditos de linho superior a duzia de 25 a 48\$.

Camisas de linho a 60\$.

Ditos peitos bardados a 80\$.

Meias superior a duzia 8\$.

Ditos mais inferiores a 7\$500.

Lindo sortimento de chapéos altos a 10\$.

Lindo sortimento de gravatas de 1\$ a 3\$.

Bonets de oleado a 2\$500.

Chinellos de tapete de 2\$ a 2\$500.

Botinas Mellie.

Capas de oleado e capoz a 16\$.

Estojo de viagem de 20 a 100\$.

Para senhoras.

Um rico sortimento de vestidos de seda com enfeites já promptos a 80\$.

Capas de seda muito superior a 40\$.

Ditos de panno a 38\$.

Cortes de vestidos de lã superior o covado de 1\$500 a 2\$500.

Enfeites de cabello, modernos e de bom gosto a 6\$.

Botinas para senhoras, muito superior.

Para criança.

Um rico sortimento de paletots para criança, desde 6 annos até 16. (1—10

Burnouse e Mozambique

Participa-se ao respeitavel publico que á rua do Rosario n. 45, casa de Pedro Bourgad, chegou um grande sortimento de BURNOUS E MOZABIQUE para senhoras, que se vendem desde 14\$000 até 40\$.

1—5

18 RUA DO ROSARIO 18.

Fresneau alfaiate tem a honra de participar a seus freguezes, amigos e o respeitavel publico que acaba de receber um sortimento de roupa feita para o inverno, como palitots, sobrecasacas, colletes, e calças tudo de qualidade muito superior.

1—6

A la ville de Pariz,

18—Rua do Rosario—18

Fresneau tem a honra de participar ao respeitavel publico e a seus numerosos freguezes que acaba de receber em direitura de Pariz um lindo sortimento de *roupa feita*, como sobrecasacas de panno preto, de tod s os tamanhos, da idade de 10 annos para cima, paletots sacco e paletots sobre casaca de todas as cores e tamanhos para homens e meninos, paletots de brim branco, pardo escuro, ditos de alpaca, calças de casemira preta e de cores, colletes de seda e de casemira, de fustão branco e de cores, chambres de chita, coin de seu. Garibaldi para criança de 3 a 4 annos. Lindos vestidinhos de criança, Bretão, Matelas e outros para meninos de 4 a 7 annos.

Tudo por preços muito moderados.

18—Rua do Rosario—18

1—5

ATENÇÃO.

Manoel Correia Guedes, com casa de alfaiataria, na rua do Commercio n. 39, previne aos seus freguezes e ao publico, que chegou ultimamente do Rio de Janeiro, e que tem um bonito sortimento de roupas feitas. Pannos, casemiras, brim de linho para calças e palitots, camisas, ceroulas, palitots a inglezes, ditos á Cavour, á Victor Manuel, assim como palitots de Lapim, panno preto, de alpaca preta, e de cores; cortes de colletes superiores, e gravatas as mais modernas, que tudo venderá por preço moderado. Fap por medida costumes completos de casemira superior por 35\$ rs., sendo calça, collote e palitot.

1-4

Roupa feita.

RUA DO ROZARIO N. 57

Acaba de chegar um riquissimo sortimento de roupa feita de todas as qualidades e preços, de maneira a se poder servir bem a todos, tanto ao rico como ao pobre. Todas as fazendas são de boa qualidade e vendem-se muito em conta, por chegarem em directura da Franga e Allemanha.

1-4

Jerônimo Museler

ROUPA FEITA,

Rua do Rosario n. 57.

Participo aos meus freguezes e amigos, que recobi nestes dias um completo sortimento de roupa feita de todas as qualidades para homens e meninos.

Previno que posso vender por preços muito moderados, porque comprei tudo a dinheiro, e são fazendas vindas em directura pelo ultimo paquete de Bordeaux. Além de um variado sortimento de roupa feita, encontrarão os meus freguezes: pannos finos, casimiras, gravatas, lenços de seda, camisas, etc, etc.

1-6

Jerônimo Museler.

Atenção.

Vendo-se na rua do Rosario n. 7, ricos cor-
tes de colletes de seda acoloados a preço de
3000 cada um, ditos de lã e algodão a 500 rs.
o corte. Camizinhas bordadas a 1600, e
2000 cada uma; finissima chita em cassa
a 300 rs. o covado, e muitas outras fazendas
que serão vendidas por preços muito modi-
cos.

Atenção.

Vende-se na rua do Rosario n. 7

Grande e variado sortimento de gravatas a Fi-
gáro Francklin com botões e alfinetes, a Garibaldi
etc. etc. pelos preços 1500, 2000, 3000.
Ricos cortes de calça de casimira modernos.
Ditos de collete de seda acoloados 3000.
Chapéos de pelo fino de lebre a Garibaldi 40.
Cortes de collete de lã e algodão o corte 500.
Camizinhas bordadas a 1600 e 2000, cada
uma, finissima chita em cassa a 300 rs. o cova-
do, e muitas outras fazendas tais como botinas
elásticas para senhora a 2000 rs. o par. (1

Relojoaria/Joalheria

Relojoaria.

55—RUA DO ROZARIO—55

O abaixo assignado faz seicento ao respeitavel
publico que tem completo sortimento de relajos
de todas as qualidades, que pode dar muito em
conta (á dinheiro) e tambem garante a boa qua-
lidade, igualmente encarrega-se de qualquer
concerto que ofiança por espaço de um anno.

Luiz Bamberg. — (2—8

PEDRO CHIQUET.

Antigo official da casa dos snrs. Henrique Luiz Levy & Behndt, tem a honra de prevenir
a todas as pessoas que tiverem de mandar fazer ou concertar qualquer objecto concernente de
bijouteria ou joalheria, que elle acaba de se estabelecer com uma casa concernente a esta arte
na rua do Rozario n. 24.

Pedro Chiquet espera, pelo modico preço de suas fazendas e o hem acabado de seus trabi-
lhos nada deixará a desejar as pessoas que quizerem honrar-lho com suas confianças.
S. Paulo 25 de Setembro de 1862.

1—10

Officina de Ourives.

DE
PRATA E OURO.

Rua da Fundição n.7 (Nos baixos da Concordia) Francisco José Teixeira de Moraes, encarrega-se de toda e qualquer obra de prata ou de ouro, e faz caixas para o selo das cartas dos srs. bachareis.

Na mesma casa compra-se qualquer objecto dos metais acima. 1—3

Au Bouquet de Brillantes.

HENRIQUE LUIZ LEVI & BEHRENDT, previnem aos seus amigos, e freguezes que acabão de chegar da corte trazendo um lindo sortimento de joias, brilhantes e obras de prata, e prata dourada á fantasia do melhor e mais moderno gosto, que se achão expostas no seu estabelecimento rua do Rozario n. 2.

Continuão a comprar ouro, e prata pedras finas; incumbem-se de qualquer encomenda e fabricão as joias a gosto dos freguezes, assim como concertão e vendem relógios de todas as qualidades. 1—3

AO BOUQUET DE BRILHANTE.

N. 2---RUA DO ROSARIO---N. 2.

Henrique Luiz Levy & Behrendt previnem aos seus numerosos freguezes e amigos, que havendo se despedido da sua casa o snr. Pedro Chiquet, official de ourives, contractarão os annunciantes outro official, tão perito e perfeito em suas obras como dito snr. Chiquet, de forma que continuão habilitados a satisfazer qualquer encomenda que se lhe faça.

2-10

AO BOUQUET DE BRILHANTES.

N. 2---RUA DO ROSARIO---N. 2.

Henrique Luiz Levy & Behrendt fazem scienco aos seus freguezes e amigos, que acabão de receber um rico sortimento de joias de brilhantes do ultimo gosto; assim correntes de relógio da ultima moda; receberão tambem um sortimento de brilhantes sobre papel, da primeira agua. Na mesma casa continuão sempre a fazer qualquer obra de ourives, a escolha e gosto dos freguezes. Comprão e trocãõ ouro, prata, e pedras finas.

1-3

JOIAS.

Na loja de joias da rua Direita, chegou um rico sortimento de joias e brilhantes, correntes de relógio etc. como ainda não appareceu nesta cidade.

(1-10)

LA MAISON D'OR.

N. 23—Rua do Rozario—N. 23.

Casimiro Moutte Maria previne aos seus numerosos amigos e freguezes que acaba de chegar de França, de onde trouxe um completo sortimento de joias escolhidas pelo annunciante nas melhores fabricas d'aquelle paiz, constando de adereços e meias adereços de brilhantes (ultimo gosto.) memorias, alfinetes, broches com pedras finas. Tambem ha na casa do annunciante diversos objectos de gosto e fantasia taes como ricos tinteiros de prata, bandejas do mesmo metal, miniatura da estatua equestre do Snr. D. Pedro I (de um trabalho perfeito,) diversos outros objectos dignos de nota, lunetas e oculos de arn de ouro, prata e tartaruga, oculos de theatro, quadros e uma grande porção de espelhos para cima do meza e outros etc. etc. A diversidade de objectos inibe o annunciante de fazer uma relação detalhada, espera porém que os amadores não verificar a veracidade do annuciado.

Na mesma casa se compra e troca ouro e prata.

1—10

La Maison d'or.

Casemiro Moutte participa ao publico que tendo de ir brevemente a Europa fazer novo sortimento deseja vender os objectos que tem em sua casa Rua do Rozario n. 23 constante de joias brilhantes, prata, e miudezas e assevera ás pessoas que lhe quizerem comprar que venderá por preços os mais baratos possiveis.

1—4

26 Rua do Rozario 26

Luiz Suplicy—Ouvires, muito conhecido nesta provincia e cidade de S. Paulo, pelo systema que adoptou de vender com lealdade e barateza, previne ao respeitavel publico e a seus freguezes e amigos, que acaba de chegar do Rio de Janeiro com um grande sortimento de joias de ouro, brilhantes, e prata da maneira seguinte.

Obras de ouro de todas as qualidades, correntes, etc. brilhantes em alfinetes, aneis, botões, e adereços para saia, brincos etc.; pratas, em salvas de todos os tamanhos, aparelhos de chá e café, facças, garfos, e colheres grandes e pequenas, esporas, ditas pequenas de passeio, paliteiros e etc. etc. Compra ouro, prata, e pedras preciosas, e encarrega-se de qualquer incommoda, e de tudo quanto for de sua officina.

O annunciante espera que seus amigos continuem a honral-o com suas freguezias.

1—6

LOJA DE JOIAS.

RUA DEBENTA N. 37

Alexandre e José Worms tem a honra de participar ao respeitavel publico que acabão de receber um completo sortimento de rel-gios inglezes, ditos de corda de 8 á 15 dias, e de repetição, meio chronometros e chronometros; em fim nem uma casa em S. Paulo possui um sortimento tão completo, nem vende por preços tão razoaveis.

1—5

Alexandree J. Worms

LOJA DE JOIAS

37

RUA DIREITA.

37

Participam ao respeitavel publico que acabam de receber um completo sortimento de joias, brilhantes, prata, relógios inglezes, ditos de corda de 8 á 15 dias, chronometros, meios chronometros, ditos de repetição, etc. O sortimento que se encontra nesta loja é do mais completo que tem apparecido em S. Paulo.

1—10

GUILHERME ZAPP

Ouvides fabricante

N. 12 Rua do Ouvidor N. 12.

Depois de perto de 6 annos de pratica na casa do muito conhecido ourives desta cidade o sr Henrique Schröder, acaba de abrir a sua officina na rua e numero acima, onde acha-se habilitado á fazer toda e qualquer obra tanto de ouro como de brilhantes.

Incumbe-se tambem de todo e qualquer concerto com brevidade, perfeição e tudo por muito commodo preço.

Espera merecer a confiança do respeitavel publico, e promette bem satisfazer á todas ás pessoas que o honraram com suas freguezias.

1—4

Outros (fantasias para o Carnaval, lojas que vendem de tudo, tinturaria, etc.)

Atenção.

Não haja mais medo da chuva.

Mr. Alphonse Prest, chegado de novo a esta cidade, e tendo descoberto o meio infallivel de tornar impermeavel qualquer peça de roupa, quer seja de seda, quer de algodao, sem em nada alterar a cor da fazenda, e isto só com plantas pelo mesmo descobertas nos sertões do Brazil, offerece pois ao publico desta capital seu prestimo, para o que se podem dirigir a casa do sr. Pedro Vales á rua do Rosario, em frente a casa do Profeta. Preço modico.

1—10

Atenção.

**Na rua Direita n. 45 loja de
fazendas de Antonio Tel-
xeira de Carvalho
Vende-se o seguinte.**

Botinas francezas de Mellies para Homem	
par.	10\$000
« « « «	8\$000
« Com salto para menina	1\$600
« Pés pequeno para Senhora	4\$000
Sapatos de verniz para Senhora	\$640
Chapéos de molla para meninos á	1\$000
« pollo francez para homem	8\$000
Chitas em cassa bonitos padrões	
covados	\$300
Cortes de vestido de seda preta	
com 2 saias	40\$000
« « branco e de cores bordado	
de seda covado	3\$000
Saia breca bordada á	3\$000
Capas de nobreza preta	24\$000
E muitos mais objetos que se venderão per	
preços mui commodes.	1—3

ATTENÇÃO

NA RUA DIREITA N. 45, LOJA DE
FAZENDAS DE

*Antonio Teixeira de Carvalho, vende-se
o seguinte :*

Panno preto fino e azul, covado 2\$400.
Chitas em cassa, finas, « 300 rs.
« « cambrata, « 400 rs.
Coroulas de meia para frito, uma 1\$000.
Caixas pequenas para costura, 1\$000.
Luvas de seda preta, par 640 rs.
« « « branca « 400 rs.
« « camurça amarella, par 640 rs.
Cortes de casimira para calça, corte 5\$000 rs.
Meias para senhora, duzia 3\$600
« « homens, « 2\$240
« « meninas e meninos, pés pequenos,
por duzia 2\$240
Manteletes de nobreza preta, uma 10\$000
Galões brancos para enfeites de vestidos, vara 160
Botões brancos, dito, dito, duzia 240.
Cintas de algodão para homem, uma 240
Suspensorios para meninos, par 180
Riscado de seda para paletó e calça, cov. 1\$200
Lampeões para escriptorio, um 4\$500
Lenços brancos bordados para mão, um 280
Ditos, ditos com renda, um 320
Livros de missa, capa de tartaruga, um 8\$000
Cortes de vestidos em cassa 3\$200
Lamparinas de balança, uma 1\$280

Assim como muitos mais objectos, como sejam
machinas de café, chá preto, rapé, arêa preta,
frascos de viagem, est-jos de ferros de tirar
dentes, ditos de ditos para os limpar, bules de
metal branco, thesouras finas, grandes e peque-
nas muito superiores etc. etc.

Atenção.

**Na rua Direita n. 45, loja de
fazendas de Antonio Teixeira
de Carvalho vende-se
o seguinte :**

Panno preto e azul fino 2\$400—covado.
Chitas em retalhos superior 140 »
Baetilha branca superior 800 »
« de cores, de Xadrez 960 »
Luvas de seda preta 640—par.
« de lã, para o frio 600 »
« de casemira « 1\$500 »
« de lã e seda « 1\$500 »
Camisas de meias 800—uma
Meias para homem 2\$240 a 6\$—duzia.
« « senhora 3\$000 »
Metins para forros 200—covado.
Mantiletas da nobreza preta 5\$000—uma.
Merinós de cores 640—covado.
Nobreza superior de cores, encarnada 1\$600
covado.
Tafetá de cores, de seda 320—covado.
Meias de lã e algodão para homem 560—par.
Cadareço de seda preto, para sapateiro 160—
pessa.
Elastico para sapateiro 1\$800—covado.

1-3

Novo estabelecimento

12 Rua do Rosario. 12

A. S. P. Saraiva acaba de receber um completo
sortimento de perfumarias finas; luvas de pel-
lica legitimas de Jouvin, gravatas de senatoar,
botões prra punhos de camisa; chapéos de to-
das as qualidades para homens, ditos de palha
enfeitados para senhoras, manteletas e propho-
tas de nobrezas bordadas, córtes para vestidos de
velludo e nobreza lavrada e mais fazendas de
seda, linho, lã e algodão.

AU PAUVRES DIABLE.

5 RUA DO ROSARIO 5

Casa de Melle. Maria Malzac.

Novidades para luctos, chegados pelo ul-
timo paquete francez, como brincos, alfine-
tes, brochaes, grampos botões, etc. etc.

1-3

CARNAVAL

EM
CAMPINAS.

O abaixo assignado espera pelo 1.º paquete da Europa um rico e variado sortimento de mascaras, enfeites de todas as qualidades, e flores para o carnaval, vende tudo por preços mais baratos do que ninguem, por que recebe em direitura estes generos em grande porção. Tambem tem para alugar em sua casa um escolhido sortimento de roupas de diferentes gostos, e caracteres, cabeleiras, e barbas, o que tudo aluga para os dias do carnaval por preços commodos, e tambem aluga para fóra da cidade.—Rua Direita n. 36—Campinas 15 de Novembro de 1862.

Manoel de Araujo Roza Junior.

1—10

Quarta-feira 19 do corrente

AS 4 HORAS DA TARDE //

RUA DO COMMERCIO N. 3

Grande e extraordinario Leilão.

De um variado sortimento de fazendas finas e grossas, e objectos de molhados, constando de pannos finos azul e preto, casemiras enfeitadas, cassinetas de algodão, de diversas qualidades, brins de linho, ditos de algodão, chaes de cachemira, alpaca, merinó cubico, magentas, lenços de seda, ditos brancos de cores, chita em cassa, balões brancos, e encarnados, bertas, mantas escuras, cortes em cassa, retróz do Porto; quintos de vinho branco e tinto, manteiga Holandesa, sardinhas de Setubal, ervilhas de conserva, cebolas de Lisboa, e outros muitos artigos.

Sebastião Antonio Gomes encarregado pelo sr. Joaquim José de Macedo em liquidação fará o leilão acima quarta feira 4 do corrente as 4 horas da tarde.

1—2

Atenção

Na rua do Commercio n. 30 chegou rico sortimento de chapéos modernos, para senhoras chiles lavrados de lindo gosto, luvas de pelica fresca pretas e de côr, lindo sortimento de botinas enfeitadas para senhora, camisinhas m dernas para senhoras, capas do panno modernas, botões, chitas padrões modernos, grande sortimento de meias para homens, senhoras, meninos e meninas, grande sortimento de perfumarias, bengalas, chapéos de chuva, de 16 barba-tanas, ditos de 8, pentes de tartaruga, ditos tartarugados, e que vende-se tudo por menos preço que em qualquer outra casa.

ATENÇÃO.

Rua do Commercio n. 30, casa de Augusto José Pereira, chegou um lindo sortimento de chapéos modernos sendo chiles abas largas dictos de lebre abas largas com fitas de côr, dictos de palha de Italia ricamente enfeitados do ultimo gosto, e que vendem tudo por menos preços que em qualquer outra casa.

Vende-se barato para vender muito.

RUA DO COMMERCIO N.40.

Antiga casa do Barato.

Completo sortimento de molhados, por atacado, por preços os mais rasoaveis, como seja vinho Lisboa 30\$ o decimo ou 300\$ a pipa, dito branco a 35\$ o decimo, cerveja em garrafas a 6\$, 7\$, 7\$500 e 8\$ a duzia, dita em meias garrafas a 5\$ a duzia, champagne em garrafas e meias garrafas, muito superior a duzia 25\$, genebra em frascos duzia 6\$ e 7\$500, vinagre superior a 25\$ o quinto, passas muito superiores em caixas e meias caixas a 9\$, manteiga superior a 880, conservas em vidros e meios vidros duzia 9\$ e 10\$, sardinha de Nantes, em quartos 400, ditas em meias latas a 640, velas de sebo á 5\$400, 6\$800, 8\$, 9\$400 e 11\$ a caixa com 192 e 252 vellas cada caixa.

Goiabada muito superior, em porção de mais de 25 caixetas a 800.

Na mesma casa ha tambem diversas fazendas e outros artigos que se vendem a varejo, pelos seguintes preços: ricas chitas em lambrã e organdis a 280 e 320 rs. o covado, cortes de chita em cassa finas a 3\$, ditas a Garibaldi a 3\$200, cortes de vestidos de chali a 10\$, capas de panno para senhoras, proprias para a estação de inverno a 14\$, 15\$ e 16\$, casemira setim muito fina a 2\$ o covado, camisas de linho muito finas ricamente bordadas a ponto real a 12\$, ceroulas a 1\$280 cada uma, peças de morim para forro a 3\$, ditas com pequeno defeito finas a 3\$500, ditas finas sem defeito a 4\$800, riscadinhos francezes para vestido a 160 rs. o covado, peitos para camisas com punhos e colarinhos duzia 2\$, meias de lã superiores duzia 4\$, riscados proprios para paletot covado 200, riscados 3\$ pessa, jarda 300, retroz libra 5\$. Sobretudos de panno superior 30\$ paletots de alpaca para homem e meninos a 3\$200, ditos de brim de linho a 4\$. ditos de casemira a 15\$, ditos superiores forrados de seda 20\$, lavatorios com tampos de pedra e pertences 50\$, cadeiras francezas superiores a 7\$500, castiças e salvas de prata de lei a 400 rs. a oitava, um rico quadro moldura dourada 40\$, papel pardo para embrulho 1\$200 a resma. 1—3

Grande e extraordinario leilão

Para liquidação.

Rua do Commercio n. 40 antiga casa do Barato.

O proprietario deste estabelecimento, tendo de seguir para a côrte a fazer novo sortimento mandará vender em leilão, quanto existe em sua casa de commercio, constando de um variado sortimento de fazendas finas e grossas, molhados, objectos de armarinho, roupas feitas porcelanas, a retroz, quadros de moldura dourada, cadeiras francezas, charutos, e muitos outros objectos. Que tudo será vendido sem reserva ao correr do martelo. O leilão deverá começar 2.^a feira 11 do corrente as 5 horas da tarde, e continuará nos dias seguintes, até terminar o que por esta forma se espõe á venda. 1—3

Grande e extraordinario leilão

Para liquidação, hoje 14 do corrente as 4 horas da tarde em continuação.

Rua do Commercio n. 4 antiga casa do Barato.

O proprietario deste estabelecimento tendo de seguir breve para o Rio de Janeiro a fazer novo sortimento venderá em leilão quanto existe em seu armazem constando de um variado sortimento de fazendas finas e grossas, generos de molhados, constando de vinhos Lisboa, Porto, cerveja, vinagre Lisboa, champagne tinto, bordeaux, velas de sebo de diversos tamanhos, conservas inglezas, passas superiores, letria no caixão, charutos da Bahia e muitos outros objectos. O leilão hoje principiará pelos generos de molhados, que se venderão em lotes a vontade do comprador, sendo vendidos das 4 as 6 horas da tarde e as fazendas das 6 as 9. 1—3

Novo estabelecimento.

Mme D'Aubigny, bastante conhecida do respeitavel publico desta cidade, previne aos seus amigos e conhecidos que acaba de abrir um estabelecimento na rua do Rozario n. 15, assegura que as pessoas que quizerem honrar-lhe com sua confiança serao tratadas com toda a boa fé possivel e envidará todos os seus esforços para merecer sua benevolencia. Os artigos comprehendidos no commercio do seu estabelecimento compõe-se de objectos de armarinho, perfumarias, charutos, gravatas, enfeitos e ornatos para bailes: independentes dos artigos que ella põe a disposição do publico Mme. D'Aubigny previne ás pessoas que quizerem confiar-lhe trabalhos de modas, que encarrega-se de tudo que diz respeito a toda especie de trabalhos de costuras.

1-4

Luvas de pellica de Jouvin.

RUA DO ROZARIO N. 15

Esquina do becco da Quitanda.

NA SELLARIA DE GUILHERME FUCHS, á rua do Rozario n. 48; chegou um bom sortimento de selins inglezes para montaria de homem, sellas bordadas e lizas, selins de sr. ordinarios e finos, sellas para meninos, cabeçadas brancas inglezas, redondas, e invernisadas, mantas de cabra, castor, e xadrez, malas brancas, e envernizadas, coxins para cima de selim, col-dres, freios, estribos, espóras, cabeções, chicotinhos, bolças, para viagem, frascos ditos, can-galhetas com canastrinhas. Na mesma casa encontra-se os objectos seguintes: fitas, flores, plumas, rendas de seda e algodão, filó de seda e algodão, escorsia para forro, dita fina, botões para vestidos de varias qualidades, guarnições ditas, fitas de velludo, ditas de chamalote, camizinhas e colarinhos bordados, entremeios bordados, toucas bordadas para criança, cintas, fivellas para ditas, cordão e fita elastica, enfeites de cabeça, veu preto e branco, lenços de linho, peitos de camizas, luvas de pellica, seda, e algodão, uço para balão, muito largo, retriz, froco, barbatanas, linha de carritel preta, branca, e de cores, caixinhas de costuras forradas de velludo, cestinhas de contas, diversas qualidades de contas, travessas para meninas, tran-celim, e galão, talagarça, caixas com sabonetes, gravatas com botões e sem elles. Todos estes generos se vendem por preço muito comodo.

1-3

CARNAVAL.

Rua do Imperador n. 3.

Nesta casa existe a habitação e estoários para o carnaval, e que se alugão e vendem-se por preços commodos.

1-2

Joaquim Pedro de Azevedo Segurado trouxe do Rio de Janeiro fazenda e objectos d'homem como sejião cortes de cazemira modernas, ditas de seda para collete, Gravetas de seda modernas estreitas e largas á Garibaldi, senader, a Figaro a Frankslin etc, Bongalas de diversas qualidades.

Vende por commodo preço em casa do sr. Commandador Manoel Antonio Blancourt largo do Chafariz n.

Joaquim Pedro de Azevedo
segurado tendo chegado ultimamente
do Rio de Janeiro trouxe um grande e variado
sortimento de musicas, que vende pelos preços
do Rio de Janeiro.

A NOITE DO CASTELLO

Opera nacional em 3 actos composição de G.
A. Gomes com o seu fiel retrato.

THEOURO DOS PIANISTAS

Collecção de peças brilhantes para piano,
Rigoletto de Verdi por A. Gorla 2\$.

NOITES SEM SONNO

Collecção de Fantazias para piano.

Belizario por Beyer 1\$.

Primiera Reverie de Rosellen 1\$.

1. Duo Foscari de G. Verdi por F. Beyer 1\$.

Cavatine de la Niobe por Burgmuller 1\$.

NOITES DE LUAR

Nocturno por H. Ravina por 1\$500

» por Dohler 1\$.

Douce Souvenance por Weli 1\$500.

Nocturno por A. Dreyschek 1\$

LIVRO DE OURO

DOS

PIANISTAS:

Favorita de Donizeti por H. Rosellen 2\$.

La Jota Aragonesa Caprice hespanhol por
Gottschalk 1\$500

Il Trovatore de Verdi por E. Albert 1\$500

As vespas Sicilianas de Verdi por Rosellen 2\$

ALEGRIA DOS SALÕES.

Souvenir de Varsovie celebre mazurka por
Schulhof 1\$.

La Pluie de perles valsa brilhante por Osbone
1\$500.

ALBUM DOS SALLÕES.

Il Trovatore, Miserere por Emile Prudent
2\$.

Marche Triumphante d'Isly por Meyer 2\$.

Danse Andalouse caprice de concert por Ascher
2\$.

La Napolitana, etude de legèreté por Lysberg
1\$500

La Priere de une Vierge \$640.

La Campanella, etude concertante por Taubert
1\$500.

Marche Bohème por Ascher 2\$.

REPERTOIRE DES JEUNES PIANISTES

por F. BEYER.

Lucrezia Borgia, Elisire d'Amore, Linda de
Chamonix, I. Puritani, Lucia di Lammermoor,
la Fillo da Regiment, Rigoletto, Moizes, Tra-
viata, Ernani, La Favorita, I Montechi e Capu-
leti, H. Barbieri di Siviglia, Lombardi, Jerusa-
lem, La Somnambula, cada uma 1\$000

LOTO MUSICAL.

Novo jogo divertido, proprio para as pes-
soas principiantes em musica, e para aquellas
que tem já noções; instrue divertindo.

Brinquedos de Borraxa a 1\$500 e muitos ou-
tros objectos de moda, como sejam Capas de panno
encorpado proprias da estação para senhoras,
Bournous de lã e seda, Manteletas ricas de seda
preta, Camizinhas para sura com collarinho a
Pinaud e com botões, e outras de diversas qua-
lidades, Challes de crochet, ditos de lã superio-
res, cintos modernos com bicos, ditos Medicis
com pedras, Fichus de fillôt e velludo preto,
Ballões de mousseline, Manteletes e vestidos
de lã da mesma côr, enfeites de cabeça moder-
nos de diferentes qualidades, lãas de bordar,
Fitas crespas de diversas larguras, Toucados
enfeitados de palha d'Italia o mais fino que ha,
Chapeus Clauche Brunswik, á Beatriz e muitos
outros objectos d'armarinho que vende por
commodo preço.

Para tratar no escriptorio deste jornal.

Importação directa.

DA
EUROPA.

Rua direita n. 4

O abaixo assignado, tem a honra de prevenir aos Srs, negociantes desta praça e provincia, que acaba de receber as seguintes mercadorias, que vende pelo mesmo preço do Rio de Janeiro.

Vestidos de seda preta, peças de dita peças de Cazeye e de pano preto superior, cortes de casimira para calças, manteletes de seda preta; camisas de morim, linho e flanela, Ceraulas de morim, linho e flanela, lenços de linho e cambraia, gravatas de seda de todas as qualidades, collarinhos e punhos postiços de linho; calçado para homem e senhoras; luvas de pellica de Jouvin, bengalas, chicotes, espelhos, escovas de todas as qualidades, pentes.

Sortimento completo de perfumarias, ricos estojos para viagem, livros em branco, papelaria, tinta de escrever e copiar... etc. etc.

1—15

Guelfo de Lallier.

Vende-se por atacado.

LUVAS DE JOUVIN.

Vende-se luvas de pellica do fabricante Jouvin, a 20~~0~~000 rs. a dúzia.

Rua Direita n. 4.

2—3

Pazendas e generos da Europa

RUA DIREITA N. 4.

Guelfo de Saillhac participa aos srs. negociantes d'esta praça e desta provincia, que acaba de abrir uma casa de importação de generos e mercadorias da Europa para vendel-as por **atacado**.

Recebendo mensalmente.

Sortimento de generos variados **remitidos directamente por sua casa estabelecida em Paris**, acha-se habilitado á vendel-os pelos **mesmos preços do Rio de Janeiro**, resultando d'isso para os compradores a economia dos fretes e carretos do Rio para esta.

Vende-se só por atacado.

Rua Direita n. 4.

Nobreza preta em peças, cortes de vestidos de dita, barege em peças, cortes de casimira para calça, panno preto em peças, gravatas pretas e de cor, paletóts e sobre-casacas de panno e nouveauté, ceroulas de linho, algodão e flanela, camisas, com peito de linho e fustão, camisas de flanela branca e de cor, lenços de linho e cambraia, chapéos de lebre e velludo, ditos, enfeitados para senhoras e crianças, collarinhos e punhos de linho, perfumarias, papelaria, objectos de escriptorio, estojos de costuras e para viagens, escovas de todas as qualidades, espelhos, pentes, livros em branco, pastas, albuns para desenho & c.

Vende-se só por atacado.

1—10

Rua Direita n. 4. ✓
REALEJO.

Na casa acima referida, existe a venda, um
excellente harmoniflute de dois cylindros, d'um
dos melhores fabricantes de Pariz. 2—3

Rua Direita n. 4
VINHOS E COMESTIVEIS.

Acaba de chegar; um completo sortimento
de vinhos de Bordeaux, Madeira, Xerês, Mala-
ga, champagne, marca VIUVA CLICQUOT, e
Moët etc. Xandon, conservas de qualidade va-
riada, Charopes sumo de fructas para dito—
fructas em calda, ditas cristalizadas, confeitos
superfinos, chocolate—Pain d'Epice, Mougat
Blanc. 2—5

Biscoutos para chá e Vinhos
«Salamé de Lyon.»

Tudo de superior qualidade.
Vende-se só por atacado

Rua Direita n. 4
CALÇADO PARA HOMEM.

Acaba de chegar um completo sortimento
de Botins de qualidade superior que se vende
em porção por preço commodo. 2—5

GUELFE DE LAILHACAR
RUA DIREITA N.º 4.

Agua de cologne, perfumarias, estojo
para viagem e costura, escovas de toda a
qualidade, pentes, espelhos, objectos de
escriptorio, livros em branco, albuns, vis-
tas para *Stereoscopes*, fechaduras de
segurança—francezas, trincos de porta de
cristal, cutelaria, thesouras, etc., esponges
finos. 1—15

Sò por atacado.

GUELFE DE LAILHACAR.**RUA DIREITA N.º 4.**

Cortes de vestidos de nobreza e moire antique, nobreza em peças, chapêos de lebre e veludo para homens. collerinhos postiços de linho, punhos de dito, lenços de linho e cambráia ditos bordados, camisas de peito de linho manteletes de nobreza preta, ceroulas de linho e algodão, gravatas, metim francez em peças, seda para forro, saias balão, sortimento de fivelas, botões, galões e outros objectos. 1—30

*Vende-se sò por atacado.***GUELFE DE LAILHACAR****RUA DIREITA N.º 4.****CALÇADO**

Sortimento completo de botinas para homens e senhoras, chinellas aveludadas, ditas de couro de cor e verniz, sapatos e botinas para creanças. 1—10

*Sò por atacado.***GUELFE DE LAILHACAR****RUA DIREITA N.º 4.****PARA O INVERNO**

Camisas de flanela, ceroulas de dita, panno piloto para paletós, casimira encorpada para calças, prophetes, talmás, bur-nous, zouaves, etc. para senhoras, cache-nez, gravatas, meias de lã, ditas de algodão, luvas de casimira, ditas de seda, enfeites para cabeça. 1—30

Sò por atacado

Rua Direita n.º 4
CALÇADO PARA HOMEM.

Acaba de chegar um completo sortimento de Botins de qualidade superior que se vende em porção por preço commodo. 4—5

A loja do Lion d'Or que se achava na rua do Carmo, mudou-se para a rua do Rosario n. 6, aonde se achará sempre um sortimento de guarda-chuvas, e concerta-se sempre os mesmos. Tem sempre sortimento de perfumarias; bengalas, escovas para facto e dentes: meias de homem, senhoras, e crianças, e do conego etc., camisas de meir, ceroulas de meia, saias de meia, e muitos outros objectos que seria longo narrar.

Acha-se nesta casa uma grande porção de tinta de escrever da primeira qualidade, como charutos da Bahia de 1ª sorte; botinas Meliet para homem e senhoras.

1-4

Grande pechincha **na rua Direita ns. 6 e 7, loja** **dos Coelhos.**

✱ Chegou a esta casa um grande sortimento de chapéos patente de pello de seda, que serão vendidos pelo modico preço de 8\$ rs., fazenda que valle 12\$; ha tambem moiré antique muito superior a 5\$500 o covado, para vestido, nobrezas pretas, bem como um completo sortimento de fazendas que serão vendidas a preços muito razoaveis.

1-3

N. 6 Rua do Rosario N. 6.
VICTOR MARMOTANT.

Grande sortimento de chapéus de chuva, tanto para homens como para senhora, bengalas, objectos de bijouterias. Fabrica e concerta chapéus de chuva; optima tinta de escrever; sabão vegetal para tirar nodos, elixir adontalgico, remedio infalivel para dores de dentes e muitos outros objectos á preços modicos, e se achará bons charutos da Bahia etc., producao de Havana, papel de mil qualidades, quer branco quer de outras cores, e objectos para uso proprio, e para quem tem amores, e outras coisinhas de cá, sendo sempre, deposito, de chocolates do melhor que ha, sendo de saude

“	de Muzgo	}	a 1\$300 a libra
“	homœopatico		
“	com Baunilha		
“	purgativo		
		3\$500	“
			3

Casa pintada de muitas cores
Rua Alegre n. 34.

Continua a tingir e lavar como de costume todas as qualidades de lã, seda, algodão, linho, e as fazendas mescladas de seda e algodão, chales, vestidos, cazacos, sobre-cazacos, calças, coletes, mantilhas, capas, batinas, véos, ornatos de igrejas, cochonilhas, etc., as meias de seda, e os chapeos de palha do Chille; tingo chapéus de pelto preto, e de palha de cor de café; tira mofo das fazendas de lã e seda; lava luvas de pelica, camurça e outras, tudo por preços razoáveis.

N. J. V. FERARD, tintureiro roga as pessoas que tiverem obras em sua casa de um e dous annos, de as procurarem, pois do contrario serão vendidas para cobrar-se do seu trabalho.

1 3

N. J. V. FERARD, tintureiro roga as pessoas que tiverem obras em sua casa de um e dous annos, de as procurarem, pois do contrario serão vendidas para cobrar-se do seu trabalho.

2 - 4

A NOTRE DAME DE PARIZ

RUA DIREITA N. 14.

Enfeites pretos para cabeça.

Seda preta em peça muito larga, e encorpada.

Moiré antique em peça.

Vestidos de moiré antique preto.

Ditos de seda preta com babados lavrados.

Ditos de seda de côr—Pompadour.

Ditos « « babados.

Grande sortimento de chapéos de seda os mais modernos.

Toucados de palha de Italia para senhoras.

Chapéos de palha para senhoras, gosto Irlandez.

Ditos ditos (forma cloche.

Ditos para meninas e meninos.

Brunus, ou Algeriennes modernissimos.

Chapéos phantasia para homens.

Calçados, camisas e coroulas para homens.

Bengalas; charutos de Havana, e outros muitos artigos: o que tudo vende-se a preço muito moderado.

2—6

ATENÇÃO.

Chegou a rua do Rosario n. 48 chapeos de sra. muito modernos que se vende por 12\$000 e 14\$000, camizinhas bordadas, pulseiras de conxas, fita crespa, sabão vegetal para tirar qualquer nódoa, e muitos outros objectos proprios para modista e costureira, na mesma casa vende-se cadeiras de balanço a 22\$000 cada uma.

1—4

Atenção.

Na rua de S. Bento n. 34 acha-se á venda os seguintes generos :

Vinho do Porto fino, superior qualidade.

Dito de Lisboa superior «

Dito branco «

Cognac superior.

Vinho Bordeaux fino.

Muscatel de Setubal superior.

Espirito de Vinho.

Licores francezes finos.

Vinagre superior.

Vellas de Buenos-Ayres, de todos os tamanhos, preço commodo.

Sabão de pedra superior.

Sortimento de essencias proprias para fabricantes de licores.

Sortimento de bilhetes para o mesmo fim.

Na mesma casa continua-se a ter um sortimento de licores, aniz, genebra e reino.

Charopes de todas as qualidades.

Arnica superior.

Opodeldoque superior.

Erva Doce nova, em porção.

Grande sortimento de rolhas finas de todas as qualidades proprias para vinho e serveja.

Ricas careças de palha para a chuva.

Capotes a 6⁰⁰ rs., proprios para viajantes e trabalhadores de fazenda.

Rico sortimento de toalhas de linho de Guimarães, adamascadas superiores para mesa, de 12 a 25 palmos de comprimento.

Ditas bordadas, finas para baptizado.

Ditas para rosto, lizas.

Meias de lã para homem; senheras e crianças.

Sortimento de rendas de linho de toda largura.

Uma garrucha de 20 tiros, por preço commodo.

Uma grande e rica caixa de musica, por preço commodo.

Alpista superior libra 240 rs., arroba 7⁰⁰000.

Breu superior a 280 rs. a libra.

Alguns objectos delicados, bordados a ouro que se póde mostrar.

Rica Agoa do Flor, franceza.

Retratos em fumo de D. Pedro V, muito finos a 1⁰⁰000.

Na mesma casa continua-se a vender cal, e tem grande porção.

FIGURINOS modernos, e moldes de vestidos e modelos para trabalho de agulha.
Vendem-se no escriptorio desta typographia.

Mascaras! Mascaras! e Mascaras de setim, arame, papelão, etc. etc.
Vende-se no escriptorio d'esta typographia por preços commodos.

Mascaras de setim á 25500, ditas de arame á 25500, de papelão com barbas posticas á 15000 réis, ditas sem barbas á 900 e 800 réis, narizes posticos á 800 réis.
Vende-se no escriptorio d'esta typographia.

Grande abatimento.

Mascaras de seda e arame a 25 réis, narizes de papelão a 300 réis.

Vende-se no escriptorio d'esta typographia.